

**ARIANE
P. EWALD**

Diários e autobiografias

com Sartre em meu horizonte



**CÍRCULO
DE GIZ**

ARIANE P. EWALD

**Diários e autobiografias
com Sartre em meu horizonte**

**Contratos de sinceridade com
um Eu em fragmentos**



Rio de Janeiro, 2021



Círculo de Giz Editorial

CNPJ: 43.292.517/0001-04

Rio de Janeiro, RJ

www.circulodegiz.org/editora

Coordenação:

Diogo Cesar Nunes

Marcelo Fonseca

Ewald, Arianne P.

Diários e autobiografias com Sartre em meu horizonte:
contratos de sinceridade com um Eu em Fragmentos /

Arianne P. Ewald - Rio de Janeiro, RJ : Círculo de Giz, 2021.

118 p.

Editoração, diagramação e capa: Diogo Cesar Nunes

Revisão e revisão técnica: Mariana Barbosa, Jaqueline

Paiva e Diogo Cesar Nunes. Imagem da capa: Arianne P. Ewald.

E-book : il. color.

E-book, no formato PDF

Biografias.

ISBN: 978-65-00-34887-3



Licença não comercial Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Ao Coelho

Introito*

* A opção pelo termo “introito” porta uma ironia. As ironias, contudo, como Ariane por vezes me orientou, são arriscadas, sobretudo em textos: se o interlocutor não as recebe como tais, deixam de ser (ou sé é que em algum momento tenham sido) ironias. Assim posto: não sendo somente uma entrada, mas uma entrada ritual, um introito ressoa no rito mesmo, ou seja, não se encerra com seu fim (o fim das primeiras palavras). As primeiras palavras são, também, as últimas, como o pórtico de uma cidade acaba por abranger toda sua extensão territorial e como o maquinismo (que, por exemplo, prepara o fio) segue maquinando na feitura. Em um texto (que, cabe lembrar, é um tecido, uma costura), o maquinismo que o prepara não cessa nunca, do mesmo modo que uma missa (cuja palavra vem do verbo latino *mittere*: “enviar, mandar, dispensar”), que se conclui com o envio do acompanhamento do Senhor não se encerra com o “Graças a Deus!”. Pois bem, que a ironia não seja tanto essa, mas outra: a de que entrar na cidade do texto autobiográfico seja o gesto de uma profanação. O “eu”, já deveras sacralizado na cultura ocidental, aqui é objeto mundano. Não haveria melhor modo, salvaguardado o cuidado com a ironia, de adentrar ao maquinário de fragmentação e de costura do “auto” biográfico que o de uma evocação de tais ambiguidades. [Nota do editor].

1. Entrada; princípio.
 2. Maquinismo de preparar o fio (nas fábricas de fiação).
 3. [Religião católica] Primeiras palavras da missa.
- “Introito”, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*.*

O que será lido a seguir é desdobramento de uma palestra realizada on-line, em Novembro de 2020, no I Ciclo Internacional de Debates Sartrianos, para o qual fui gentilmente convidada, e das minhas leituras e pesquisas que vieram em seguida. Este texto foi escrito em forma de diário, já que este era o tema principal, e de forma a tentar seguir o fluxo dos dias e das ideias, das leituras, e o que foi surgindo pelo tempo que foi estabelecido para escrevê-lo. Teria ficado maior se tivesse mais tempo? Com certeza! Essa compulsão pelo trabalho de pesquisa, a obsessão da busca pela informação e a curiosidade de conhecer sempre fizeram parte de minha vida, enquanto professora e intelectual, e como pessoa. A ideia desencadeadora para esta narrativa está ligada à noção de fragmento, que me acompanha desde os tempos de minha tese de doutorado, e com a qual tenho uma profunda ligação, que vem de meu modo de pensar o mundo e os seres humanos, e de perceber que jamais alcançaremos a linearidade, muitas vezes almejada, numa narrativa de vida. São fragmentos, sempre fragmentos. Algumas vezes mais sólidos, com suportes mais precisos fixados em testemunhos (como cartas, fotografias, anotações, diários, lembranças alheias, memórias de outros etc.); outras vezes bastante fugidios e efêmeros, mas que fazem parte disso que somos, disso que nos constituímos, que nos tornamos.

Todas as citações traduzidas aqui são da minha responsabilidade; todas os grifos em citações são dos próprios autores e foram citados como consta nas publicações consultadas. Todas as referências estão em notas laterais e procurei deixá-las o mais completa possível para que não fosse necessário recorrer a uma bibliografia ao final do texto sempre que a curiosidade sobre um livro aparece durante nossa leitura. Quando houver publicação brasileira, as citações serão feitas a partir da edição em português e com referência a ela.

Por fim, e começo de tudo, este texto foi lido e criticado por aquele a quem aqui chamo de “amado”, “amado companheiro”, “companheiro amado” “meu querido” - Jorge Coelho Soares - a quem me conectei amorosamente há 30 anos e que sempre foi meu primeiro leitor e crítico amoroso-severo, sempre “necessário”.

Ariane P. Ewald

Professora aposentada do instituto de Psicologia da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), instituição à qual esteve vinculada nestes últimos 30 anos, atuando na graduação, pós-graduação, pesquisa, estágio e extensão.

Nota introdutória

Todas as dores podem ser suportadas se você as puser
numa história ou contar uma história sobre elas.
Isak Dinesen (Karen Blixen - 1885-1963)

Meu Sartre, aqui, é o que vejo emergir dos seus diários de guerra, autobiografia e entrevistas. É com este Sartre que desejo conversar e, talvez, fazer com ele um acerto de contas, já que passei boa parte de minha vida conversando com ele nas minhas atividades acadêmicas; acho que cheguei a este momento. Agora, já aposentada e fora da Academia, posso ser mais ousada e informal nesta conversa com ele. Desejo “inquiri-lo” sobre sua vida, não sobre seus livros, e fora da grandiosidade de seus textos canônicos, escritos com redobrada atenção, filtrados e re-filtrados para evitar equívocos de interpretação; desejo falar com a pessoa, não o grande escritor e filósofo, que ele foi, sem dúvida. É um outro Sartre que aqui me interessa, aquele que se sentava onde pudesse e, por alguma razão pessoal, fixava suas impressões, nos seus cadernos, sobre o mundo vivido que atravessava, através de múltiplas e inesperadas miudezas da vida cotidiana e do pensamento, e que terminam por se transformar na sua trajetória.

Com este Sartre sinto-me à vontade para me expor, da mesma forma que ele, e pensar nos motivos desta sua escrita autobiográfica - pois seu diário também é uma autobiografia. Sinto-me assim muito próxima deste Sartre, que elejo como companheiro de viagem neste texto. Ao despojá-lo de toda a grandiosidade criada em torno dele pelos que o cercavam - e um tanto por ele mesmo

também -, pude encontrar um Sartre engrandecido, aos meus olhos, pela coragem de se expor, sem afetações ou culpas. Um Sartre como um simples indivíduo, mortal, consciente disto e desejoso de viver intensamente ao limite de suas forças e que, para isto, não hesitou em fazer uso de drogas pesadas que o mantiveram acordado e concentrado o maior tempo possível. Um Sartre com medo de envelhecer e morrer, mas sem medo de viver, por vezes tão inseguro como eu, tão humano nas suas incertezas existenciais como todos nós.

Ao expor nos seus textos autobiográficos as miudezas de sua vida, senti-me autorizada para fazer o mesmo. Este será o fio condutor desta minha narrativa com Sartre - o fio de Ariadne -, permanentemente no meu horizonte existencial, na mesma estrada onde, afinal, estamos todos caminhando. Por isto, enquanto estiver me debruçando sobre o que escreveu sobre si mesmo e seu mundo, colocarei em cena, ao mesmo tempo e a meu critério, fragmentos da minha vida que vai se constituindo enquanto escrevo, fruto do meu momento histórico singular e dos acontecimentos que estão atravessando e mudando o curso de minha existência particular; miudezas irrelevantes para os que, não sendo Eu, as tem com outras formas e intensidades. Tal como Sartre construiu seu "destino", assim pavemento o que chamo de minha estrada e minha vida. Na mesma estrada que Sartre, ao lado dele, ou melhor, um ou dois passos atrás dele - para poder observá-lo melhor enquanto caminha -, inicio então meu texto.

segunda-feira, 30 de nov de 2020

Quem é esse homem que tinha o desejo de ser um grande escritor e que se tornou imortal como desejava? Como apreender esse homem senão exatamente pelos fragmentos de vida que deixou pelo caminho dos seus 75 anos? Usando exatamente os instrumentos que ele utilizou em suas análises biográficas? "O que se pode saber de um homem, hoje em dia?"; ele pergunta no prefácio do primeiro volume de *O Idiota da Família*, seu imenso estudo sobre o escritor Gustave Flaubert. O que se segue aqui, diz respeito tanto a mim, como pesquisadora e pessoa, como a Sartre - pensador e pessoa -, já que ele permitiu a nós fazermos com ele o mesmo tipo de exercício biográfico com o qual escrutinou outros escritores, pois seus diários, correspondências, entrevistas, autobiografia - falada e escrita

[...] manifestam-se, veremos, como a mais estranha confiança, a mais facilmente decifrável: como se ouvíssemos um neurótico falando "ao acaso" no divã do psicanalista [...]¹.

Agora, é preciso começar. Como? Pelo quê? Pouco importa: podemos entrar em um morto da maneira que quisermos. O essencial é partir de um problema. Portanto, entro nesse morto à minha maneira.

quarta-feira, 2 de dez

Penso aqui como iniciar um texto em que tanto de si aparece, como nos diários.

Tenho lido Michel Leiris e fico cada vez mais impressionada com o que ele gestou em *L'Afrique fantôme*² e com os desdobramentos deste diário de viagem da missão Dacar-Djibuti de 1931-1933, publicado em 1934. Sua autobiografia, *L'Age d'homme*³, originalmente publicado em 1939, é de suspender a respiração para quem lê. Sua escrita procura o máximo de sinceridade e me impacta, já que ele evidencia que sem ela, a sinceridade, não é

1
Jean-Paul Sartre. *O Idiota da Família*. Porto Alegre: LP&M, 2013, p. 8.

2
Michel Leiris. *L'Afrique Fantôme* [1934]. Paris: Gallimard, 2014 (éditions numérique). Traduzido no Brasil pela extinta Cosac & Naify; Michel Leiris. *África Fantasma*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

3
L'Age d'homme foi publicado também pela Cosac & Naify com o título *A Idade Viril*, precedido por *A literatura como tauromaquia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

possível para ele escrever. Começo a compreender porque Sartre ficou tão impactado quando o leu, ainda em 1939, antes da mobilização. Diz ele nos seu diário:

Esta manhã, quando escrevi neste caderno que gostaria de captar o estilo dos meus gestos, eu parecia um maníaco da análise, no gênero de Amiel. Passei, porém, mais de quinze anos sem me ver viver. Não me interessava, absolutamente. Tinha curiosidade de conhecer ideias, o mundo, os corações dos outros. A psicologia introspectiva parecia ter dado tudo o que tinha nas obras de Proust; tentei-a entre os dezessete e os vinte anos, com entusiasmo, mas achei que dominamos muito rapidamente esse exercício e os resultados eram bastante monótonos. E, além disso, o orgulho me afastava dela, achava que esse exame das mínimas baixezas do indivíduo só fazia aumentá-las, dar-lhes força. Foi preciso que viesse a guerra, aliada a várias disciplinas novas (fenomenologia, psicanálise, sociologia), bem como a leitura de *L'Age d'homme* [A Idade viril], para que eu resolvesse fazer um retrato de mim mesmo⁴.

4
Jean-Paul Sartre. *Cahiers de la drôle de guerre*. Diário de uma Guerra Estranha, 2005, p. 364.

5
Michel Leiris. *A Idade Viril*. São Paulo Cosac & Naify, 2003, p. 16.

6
Annie Cohen-Solal. *Sartre*. [Biografia]. Porto Alegre: L&PM, 1986, p. 117.

Sartre também deve ter tido notícia deste outro livro de Leiris, os diários da viagem de expedição etnográfica à África, mas não tenho informação se os leu e se o fez, em que momento. Michel Leiris afirma, em nota no seu texto, que foi aluno de Sartre no Havre (em algum momento entre 1931 e 1936). Era quatro anos mais velho que Sartre e já tinha percurso no movimento surrealista, com quem rompeu em 1929. Em "Da literatura como Tauromaquia", texto que precede a edição de *A idade Viril*⁵, escrito no final de 1945 e início de 1946, ele afirma: "[...] Sartre, que foi meu professor nessa cidade [Havre] e a quem me liguei em 1941 [...]"⁶.

De junho de 1931 a junho de 1936, Sartre foi professor do Liceu François I, na cidade de Havre, com exceção do ano letivo 1933-34 que passaria na Alemanha e Raymond

Aron o substituiu neste Liceu. Leiris deve ter ali assistido suas aulas pois fez o baccalauréat em filosofia e tinha ligação com a cidade nesse período. Lembra Cohen-Solal, que Sartre causou escândalo quando iniciou suas aulas no Liceu.

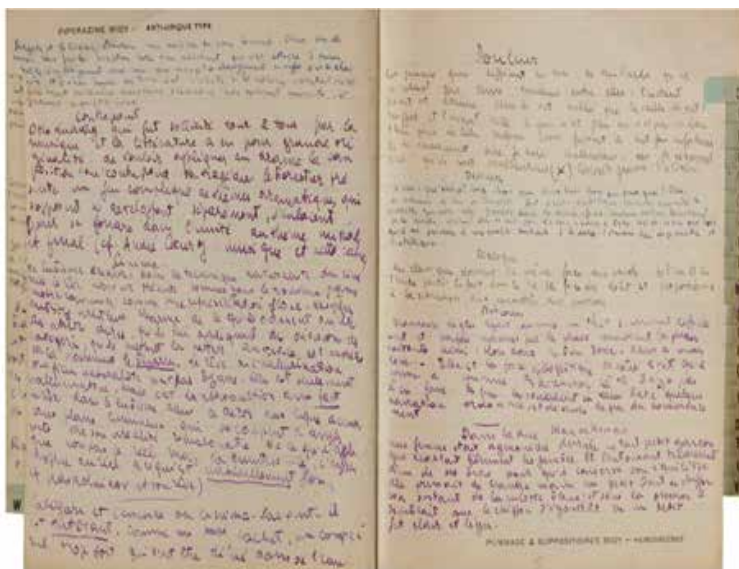
[...] diretor e prefeito do liceu, que vêem, perplexos, a vasta sala de aulas sempre aberta tornar-se, dia após dia, um autêntico baluarte do esquerdismo no colégio, uma base absoluta, onde todas as normas vigentes do regulamento interno, todas as tradições são infringidas de maneira brutal e caem, inúteis, obsoletas no campo das convenções absurdas. Sem disciplina rígida, sem registro de presença, sem a correção regular dos deveres escolares, sem o ritual das provas, das notas, sem competição, sem aprendizagem maquinal [...]⁷.

7

Cohen-Solal. Sartre. [Biografia]. Porto Alegre: L&PM, 1986, p. 126.

8

Michel Contat e Jacques Déguy. Les carnets de la drôle de guerre de Jean-Paul Sartre. Effets d'écriture, effets de lecture. In: Littérature, n. 80, 1990, p. 17-41. Acesso: https://www.persee.fr/litt_0047-4800_1990_num_80_4_2547. Ver também o ótimo texto de M. Jean-François Durand, Le jeu de vivre: une lecture des Carnets de La Drôle de Guerre. In: Cahiers de l'Association internationale des études françaises, 1998, n. 50, p. 247-262.



Tudo o que alunos desejam. Mas porque os diários? Pelo que informam Michel Contat e Jacques Déguy⁸, os cadernos de guerra foram o que se pode chamar de o primeiro diário que Sartre escreveu. Havia uma caderneta, o Carnet Midy, assim chamado porque era uma caderneta de anotações, com entradas em ordem alfabética, de um produto farmacêutico da marca Midy, que ele pegou no

metrô, indicam Contat e Ribalka nos *Écrits de Jeunesse*⁹, e que ele o preencheu nos primeiros meses de 1924. A ordem alfabética fez com que ele ali registrasse citações e também pensamentos pessoais que iniciassem com a respectiva letra, como é possível ver na imagem a seguir¹⁰.

D - "Douleur", "Descartes", "Dialogue", "Discours", "Dans la rue..." etc.

9

Michel Contat e Michel Ribalka. *Écrits de Jeunesse*. Paris: Gallimard, 1990, p. 437.

10

Imagens: Acesso em 6/jan/2021. <http://collections-aristophil.com/html/fiche.jsp?id=9477424&np=1&lng=-fr&npp=20&ordre=&af-f=1&r=>

11

Michel Contat e Michel Ribalka. *Écrits de Jeunesse*. Paris: Gallimard, 1990, p. 437.

12

Para saber sobre todos as cadernetas e cadernos de anotações de Sartre, ver o artigo Michel Contat e Jacques Déguy. Há ali uma descrição bem detalhada de cada um. Les carnets de la drôle de guerre de Jean-Paul Sartre. Effets d'écriture, effets de lecture. In: *Littérature*, n. 80, 1990. Acesso https://www.persee.fr/litt_0047-4800_1990_num_80_4_2547



A caderneta foi dada de presente a Michel Sicard no período em que se preparava uma publicação na coleção "Images Obliques" - 1979, e está à venda por 20-25 mil euros, informa a página do leiloeiro.

À direita, na imagem acima, temos as informações sobre o estado e a encadernação do manuscrito, seguido de uma pequena descrição. O acesso ao texto completo pode ser feito através do livro *Écrits de Jeunesse*¹¹ (Apendice II), com detalhamento e contextualização do mesmo na bibliografia de Sartre (Notice) feito pelos organizadores do livro, Michel Contat e Michel Ribalka. Há também uma extensa nota de Michel Sicard, na qual conta detalhes sobre a caderneta e como a ela foi parar em seu poder. Foi a partir dela que Sartre teve a ideia de compor um dos personagens de sua novela *A Náusea*, o Autodidata, que lia por ordem alfabética. Não é um diário, mas nos coloca diante do estudante de 19 anos (1924) que se prepara para a École Normale Supérieure e sente um impulso de registrar pensamentos nesta caderneta¹².

13
Albert Camus. *Diário de Viagem*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

Os diários, creio, têm este mesmo impulso, a necessidade de registrar algo, por isto possuem tanta liberdade de criação quanto à sua forma e conteúdo. O que o caracteriza, essencialmente, acaba sendo sempre a entrada temporal, a demarcação do tempo que nos faz acompanhar, mesmo em fragmentos, alguns momentos congelados nestes escritos de uma pessoa. É como uma “fotografia narrada”, há aquilo que a imagem preservou, aquele instantâneo, mas há também a narrativa daquele que “conta” a fotografia, e esta “contação” está diretamente ligada à sua própria história, ao seu caráter e ao seu humor naquele dia. Albert Camus, em seu *Diário de Viagem* aos EUA, em 1946, estava muito doente. Quando não estamos bem de saúde, a vida fica embaçada; nossas lembranças são quase sempre atravessadas por mal-estar, dor e um certo grau de impaciência com os outros, com o mundo. Ao relatarmos uma lembrança ao Diário, este estado também estará presente e pode afetar a forma emocional pela qual o descrevemos. São filtros para o mundo, áspera sinceridade. Sua visita à América do Sul em 1949, tem também esses mesmos problemas, acrescidos de insônia e calor¹³. Assim, a cada dia que registramos pedaços de nossas vidas e sentimentos no caderno, o fazemos tendo como pano de fundo um horizonte que nos faz emergir para um futuro no qual nos lançamos a partir do presente que vivemos. Uma noite ruim provavelmente nos fará olhar para o dia que surge de forma enviesada, mas, claro, isso não é regra. Tive sequências de noites muitos ruins, há anos atrás - e ainda tenho -, que me deixavam completamente exausta no dia seguinte; em algumas delas não conseguia sequer cochilar: lia, arrumava papéis, preparava aulas... percebia em mim os efeitos da menopausa e não queria criar mais uma batalha com meu próprio corpo, que já lutava contra a crônica gastrite por estresse. O dia iniciava e eu simplesmente fazia o que tinha para fazer e suspendia meu desejo de dormir até a chegada da próxima noite. Vivia na esperança de uma noite inteira de sono que felizmente aconteciam, mas não com a frequência que eu necessitava. Apesar de muitas vezes ficar irritada pelo cansaço, esquecia tudo quando entrava em sala de aula e dali saía feliz e exausta. Então, me parece que a perspectiva que escolhemos para narrar, da mesma forma como a perspectiva do dia pela frente, acaba sendo norteadada pela maneira de vivermos nossas emoções e problemas.

quinta-feira, 3 de dez [16:15h]

Dia imensamente quente e difícil para trabalhar. Mas tudo depende do tipo de trabalho. Passei um tempo retirando mato do jardim da frente da casa e fazendo a rega. Mas meu pé novamente imobilizado - tive uma torção no início do ano e não ficou bem curado - dificulta algumas tarefas. A composteira foi meu descanso por uma hora. Ali, na sombra, no silêncio que me agrada, catando minhas minhocas e seus ovos. Trabalho suave, lento e silencioso, como eu gosto. Cato as minhocas e me espanto com a quantidade de filhotes que aparecem em meio a compostagem - que está excelente. Minhas plantas vão agradecer este maravilhoso adubo e seu chorume. Em meio a este processo, os questionamentos aparecem...

Diários como "depósitos" de si, como formas de fabular sobre si, como formas de criar a si mesmo e de entender a si mesmo. Sartre exercita esta análise de si nos diários de guerra. Os perfis nas redes sociais vão por este caminho? Acho que não, parecem mais exacerbações de si; eles camuflam, escondem a si mesmos e indicam com clareza, para mim, a impermanência que somos em uma contínua tentativa de permanência através das redes nestes perfis. Propiciam uma transformação, a criação de um outro; tornar-se outro que não si mesmo, expressar-se, mas escondido atrás de uma camuflagem.

14

Filme: Além das Palavras
[A quiet Passion]. Diretor
Terence Davies. Colorido,
2h 05min, 2016.

quinta-feira, 3 de dez [20:24h]

Acabo de ver um filme sobre a vida da poeta Emily Dickinson: *Além das palavras*.¹⁴ Grandioso, encantador. Que triste destino tinham as mulheres - e algumas ainda o têm. Como sou privilegiada neste sentido. Pude escolher meu amor, meu trabalho e minha vida. Consegui a paz que buscava, mesmo ela tendo demorado a aparecer. A certeza que me vem desse filme é que é impossível olhar para um texto-poema sem olhar para seu autor e suas circunstâncias no momento da escrita. Vejo os poemas do meu amado e compreendo cada momento de sua escrita; sei, como aquela que também escreve, o momento em que isso vem à tona e o quanto tentamos expressar com palavras esse arrebatamento que nos toca, que nos move. Será que Sartre ou Simone de Beauvoir se

sentiram assim ao escrever? Ou racionalizaram o tempo inteiro, preocupados sempre em publicar seus escritos? Medir, ponderar, filtrar, censurar... são palavras que me ocorrem ao pensar nos seus escritos.

Nota 16 à página 25, *Diário de uma guerra estranha* [*Carnets de la drôle de guerre*] feita por Arlette Elkaïm-Sartre:

Neste mesmo dia [Sábado 16 de setembro 1939], ele escreve para S. de Beauvoir: 'Estou tranquilo, mas não se trata de uma quietude baseada em boas razões e, no meu caderninho preto, mostro-me tal como sou. Quem o vier a ler depois da minha morte - de fato, conto com você para que sua publicação seja apenas póstuma - pensará que eu era um personagem desonesto a não ser que você lhe acrescente umas anotações benevolentes e explicativas (*Lettres au Castor et à quelques autres*).¹⁵

Sartre pretende, então, publicar seu diário! Ele escreve para a posteridade! Está sendo sincero? A sinceridade poderia ser pensada através da noção de autenticidade, já esboçada em tantas páginas de *La Drôle de Guerre*? Não a sinceridade elaborada em *O Ser e o Nada*, mas como ela aparece nos diários.

A autenticidade diz respeito a um "trabalho crítico constante sobre si mesmo", indicam François Noudelmann e Giles Philippe, no *Dictionnaire Sartre*. "Todo caminho autêntico necessita de uma difícil elucidação de si-mesmo e de outros [...]"¹⁶. Vejo que isto pode se ligar ao que ele coloca em primeiro de outubro, em que define sua "única ambição moral, estoicismo e autenticidade".

Estoicismo porque convém segurar firme, suportar a situação (mas, trata-se de uma recusa, de uma abstenção). E autenticidade porque é necessário envolver-se completamente na ação e, por conseguinte, compreender a situação e a si mesmo em situação; aliás, esta compreensão não passa de um modo - em si mesmo mais autêntico - de estar em situação¹⁷.

15

Arlette Elkaïm-Sartre citando Jean-Paul Sartre. *Lettres au Castor et à quelques autres*. In: Jean-Paul Sartre. *Diário de uma guerra estranha*. Setembro de 1939 - Março de 1940. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, nota 16, p. 25. Ver também p. 76-77.

16

François Noudelmann e Giles Philippe. *Dictionnaire Sartre*. Paris: Honoré Champion, 2004, p. 47.

17

Jean-Paul Sartre. *Diário de uma guerra estranha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 70.

18

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 16-17.

19

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 18.

20

Jean-Paul Sartre. Cahiers pour une morale. Paris: Gallimard, 1983. Simone de Beauvoir. Por uma Moral da ambiguidade. Pirro e Cinéas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. Pirro e Cinéas foi escrito em 1943 e publicado em set. 1944, informa Kate Kirkpatrick, em Simone de Beauvoir. Uma vida. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020, p. 180.

21

Importante de mencionar a nota de n. 26 à p. 33 do Diário de uma Guerra Estranha que indica o planejamento de um artigo sobre o diário de Gide e “sobre o que significa, em geral, a atitude diário íntimo”. Daí seu empenho em ler o diário de Gide, de Dabit, de Colette X e outros que foram solicitados a Castor por carta. A publicação não aconteceu. Ver nota 39 à p. 43.

22

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 24.

Evidencia ele, aqui, a relação entre autenticidade e situação, e me parece que ele, por todo o diário, irá proceder nesse contínuo exercício de encontrar a si mesmo na situação de guerra. Iniciar o Diário como “estóico”¹⁸ significa que não há saída quanto a esta situação na qual se encontra atolado e sem dela querer absolutamente nada. “Meu estoicismo”, afirma ele no primeiro dia das anotações no seu caderninho, “incidia unicamente sobre a perda da vida que eu levava até aqui, mas não sobre meus riscos de vida”¹⁹. Analisa constantemente seus sentimentos e busca descrevê-los, aparentemente com sinceridade, já que almeja a autenticidade. O Diário de guerra cumpre o propósito de testemunho da guerra, de análise da situação ser-em-guerra - análises estas interessantíssimas que mereciam um estudo destacado junto com os *Cahiers pour une morale e um confronto com Pirro e Cíneas e Por uma moral da ambiguidade*²⁰ de Simone de Beauvoir (preciso voltar a isto em algum momento - no futuro, talvez? Quem sabe...) - mas também se propõe a analisar a si mesmo, buscando compreender o que é um diário e se ele poderia fazê-lo diferente dos diários que já havia lido, já que também era uma proposta para uma publicação²¹.

Na quarta-feira, 14 de setembro de 1939, instalado provisoriamente em Marmouthier, Sartre inicia seu diário refletindo sobre a “curiosa associação entre estoicismo e otimismo”. Ele agora está longe de casa, querendo aceitar estoicamente a guerra: “Ao sair de casa, eu era “estóico”, acreditando que havia deixado seu passado e supostamente aceitando “um futuro no qual deixavam de existir minhas próprias possibilidades”. E sobre o otimismo:

E, embora eu repita e, às vezes, acredite que a guerra embrutece quem a faz, não consigo furtar-me a considerá-la como fonte de experiência, portanto, para mim, de progresso. De fato, a ideia de progresso, complementar à ideia de destino, é também essencial em mim. Eis o que é designado por Castor como meu otimismo²².

Nesta sequência de seu pensar-escrever-se-mostrar, vemos que tudo se volta sempre para a escrita, escrever é tudo, é o mais importante, é o fundamento de tudo:

Além disso, contanto que eu possa escrever, sinto-me tranquilo e, até mesmo, feliz. Neste aspecto, nenhuma mudança em relação à minha existência civil; de acordo com a afirmação de Castor, desde que eu estivesse trabalhando, eu deixava de ter a representação do tempo perdido. Depois de ter trabalhado, sou capaz de passar três horas à toa em companhia de imbecis²³.

23

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 24.

24

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 22.

Neste início do diário, ele ainda se esconde atrás de Castor e da persona desagradável que aqui criou - o intelectual parisiense que acabou de alcançar algum sucesso literário e que agora está entre pessoas de pouca instrução -, até compreender a noção de solidariedade daqueles que aqui chama de imbecis. Sábado, 16 de setembro, ele escreve: "Contar com os outros. Creio que posso afirmar que isso nunca havia ocorrido comigo"²⁴.

Eu preciso voltar à autenticidade.

segunda-feira, 7 de dez [04:14h]

Mais uma noite de insônia. Mais uma virada brusca de temperatura. Saímos de 37-39 graus para 23. Não dá tempo para o corpo se adaptar. Não consegui escrever nada por causa do calor e, apesar de estar adorando esse friozinho e a chuva, meu corpo sofre com as mudanças acentuadas. Sinto claramente o envelhecimento de meu corpo, mas a dificuldade para dormir é o pior de tudo. Pelo menos consegui fazer meus pães, fechar as orientações ainda pendentes e hoje talvez faça uma Tarte Tatin. A pequena queimadura que arranjei também está contribuindo para o mal estar geral. Sinto falta dos meus exercícios e me angustia essa pequena imobilidade causada pela entorse no meu pé. Mas os pensamentos pipocam constantemente numa dinâmica sem fim. Quisera ter um botão pra desligar, mas não tenho esse botão (risos). Perdi várias conexões porque não escrevi e, como

25

Stefan Zweig. *Autobiografia: o mundo de ontem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

26

João da Penha tem vários livros e artigos publicados; um deles, o primeiro que li no início da minha faculdade de Psicologia nos anos 1980, marcou-me profundamente: *O que é Existencialismo*, da coleção Primeiros Passos da Brasiliense, 1984. Foi esse livro que nos colocou em contato e, a partir daí, selamos essa deliciosa amizade missivista.

sempre, acabo por esquecer. Estou lendo muita coisa ao mesmo tempo sobre diários e autobiografias. Cada vez mais sinto pisar em terreno arenoso e, ao mesmo tempo, bellissimo nesses escritos. Não é uma busca pela verdade, mas pela sinceridade do autor ao falar de si. Parece-me que a sinceridade é avaliada pela representação do Eu de forma verdadeira e honesta perante os outros, já que ela remete à lisura de caráter e sua etimologia vem do latim, *'sinceritas'*, que significa pureza, integridade. Pode ser lido, em certo contexto, como sinônimo de verdade; indica também um certo acordo entre comunicar e agir, isto é, uma consonância entre pensamentos, crenças, desejos, sentimentos e ações. Mas ao ler um diário ou autobiografia, buscamos a verdade? Mas qual verdade? Será necessário sempre cotejar fontes alternativas para sabermos se o autor está mentindo, distorcendo ou omitindo? Penso que, inicialmente, devemos levar em consideração quem escreve, dar um crédito a esta pessoa que se dispôs, não importam os motivos, a escrever sobre si mesmo. No romance, o autor tem o direito de avançar para além da realidade, mas, na autobiografia ou no diário, fazer isto seria se afastar da proposta inicial.

Comecei a ler Stefan Zweig, *O mundo de ontem*, sua autobiografia. A nova edição, feita pela Zahar, alterou o título para *Autobiografia: o mundo de ontem*²⁵, o que achei mais acertado. Foram suas últimas palavras antes de tomar a dose letal de morfina. Morava não muito longe daqui, ali em Petrópolis, perto do meu amigo João da Penha²⁶, meu amigo missivista que faleceu este ano, em abril, por derrame - só descobri sua morte em setembro, angustiada por não receber notícias dele comecei a procurar na internet. Só uma pequena nota sobre seu falecimento na revista *Cult*, mais nada. Eu só tinha o endereço de e-mail e a caixa postal para onde enviava os pacotes com livros que trocamos, nenhum telefone. Pena que Zweig e João estiveram por lá em décadas tão distantes, teriam apreciado a companhia um do outro; seriam muitos debates, e efusivos!

Zweig faz o contrato da sinceridade no início do seu texto e, pela sua história, homem sem pátria, sem lar, pacifista

em meio a duas guerras, nada tem a esconder ou ocultar, pelo contrário, sente-se impulsionado a expor sua vivência para as próximas gerações aprenderem com seu testemunho - testemunho que é também a proposta de Sartre para seu diário. Escrita bela, sem perder a clareza; um vinho amadurecido que deixa na boca seu rastro por um longo tempo.

[...] Hoje, mais uma vez, estamos em um momento de transição, um término e um início. [...]

Estou ciente das circunstâncias desfavoráveis, porém extremamente características da nossa época, nas quais procuro organizar essas minhas recordações. Escrevo-as em meio à guerra [1942], escrevo-as no estrangeiro e sem o menor auxílio para a minha memória. Em meu quarto de hotel, não tenho à mão nenhum exemplar dos meus livros, nada de notas ou cartas dos amigos. Em parte nenhuma posso buscar informações, pois no mundo inteiro a troca de correspondência entre um país e outro está interrompida ou censurada. Assim, cada um vive tão isolado como há séculos, antes da invenção dos navios a vapor, dos trens, dos aviões e dos correios. De todo o meu passado, portanto, só tenho comigo o que carrego atrás da testa. Todo o resto, neste momento, está inacessível ou se perdeu para mim. Mas a nossa geração aprendeu a fundo a boa arte de não lamentar o passado, e, quem sabe, a perda de documentos e detalhes possa vir a significar um ganho para este meu livro. Pois eu considero nossa memória um elemento que não conserva casualmente um ou perde outro, mas sim uma força que ordena cientemente e exclui com sabedoria. Tudo o que esquecemos de nossas próprias vidas, na verdade, já foi sentenciado a ser esquecido há muito tempo por um instinto interior. Só aquilo que eu quero conservar tem direito de ser conservado para outros [...] ²⁷.

27

Stefan Zweig. Autobiografia: o mundo de ontem. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 17.

A chuva continua caindo, a claridade já está surgindo e ouço os primeiros cantos de pássaros. Stefan Zweig parece cumprir de certa forma o pacto autobiográfico

28

Philippe Lejeune. O Pacto autobiográfico. De Rousseau à internet. Belo Horizonte: Ed. Ufmg, 2014. Seu primeiro trabalho em nova edição: L'Autobiographie en France. Paris: Armand Colin, 1998.

29

Philippe Lejeune. Je est un autre. Paris: Seuil, 1980.

30

Jean-Paul Sartre. Lettres au Castor et a quelques autres. Éditions électronique. Vol. 2. Paris: Gallimard, 2018, p. 262.

mentado por Philippe Lejeune²⁸, mas o faz de forma bem particular, dizendo com clareza que sempre há algo que não colocamos nos nossos escritos, e o fazemos porque há algo interno em nós mesmos que “ordena cientemente e exclui com sabedoria”. Se esqueci, era pra ser esquecido. Dizia minha sogra, D. Brígida: “Se não tem jeito, ajeitado está!” E pronto. Talvez ele tenha razão, cientemente ordenamos as coisas dentro de nós mesmos e as mantemos ou não, falando de forma simples; capitulamos às vezes às nossas próprias memórias, viramos prisioneiros e/ou totalmente derrotados pelos fantasmas que permitimos nos assombrar - quando neles acreditamos. Em *Je est un autre*²⁹, Philippe Lejeune aponta as contradições de Sartre. Algumas estão evidenciadas também pelas notas de rodapé ao longo do texto da nova edição do *Diário de uma guerra estranha*. Esta nova edição, feita em função do aparecimento do caderno I, ganhou o cuidado que a primeira edição, feita em 1983, não teve, com notas esclarecedoras e apêndices, que procuraram completar, com as cartas escritas por Sartre, os cadernos que foram perdidos. Castor lembra que havia emprestado a Bost alguns cadernos na sua última licença (três ou quatro) que desapareceram quando foi ferido e retirado. Sartre não aparenta muita consternação com isso, “se foram perdidos, azar”, diz ele em carta de primeiro de junho:

Diga, meu pequeno Castor, eu estava pensando nisso ontem, depois de receber sua carta, o que aconteceu com meus cadernos? Eles estão em algum lugar sobre a terra em pedaços? Se eles estão perdidos, é pena, pois veja, é porque eles não deviam ver a luz do dia, eu não ficarei muito infeliz. Mas se por acaso eles estiverem seguros, eu gostaria de saber. O que eu lamentaria, seria a perda de meus últimos truques filosóficos, em vez de minhas reclamações sobre mim mesmo. Mas, basicamente, deve haver alguns nos cadernos que ficaram com você e eu serei capaz de administrar. Não se preocupe muito com isso³⁰.

Os cadernos tiveram, antes de se perderem, um pequeno susto, quando Simone de Beauvoir foi encontrar Bost em Charmont, em março de 1940, e foi levada ao Comandante da “polícia” local por acharem que ela era uma “propagandista comunista”, já que carregava em sua valise muitos papéis e uns cadernos pretos (os carnets de Sartre) que “pareciam coisa de comunista”. Seu relato sobre o acontecido está na carta de 19 de março³¹, e é curioso como ela consegue dar àquela cena um potencial romanesco, pois ela ficou realmente assustada, já que queriam enviá-la de volta a Paris imediatamente e perderia seu encontro com Bost. Ficou realmente assustada, como ela conta a Sartre em seguida.

31
Simone de Beauvoir.
Lettres à Sartre. Vol. 2.
Paris: Gallimard, 1990, p.
133.

Na apresentação que fiz e que ficou gravada no YouTube para o I Ciclo Internacional de Debates Sartrianos, mencionei Philippe Lejeune, que é um dos pesquisadores franceses mais ativos na produção de material sobre autobiografia (falo nisso porque considero o diário um certo tipo de autobiografia). Criou distinções, conceitos desde a década de 1970 e muitos foram sendo repensados ao longo das últimas décadas, especialmente a noção de “pacto autobiográfico”. Seu texto “O pacto autobiográfico, 25 anos depois” é elucidativo do seu próprio processo de reescritura deste conceito. Revela sua própria estupefação diante de certa rigidez que havia adotado no início dos seus trabalhos. Mas é com humor que coloca em cena sua confissão e repensa algumas de suas decisões conceituais. Bom vê-lo exercer na escrita o próprio pacto por ele defendido, sendo sincero em relação ao que é preciso mudar. Diz ele de forma muito franca:

[...] façamos, com meu olhar de hoje, o inventário das carências.

Lanço fórmulas brutais sobre as relações entre autobiografia e ficção que, hoje, rejeito. [...] Como pude escrever coisas assim? É claro que sou radical porque quero mostrar a importância do pacto: só ele faz diferença. Mas sou radical demais. [...] E,

sobretudo, me confundo ao associar a narrativa à ficção, erro grosseiro. Hoje, sei que transformar sua vida em narrativa é simplesmente viver. Somos homens-narrativas³².

Entre "cegueira", erro, ofuscado e deslumbrado, envergonhado³³. "Homens-narrativa", são como a "espécie fabuladora" de Nancy Huston³⁴. As histórias salvam vidas, lembra Hannah Arendt ao contar a história de uma grande amiga, a escritora Isak Dinesen (Karen Blixen 1885-1963). Com afeto, ela cita uma frase de sua amiga (que transformei em epígrafe deste meu livro) e diz:

As histórias salvaram seu amor, e as histórias salvaram sua vida depois de ocorrido o desastre. "Todas as dores podem ser suportadas se você as puser numa história ou contar uma história sobre elas." A história revela o sentido daquilo que, do contrário, permaneceria como uma sequência intolerável de puros acontecimentos³⁵.

A narrativa nos distingue como espécie, essa capacidade criadora de registrar de forma expressiva a vida. Tendo isso em mente, Philippe Lejeune criou uma espécie de arquivo de memórias para o qual qualquer pessoa pode enviar seus diários. Uma ideia belíssima de preservação da memória de pessoas comuns³⁶.

Mas o que é este "pacto autobiográfico"? Para Lejeune é um tipo de "contrato", uma aliança feita entre o autor e seu leitor, um "contrato de leitura" no qual o autor da autobiografia diz que será sincero.

Quando você lê uma autobiografia, não se deixa simplesmente levar pelo texto como no caso de um contrato de ficção ou de uma leitura simplesmente documentária, você se envolve no processo: alguém pede para ser amado, para ser julgado, e é você quem deverá fazê-lo. De outro lado, ao se comprometer a dizer a verdade sobre si mesmo, o autor o obriga a pensar na hipótese de uma

32

Philippe Lejeune. O Pacto autobiográfico. De Rousseau à internet. Belo Horizonte: Ed. Ufmig, 2014, p. 86.

33

Philippe Lejeune. O Pacto autobiográfico. De Rousseau à internet. Belo Horizonte: Ed. Ufmig, 2014, p. 87.

34

Nancy Huston. A Espécie Fabuladora. Porto Alegre: L&PM, 2010.

35

Hannah Arendt. Homens em Tempos Sombrios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 95.

36

Ver: Philippe Lejeune. O guarda memória. Estudos Históricos, n. 19, 1997, p. 111-119. Alguns ótimos artigos estão publicados nesta revista nos anos 90 sobre memória, biografia, literatura e história.

reciprocidade: você estaria pronto a fazer a mesma coisa? E essa simples ideia incomoda. [...] Ele sempre comporta um fantasma de reciprocidade, vírus que vai por em alerta todas as defesas do leitor³⁷.

37

Philippe Lejeune. O Pacto autobiográfico. De Rousseau à internet. Belo Horizonte: Ed. Ufm, 2014, p. 85.

38

Philippe Lejeune. O Pacto autobiográfico. De Rousseau à internet. Belo Horizonte: Ed. Ufm, 2014, p. 83.

39

Philippe Lejeune. O Pacto autobiográfico. De Rousseau à internet. Belo Horizonte: Ed. Ufm, 2014, p. 85.

40

A extensa análise de Philippe Lejeune sobre a autobiografia de Sartre, *Les Mots* e o filme *Sartre par lui-même*, é importante ser aqui mencionada. O capítulo intitulado “Sartre et l’autobiographie parlée”, é um trabalho minucioso que envolve o questionamento do que está exposto e o que não. Feito em 1980, mesmo ano da morte de Sartre, à luz do material da época, indica o planejamento de uma sequência à *Les Mots* que nunca se concretizou. Vale salientar aqui as palavras de análise de Lejeune: “*Homme de l’écrit condamné à la parole, grand pourfendeur des mythes biographiques qui finit sa vie en collaborant à sa propre légende, Sartre se tient de manière paradoxale à la limite de deux mondes, celui de l’édition imprimée et celui des mass media audio-visuels*” (Philippe Lejeune. *Je est un autre*. Paris: Seuil, 1980, p. 200).

O pacto autobiográfico é, para Lejeune, a recorrência obstinada de um certo tipo de discurso que é dirigido ao leitor, e esse discurso continha a verdade do seu autor, que “não era uma simples asserção, mas um ato de linguagem, performativo [...] que fazia o que dizia”³⁸. O pacto remete, segundo ele, a uma ideia de contrato e, ao mesmo tempo, de aliança, mas envolve somente seu autor, já que o leitor fica livre para ler como quiser, aceitar se quiser essa “verdade” ali exposta. Portanto, para ele, a partir do momento em que o leitor decide mergulhar num texto autobiográfico, ele deveria levar em conta essa proposta, “mesmo que seja para negligenciá-la ou contestá-la, pois entrou em um campo magnético cujas linhas de força vão orientar sua reação”³⁹. Há um envolvimento no processo, isto é, não lemos desconectados do mundo e a todo momento que avançamos com o autor na sua história, raríssimas vezes nos perguntamos se ele está falando a verdade. O pacto é uma evidência, no meu entender, deste tipo de texto; ele aparece como parte do jogo de publicação, mas não é necessariamente “verdadeiro” (penso que mais adiante posso retomar esta discussão com base na noção de verdade). O próprio Lejeune revisou várias vezes a noção que propôs; vemos isso claramente na sequência de textos *O Pacto Autobiográfico*, *O Pacto Autobiográfico (Bis)*, e *O Pacto Autobiográfico, 25 anos depois*, que fazem parte da coletânea publicada pela UFMG, em 2014. Mas, para ele, persiste no texto autobiográfico, uma intenção de comunicar a verdade, mesmo num diário essa intenção se mantém⁴⁰. Apesar de Sartre não apreciar a “escrita lamuriosa” dos diários, ele considera a necessidade de escrever sobre a experiência pela qual, como testemunha, está passando. Seus cadernos são uma forma de continuar “sendo autor”, mesmo estando afastado fisicamente do espaço que acaba de conquistar como escritor em Paris. O diário se transforma num “método de trabalho”, indica Lejeune, e

ali vemos emergir as futuras análises que farão parte de *O Ser e o Nada*; assim como seu contínuo exercício de autoanálise, análise dos outros (são interessantíssimas as análises que faz de Pieter - um dos "acólitos", e as análises do ser-em-guerra, que já mencionei.

Mas ele não é um escritor qualquer, ele ainda quer ser o "grande" escritor ao qual "está destinado". Ao analisar o significado de 'guerra' na sua própria história, ele relembra uma frase de Guille que o satisfazia,

[...] pelo fato de que as palavras de ordem coletivas foram substituídas por uma obrigação relativamente a si. No entanto, Guille é humanista, e a frase adotada por mim perdia seu sentido. Sem dúvida, ela encontra-se na origem do pensamento que tive ao sair de casa - e, ainda, mantenho - de que a guerra era uma aventura que vinha completar me destino. [...] em parte, eu contava com esta guerra para compensar, no meu destino, a facilidade com que havia obtido meus primeiros sucessos literários que (sempre em conformidade com a representação preconcebida), desde o início, pareceu-me um tanto suspeita. De qualquer modo, existia aí a ideia de um destino para o homem [...] misturada à ideia de um destino para o grande homem (fabricada por mim a partir de antigas leituras, ou seja, não em conformidade com as verdadeiras vidas de Stendhal ou de Baudelaire, mas a partir das categorias por meio das quais os biógrafos encaram essas vidas). De qualquer maneira, a ideia de destino está profundamente impregnada em mim: tenho um destino⁴¹.

Foi necessário iniciar a citação a partir daquele momento para manter a integridade da reflexão que ele faz de si mesmo e como essa ideia de destino se estruturou para ele, que acabará na ideia de progresso - que considera complementar -, como em citação que já fiz anteriormente aqui também.

41

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2005, p. 23-24.

terça-feira, 8 de dez

O dia passou rápido, pois consegui dormir à noite passada. As tarefas da casa dominaram parte do meu dia: animais, compras do mercado, higienização, limpeza parcial de dois ambientes da casa, lavar roupa - pois parou de chover hoje, e assim vamos. É o máximo que consigo. Ligamos a TV para ouvir algumas notícias e a cada vez ficamos estupefatos diante da dessa tela: o Ministro da Saúde, Pazuelo, disse em reunião com os governadores dos Estados deste nosso país que só comprará a vacina Coronavac - desenvolvida pelo Instituto Butantã em SP e o Laboratório chinês Sinovac - se houver demanda!!!! Ora, ora, ora, senhor Ministro, todos - à exceção dos bolsonaristas - queremos ser vacinados contra a Covid19! Pergunte à população brasileira se querem morrer desse vírus! A cada dia uma surpresa; a cada dia uma rasteira desse (des)governo.

42

Ailton Krenak. A vida não é útil. São Paulo: Companhia Letras, 2020.

43

The Forest Man. Documentário. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HkZDS-qyE1do&t=49s>

Ailton Krenak tem toda razão ao dizer que "A vida não é útil"⁴², título de seu livro e texto homônimo publicado neste ano de 2020, proveniente de suas lúcidas conversas com os homens brancos. Continuamos "predando o mundo", ele diz com toda razão; temos que mudar a percepção em relação à vida e deve ser de forma extrema, pois não sobreviveremos às catástrofes que virão. "O amanhã não está à venda". Quem está morrendo de COVID-19 está morrendo consciente de que não precisava morrer. Infelizmente, é ainda preciso continuar lembrando a nós mesmos e às autoridades que temos que mudar. Este ano de isolamento, penso eu, deveria transformar as pessoas, deveria fazer com que todas estas mortes nos impactassem de tal forma que bestassem em nós uma mudança de tal ordem que nunca mais poderíamos voltar ao mundo de antes. Mas todas estas mortes ainda não foram suficientes, me parece. São vidas roubadas pela incompetência que acabam virando estatística, transformam-se em números que deveriam ser de horror, mas ainda não são. Ainda não compreendemos. Escrevendo sobre estas atrocidades, lembrei-me de um incrível mini documentário, *The Forest Man*, de 16 minutos, que está no YouTube⁴³, feito por

um fotógrafo indiano sobre um homem que, em toda a sua pobreza, ensina o que devemos fazer para salvar o que nos resta ainda deste planeta azul. Um único homem, de uma insignificância extrema para o mundo, mas que sozinho plantou uma floresta em terra deserta. Este homem nos ensina o caminho e sabe o que todos poderiam fazer. Ele ganha homenagens e prêmios, mas as pessoas e autoridades não mudam suas ações sobre o consumo e a destruição do meio ambiente, não usam o seu poder para criar políticas que levassem a cabo as simples ideias deste homem - e de tantos outros - para salvar nossa casa. Lembrei-me também de um livro que conta uma história maravilhosa em forma de fábula, que se queria verdadeira, publicada em belíssima edição de capa dura pela Editora 34 com ilustrações de Daniel Bueno: *O homem que plantava árvores*, de Jean Giono, em 1953. Ao iniciar esta tocante história, concretizada neste homem indiano do documentário ao qual me referi, Jean Giono fala do que é importante para ele na concepção desta pessoa sobre quem ele gostaria de ter como amigo:

44

Jean Giono. O homem que plantava árvores. São Paulo: Ed. 34, 2018.

Para que o caráter de um ser humano desvende qualidades realmente excepcionais, é preciso ter a boa sorte de poder observá-lo em ação durante longos anos. Se essa ação é despida de todo egoísmo, se o espírito que a orienta é de uma generosidade sem igual, se é absolutamente certo que ela não buscou recompensa nenhuma e que, além do mais, deixou marcas visíveis neste mundo, então estamos, sem sombra de dúvida, diante de um caráter inesquecível⁴⁴.

Talvez aqui eu posso retomar o tema da sinceridade e da autenticidade nos diários de Sartre, que falei há algumas páginas atrás, e que mostra a autenticidade conectada à situação. Andei vasculhando minhas anotações de artigos que já li há muito tempo. A maioria das minhas anotações são feitas nos próprios artigos impressos, diferente do que fazia na época da tese de doutorado em que usava um fichário organizado por temas. Depois dessa época, nunca mais consegui ser tão organizada; as leituras acabavam

45
Philippe Cabestan. Authenticité et mauvaise foi: que signifie ne pas être soi-même? Les Temps Modernes: Notre Sartre. Paris, nos. 632-633-634, 2005, p. 605-625.

46
André Gorz. Authenticité et valeur dans la première philosophie de Sartre. Les Temps Modernes: Notre Sartre. Paris, nos. 632-633-634, 2005, p. 626-668.

47
André Gorz. Carta a D. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

ficando em fragmentos dessas leituras que as atividades da universidade raramente me permitiam organizar. Vale mencionar aqui, pois talvez muitos que estudam Sartre aqui no Brasil desconheçam, a organização dos arquivos/publicações de Michel Contat. Chama-se *Michel Contat Fonds*, e está disponível em "<https://ead.nb.admin.ch/html/contat.html>". É um belo trabalho de organização e gostaria de ter tido, no passado, acesso a alguns daqueles textos que estão ali citados.

Bem, uma das minhas anotações levou-me a reolhar dois textos: um de Philippe Cabestan⁴⁵, a quem tive o prazer de conhecer pessoalmente em 2010 no meu primeiro pós-doutorado; o outro, de André Gorz⁴⁶, a quem gostaria muito de ter conhecido pelo que mostra de si em seus livros e pela sensibilidade em sua belíssima carta a Dorine⁴⁷, sua companheira. Os dois textos fazem parte da edição comemorativa da revista *Les Temps Modernes* de 2005, *Notre Sartre*. O texto de Cabestan, ao qual me refiro, atua aqui como um desencadeador das reflexões a seguir, pois seu texto distingue a autenticidade em Heidegger e em Sartre, e tem como linha mestra a pergunta que está no título: o que significa não ser-si-mesmo? O famoso exemplo do garçom em *O Ser e o Nada* é um dos pontos de partida dele, já que ali Sartre expõe a inautenticidade como má-fé. Mas é importante lembrar, antes de entrar por essa vereda, que em seus *Diários*, Sartre entendia a autenticidade de forma diferente do que expõe em *O Ser e o Nada*, e que é esta forma que me interessa aqui, e que Cabestan indica também no início de seu texto. E é isso que quero desenvolver nesse momento, usando as próprias palavras de Sartre em seu diário de guerra para expor sua visão sobre autenticidade em conjunto com um pouco de sua própria querela com a questão da sinceridade nos diários de Gide e de Dabit, os quais está lendo naquele exato momento, pois pretende escrever sobre "diário íntimo" e seu sentido. Sobre o brilhante texto do Gorz, falarei mais adiante, pois exatamente neste momento não estou encontrando uma forma adequada para falar deste texto, tanto por sua densidade quanto por suas reflexões ali expostas, pois ele defende o Sartre de *O Ser*

48

Filme: Sartre. Dirigido por Michel Contat e Alexandre Astruc, 1976. O texto do filme foi publicado na íntegra em 1977 pela Gallimard. Infelizmente acabei esquecendo de fazer este link. Mas permanece aqui a indicação de leituras para novos exploradores.

49

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2005, p. 28-33.

50

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2005, p. 74.

e o *Nada*, dele mesmo, especialmente no que está no Filme de Alexandre Astruc e Michel Contat dos anos 70.⁴⁸ Entendo que a autenticidade aparece para Sartre, neste período de 1939-1940, como uma elucidação de si mesmo. O diário, que se transformou em objeto de trabalho, tem dois sentidos: um que o leva a uma publicação, originário de uma encomenda para Gallimard sobre Gide, como falei anteriormente; outro o encaminha a refletir sobre o tema da autenticidade, que havia lido em Heidegger pouco antes da guerra eclodir, e que o obriga a pensar sobre si mesmo e sua situação⁴⁹. Esta situação é a guerra, na qual está mergulhado, e que o leva a lembrar sua "loucura" de alguns anos atrás, que envolveu sua paixão "violenta" por Olga (período de 1935 a 1937), que o levou a temer por sua sanidade⁵⁰. Ele reconta nos diários um pouco da sua "decepção amorosa", mas veremos isso com mais detalhes mais adiante. Tento seguir aqui o próprio método que ele empregou ao analisar seus biografados, levando em consideração que todas as nossas ações e pensamentos que deixamos registrados, em escritos, correspondências e conversas com outras pessoas, amigos ou não, são relevantes para entendermos a pessoa e suas motivações.

Fazer uma "revisão" de si mesmo acaba se tornando um forma de lidar com a nova condição da sua vida. O primeiro volume de sua trilogia *Os caminhos da liberdade* está em curso, escreve todos os dias; leituras dos diários para a futura publicação também; escreve em torno de três cartas por dia; solta balões meteorológicos; analisa seus acólitos constantemente e a si mesmo; come - chegou a engordar, diz ele - e dorme; anseia, em certos momentos, por uma aventura, mas rapidamente repensa este anseio. A vida como estóico não lhe assenta.

De fato, é certo que, ao rejeitar o sofrimento, sinto-me muito mais feliz. É certo também, que Paul [um dos acólitos], o socialista - contrariamente a mim - considera que a autenticidade reside nos gemidos e no choro. Ele quer deplorar sua situação por julgar que, ao lamentar-se, consegue encará-la de uma forma mais ajustada mas, naturalmente, se ele fizer

um exame de consciência, verá também desaparecer sua autenticidade porque, ao lastimar-se, ele justifica suas tendências pessimistas [14 setembro].⁵¹

Neste início de temporada de guerra, Sartre procura por justificativas para estar nesta situação, a guerra, que interrompeu bruscamente sua vida. Daí ter saído de Paris como estóico e otimista, pois esperava que a guerra não fosse longa, que este estado de coisa pudesse acabar e ele retornar ao seu início de carreira como escritor. Havia recém conseguido alguma notoriedade com a publicação de *A Náusea* e *O Muro*. É à essa vida de escritor parisiense que quer voltar; voltar a Castor, voltar aos seus amores contingentes.

51

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2005, p. 18.

Por hoje vou parar aqui.

52

Michel Onfray. A Potência de Existir. São Paulo : Martins Fontes, 2010, p. XIII e XX.

quinta-feira, 10 de dez [07:15h]

Acordada desde as quatro da manhã, cabeça a mil por hora. Levanto. Ainda está escuro. Ascendo as luzes de fora da casa e da cozinha - sei que é onde ficarei pelas próximas três horas. Boto água para ferver e ligo o forno elétrico para assar meu pão que está fermentando na geladeira. Enquanto a água esquenta, dou comida pra minha gata mais velha, sento e leio Michel Onfray, num relato autobiográfico, que prefacia e ilumina seu texto a seguir no livro *A Potência de Existir*. Aqui a autobiografia aparece como esclarecimento de escolhas passadas de modos de pensar que, ao mesmo tempo, refletem quem somos. Não é muito diferente do que Sartre faz em seu diário, reavaliando suas escolhas, analisando a si-mesmo. As circunstâncias que passamos em nossa vida, evidenciam como é fundamental compreendê-las para compreender a pessoa que fala, que narra sua história, do seu ponto de vista. "Morri aos dez anos", diz ele de supetão ao iniciar o texto, "e me tornei adulto repentinamente"⁵². Entregue pelos pais a um internato de padres salesianos, entre os quais alguns pedófilos, que era um antigo orfanato, percebe-se abandonado por uma mãe que não o suportava e um pai que não se

fazia cuidador diante de uma mãe soberba, que "bateu em seu filho, compulsivamente, com tudo o que lhe caía na mão". Assim nos constituímos, nesse processo muitas vezes atormentador cujos rastros estarão marcados "com essa tinta existencial e essa carne que se furta, esse corpo que registra animadamente a solidão, o abandono, o isolamento, o fim do mundo".⁵³

53
Michel Onfray. *A Potência de Existir*. São Paulo : Martins Fontes, 2010, p. XIX.

À medida que leio Onfray, lembro de minha história e do meu próprio processo de sobreviver à loucura alheia, perdendo a mim mesmo no processo, numa solidão incomensurável, não sabendo me orientar nas mazelas do enfrentamento com os adultos e tendo como única resposta possível o meu "mau comportamento" - assim designado nos anos 60 e 70, quando não você obedecia -, que fizeram minha infância e adolescência. "Você é muito malcriada", repetiam constantemente pra mim. Uma pessoa da minha família lembrou-me, há alguns anos atrás, algo que havia ficado no esquecimento, talvez nesse esquecimento do qual fala Zweig. Lembro-me que eu, quando pré-adolescente, desaparecia durante várias horas do dia e que ninguém me encontrava; e que eu ia para o cemitério da cidade e lá ficava por horas; não me lembro exatamente que idade, talvez 11-12 anos; encontrei no Cemitério da minha pequena cidade esse silêncio, pois ali os mortos não gritavam comigo. Nunca tive medo dos mortos ou de cemitérios, ambos são silenciosos. Passou-se muito tempo até eu conseguir compreender, efetivamente, minha preferência pelo silêncio, e o som no momento certo e na medida certa. Quando não se pode conter a loucura de uma mãe egoísta e obcecada pelo zelo exacerbado de transformar a filha em si mesmo, e a ausência física e afetiva de um pai que trabalhava o dia inteiro e só nos encontrava com o cinto na mão depois da ladainha dela contando o que eu havia "aprontado" naquele dia, transformei-me, na visão dela, numa guria malcriada e de "boca suja" que vivia na rua suja e com os joelhos ralados. O mundo adulto trouxe outras possibilidades, felizmente; a melhor de todas foi o afastamento físico que, no meu caso, era um tipo abençoado de abandono, bastante desejado. Tudo isso que relato foi desencadeado pelas palavras de Onfray sobre sua vida e que a escrita procura dar forma e cor.

54

Michel Onfray. *A Potência de Existir*. São Paulo : Martins Fontes, 2010, p. XIV.

55

Jean-Paul Sartre. *Diário de uma guerra estranha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2005, p. 68.

Eu certamente vi muito bem em quais becos sem saída minha mãe se extraviava usando de sua energia sem discernimento - tal qual um animal furioso em sua jaula que se atira de cabeça contra as grades, perpetuamente em sangue, dilacerado por si mesmo e enlouquecido ainda mais pela constatação de que sua autodestruição não abole seu cativeiro. Muito pelo contrário, a carnificina continua, o sangue chama mais sangue.⁵⁴

Vi exatamente este debater-se de autodestruição da minha própria mãe dezenas de vezes e, a cada vez, algo morria em mim no processo. Foi preciso empacotar a vida, sair de mala e cuia para uma outra vida, sem certezas, mas com possibilidades. Tudo dependia de mim mesma.

Vamos ao pão. Forno e panela de ferro quente, tiro minha massa do Banneton da geladeira, coloco na panela quente e faço o corte, torcendo para que dê certo. Ligo o rádio e ouço, como todas as manhãs, o rol de notícias amargas e a repetição exaustiva de um plano de saúde que garante que seus funcionários são "humanizados". Fico imaginando como eram antes desta milagrosa "transformação".

Intervalo. O pão ficou pronto!

Retorno aqui para avançar nas falas de Sartre sobre a autenticidade como situação. A guerra, portanto, é o seu ponto de inflexão; tudo gira em torno dessa nova situação à qual se entregou, diz ele, estoicamente. Durante alguns instantes, diz ele, "esqueço totalmente que estou em guerra e sinto necessidade de fazer esforços para lembrar-me dessa situação".⁵⁵ E é essa situação que é definidora para sua discussão sobre autenticidade, como ele comenta no dia 29 de setembro, quase 30 dias após a mobilização.

Para ser-autêntico-nesta-guerra, eu deveria livrar-me do meu otimismo de defesa. Saí de casa para

um ano de guerra e de nada serve inventar razões; [...]. Não acreditar nem na brevidade da guerra, nem sequer na vitória da França. Enquanto eu acreditar nisso, conservarei, à minha volta bem grudados a mim, Castor, Wanda, B., meus escritos, minha vida. Mas se eu deixar de acreditar, tudo desmorona: um buraco negro; [...]. Minha vida torna-se verdadeiramente passada; o período 1918-1939 afasta-me de mim, morreu. Meu presente é desagradável, o futuro imprevisível, todas as minhas possibilidades são suprimidas.⁵⁶

56

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2005, p. 69-70.

As notas de incômodo em relação à sua situação são contínuas, mas o forçam a encarar sua forma de pensar sobre essa situação. Avalia sua visão sobre a guerra anterior e se percebe completamente desconectado daquela guerra. Ainda estava tomado pela imagem da guerra heróica, pois não teve experiência de guerra, nem conheceu quem relatasse os horrores da I Guerra Mundial em primeira pessoa para ele. É com base em reflexões como estas que ele entende que a autenticidade só pode ser alcançada no desespero, como ele afirma nesse mesmo dia.

57]

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2005, p. 70.

A autenticidade só pode ser alcançada no desespero. Talvez, em seguida, haja uma espécie de alegria tranquila e mortificada que, aliás, já havia sido mencionada por Gide e Dostoiévski. [...] A Guerra é uma incitação a perder-me, a renunciar totalmente a mim próprio, até mesmo a meus escritos, a abandonar tudo o que segurava com avidez para limitar-me a ser uma consciência nua que contempla as diversas vidas interrompidas do meu eu, a guerra, o pós-guerra, o período anterior à guerra, a outra guerra, o outro pós-guerra, como se se tratasse de série de experiências que não chegam a hipotecá-la.⁵⁷

Esta experiência de ser-em-guerra o toma totalmente e o faz tentar aceitar o ser estóico e autêntico que acredita ter saído de Paris, no início de setembro. E sempre esta necessidade repetitiva de aceitação de ser

58

Jean-Paul Sartre. *Diário de uma guerra estranha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2005, p. 364-365.

59

Kate Kirkpatrick. *Simone de Beauvoir. Uma vida*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

estóico e autêntico. Então, ser autêntico é estar envolvido completamente na ação, "compreender a situação e a si mesmo em situação", como ele afirmou em 1 de outubro. A autenticidade aqui é esse se-em-situação que olha para si-mesmo, que se analisa, que se questiona. As palavras autenticidade, autêntico e inautenticidade, são citadas em torno de 135 vezes no texto do diário. É um número volumoso que indica sua importância para ele naquele momento. Seus esboços de análises sobre os diários de Gide indicam com clareza seu pouco apreço sobre a lamentação. Isto é não ser autêntico? Os diários que ele leu até este momento, citados no texto, de Gide, Amiel e Dabit, seguem essa linha, segundo ele, a ladainha do descontentamento de si, o confessionário. Mas me surpreende ele aqui não analisar, em momento algum, os diários de Leiris, que foram um desencadeador da escrita do seu próprio diário de guerra - como ele mesmo afirmou e que citei anteriormente: "Foi preciso que viesse a guerra, aliada a várias disciplinas novas (fenomenologia, psicanálise, sociologia), bem como a leitura de *L'Âge d'homme*, de Michel Leiris, para que eu resolvesse fazer um retrato de mim mesmo".⁵⁸

Fazer um retrato de mim mesmo!!! Mas o que isso significa, afinal? Já que um retrato implica em várias facetas, inclusive posar para tal retrato, o quê, não necessariamente corresponde ao que somos, mas sim àquilo que queremos que seja visto pelos outros sobre nós. A tentativa de controle sobre a forma como os outros olharão a minha vida. *Les Mots* é um retrato? As memórias de Simone de Beauvoir, após a publicação de suas cartas e respectivos diários, acabam por evidenciar essa dissonância interna à obra: o que quero que fique explícito sobre mim mesmo e, claro, a deturpação dos fatos e o jogo de esconde-esconde como explicita muito bem Kate Kirkpatrick na última biografia de Simone de Beauvoir.⁵⁹

Ora, sabemos o quanto a autobiografia de Sartre - *Les Mots* - foi repensada, reescrita e burilada ao longo dos anos. Projeto que se iniciou em 1953 e publicado em 1963 em duas partes na revista *Les Temps Modernes*,

tinha a pretensão de uma continuidade. Em *Autoportrait a soixante-dix ans*, entrevista originalmente publicada em *Le Nouvelle Observateur* em três etapas durante o ano de 1975 e reproduzida em *Situations X*, ele diz que pretende trabalhar numa sequência de *Les Mots*, já que acreditava que teria mais uns 10 anos de vida pela frente. Teve somente mais cinco, faleceu em 1980.

E como você pensa ocupar esses 10 anos que diz ainda ter?

Através de trabalhos como estas transmissões que preparo, e que considero, além disso, como devendo fazer parte de minha obra. Por um livro de diálogos que iniciei com Simone de Beauvoir, que é a sequência de 'Les Mots', mas que será organizado desta vez por temas e que não será feito com o estilo de 'Les Mots', já que não posso mais ter nenhum estilo.

Mas você investe menos nos projetos que está falando.

Eu invisto menos porque posso investir menos. porque, aos 70 anos, eu não posso esperar que nos 10 anos que ainda tenho para viver, eu vá produzir o romance ou a obra filosófica de minha vida. Sabemos como são 10 anos de vida de 70 a 80 anos...⁶⁰

A entrevista segue, mas o tema retorna mais à frente, à página 175, e ali diz:

Quanto a *Les Mots*, trata-se de compreender minha infância, um eu passado, para entender como me tornei quem eu era no momento em que escrevia. Mas seria preciso muitos outros livros para explicar onde estou. É isto que faço atualmente, quando tenho tempo, com Simone de Beauvoir, para este volume autobiográfico.⁶¹

Creio que estes rascunhos estão na coleção da Pléiade, no volume que é dedicado a *Les Mots et autres écrits autobiographiques*, publicado em 2010. Este é um dos raros livros que não tenho. Fico catando na internet um de segunda mão, mas empaco sempre no envio.

60

Jean-Paul Sartre, *Autoportrait a soixante-dix ans*. Situation X. Paris: Gallimard, 1976, p. 152.

61

Jean-Paul Sartre, *Autoportrait a soixante-dix ans*. Situation X. Paris: Gallimard, 1976, p. 175.

A autobiografia foi para ele não somente uma forma de pensar sobre si mesmo, mas a busca de uma forma que pudesse auxiliar a responder à questão: “quem somos?” Isso fica bastante claro para mim lá nos diários de guerra; suas extensas análises sobre ele mesmo, sobre cada um dos acólitos, sobre a situação de guerra, aponta nesta direção. A pergunta sobre quem somos é sempre muito frequente na minha área, e lembrou-me um excelente documentário, *O Belo e a Consolação* (originalmente uma série da TV holandesa no início do século XXI e disponível no Youtube atualmente) que conseguiu a façanha de juntar mais de 20 grandes escritores, músicos, filósofos, pintores, cientistas... para conversarem sobre a consolação da beleza. Não assisti a todos os episódios, mas anotei uma frase da escritora Tatjana Tolstaja, neta de Tolstoi cujo pai era físico, na sua entrevista: “A coisa mais misteriosa do mundo somos nós. A sensação do EU em oposição ao não-EU. Todo o resto é explicável. A sensação do que sou eu não é explicável. Não há razão para tal”.

62
Philippe Lejeune. *Je est un autre*. Paris: Seuil, 1980.

63
Michel Contat et Michel Rybalka. *Les écrits de Sartre*. Paris: Gallimard, 1970, p. 385 [item 63/383]

A ideia de uma sequência para a autobiografia de Sartre, diz Lejeune em *Je est un autre*⁶², implica numa concepção cronológica da narrativa, uma ordem histórica que segue, de certa forma, a biografia clássica. As memórias de Simone de Beauvoir seguem esta linha, e cada volume parece concebido como uma novela da qual o público aguarda os próximos capítulos, já que foram publicadas enquanto vivia. Mas em relação a Sartre, Lejeune acredita que mesmo que ele possa ter tido uma ideia mais complexa de um trabalho autobiográfico e, talvez, usando o seu método dialético “progressivo-regressivo”, ao fim, ele escolheu o progresso cronológico, mesmo tendo a possibilidade de organizar sua narrativa de outra forma.

Michel Contat e Michel Rybalka indicam, em *Les écrits de Sartre*⁶³, que é em torno de 1953 que ele parece ter concebido o projeto de escrever uma autobiografia; e o faz em uma entrevista a Pierre Brasseur, sobre a adaptação de *Kean*. Quando interrogado sobre seus projetos pelo jornalista, ele fala de sua autobiografia. Contat diz também que o grosso do material foi escrito em 1954, revisto

muitas vezes, como mostram os manuscritos, depois retocado e matizado, reforça ele, no início de 1963, o que explica, segundo ele, algumas contradições de ordem cronológica pois o texto tinha dois pontos de referência, 1954 e 1963. Na importante entrevista a Jacqueline Piater, em 1964, Sartre conta sobre isso:

No início dos acontecimentos políticos, minhas relações com o partido comunista me preocupavam profundamente. Lançado na atmosfera da ação, de repente vi claro uma espécie de neurose que dominava toda minha obra anterior. Eu não a reconhecia antes: eu estava imerso (nela). Simone de Beauvoir tinha adivinhado as razões antes que eu. A característica de toda neurose é de se dar como natural. Eu achava tranquilamente que eu fui feito para escrever. Por necessidade de justificar minha existência, fiz da literatura um absoluto. Precisei de 30 anos para me desfazer deste estado de espírito. Quando as minhas relações com o partido comunista me deram distanciamento necessário, decidi escrever minha autobiografia. Queria mostrar como um homem pode passar da literatura considerada como sagrada, para uma ação que permanece, no entanto, a de um intelectual.⁶⁴

64

Sartre. In: Michel Contat et Michel Rybalka. *Les écrits de Sartre*. Paris: Gallimard, 1970, p. 386.

65

Michel Contat et Michel Rybalka. *Les écrits de Sartre*. Paris: Gallimard, 1970, p. 285.

66

Sartre. In: Michel Contat et Michel Rybalka. *Les écrits de Sartre*. Paris: Gallimard, 1970, p. 386.

Numa outra entrevista dada a Henry Magnan, do jornal *Le Monde* em 1o de junho de 1955⁶⁵, ele precisa mais suas intenções sobre a autobiografia e como se considera incompetente no plano da ação política. É nesta entrevista que está uma famosa frase muito usada ao se falar das relações de Sartre com o Partido Comunista Francês.

Se eu estivesse convencido da verdade de fatos novos, mesmo que sua revelação pudesse ser uma aventura para impedir o P.C., eu os revelaria. [...] Mas eu gostaria de dizer que, para ter direito de criticar validamente um movimento tão importante quanto o movimento comunista, é preciso trabalhar com eles. 90% das críticas que lhes fazemos são o fato de uma incompreensão maior de sua definição e de sua vocação.⁶⁶

Mas é novamente a situação de guerra na qual ele foi lançado em 1939, que aparece como definidora deste seu eu futuro.

São muitas memórias nas quais me defino em relação à situação histórica, usando como sistema de investigação tanto uma certa psicanálise quanto o método marxista. Importa muito explicar porque escrevo.⁶⁷

67
Sartre. In: Michel Contat et Michel Rybalka. *Les écrits de Sartre*. Paris: Gallimard, 1970, p. 386.

68
Michel Contat et Michel Rybalka. *Les écrits de Sartre*. Paris: Gallimard, 1970, p. 310 e 386.

Percebo aqui, nesta pequena fala dele, o quanto os diários de guerra acabaram por ganhar importância que, talvez, até então, não tinham tido. Suas memórias registradas nos diários foram importantes para a constituição de si próprio como um outro. Foi também um espaço de ensaio e esboço do que seria seu método de trabalho para as biografias que fará nas décadas seguintes, Baudelaire, Mallarmé, Genet, Flaubert. Em 1957, em entrevista a Olivier Todd⁶⁸, ele fala sobre este método e sobre as críticas que recebeu e, naquele momento, pensa em escrever sobre ele mesmo, empregando seu método. Creio que sente necessidade de examinar porque não se tornou, até aquele momento, o grande personagem escritor que havia imaginado para si. Precisava entender a constituição do seu próprio projeto fundamental para saber a razão deste projeto não realizado e explica a Jacqueline Piatier porque levou 10 anos para publicar *Les Mots*.

Escrevendo esta biografia, eu não me interesso somente pela significação particular de uma vida. Quero fazer a curiosa evolução de uma geração. Eu nasci em 1905 no meio de pequenos burgueses intelectuais.

Em *Les Mots*, eu explico a origem de minha loucura, de minha neurose. Esta análise pode ajudar os jovens que sonham escrever. Esta aspiração ainda é bastante estranha, e não fica sem uma cicatriz. [...] Em 1954 eu estava perto de lamentar [de ter escolhido a literatura]. Eu era um neófito num outro mundo. Sonhei com a minha vida há quase 50 anos. [...] mas, veja, existem dois tons em *Les mots*:

o eco desta condenação e uma atenuação desta severidade. Se não publiquei esta autobiografia mais cedo e na sua forma mais radical, é que a julguei excessiva. Não há razão para arrastar um homem infeliz para a lama porque ele escreve. A propósito, enquanto isso, me dei conta que a ação também tem suas dificuldades e que podemos ali também ser conduzidos pela neurose.⁶⁹

69

Sartre. In: Michel Contat et Michel Rybalka. *Les écrits de Sartre*. Paris: Gallimard, 1970, p. 387

Eu li direito? Ele falou “um homem infeliz”? Devem ter sido mesmo anos difíceis nesse processo de enfrentar a si mesmo, olhar-se e não ver o que gostaria de ver. Creio que vale lembrar que foi durante os anos 50 que Sartre iniciava-se na coridrana (anfetamina); nos anos 40 fazia uso de outro estimulante, a ortedrina. Já era assíduo consumidor de fumo e álcool em doses extremamente altas todos os dias até o final da vida (o consumo era tão alto que Castor conta que, em *Cerimônia do Adeus*, em algumas ocasiões teve que retirar as garrafas de esconderijos no apartamento dele, sintoma claro de alcoolismo), mas estes estimulantes o faziam ficar desperto e acelerado, escrevendo quase que automaticamente. Amanhã eu retomo isto. Já está na hora de fechar o bar para conseguir desligar meu motor interno e dormir.

sexta-feira, 11 de dez [já é noite]

Tentei desligar, mas não deu muito certo. Fiquei lendo a entrevista de John Gerassi fez com Sartre em 1971. Excelente! Selecionei coisas para trazer para cá no momento em que tiver um gancho.

Chuva, calor, chuva, e assim estamos há mais de uma semana. Dizem que quando a gente não sabe como começar uma conversa, começa-se pelo tempo. Então, muita umidade e com isso, algumas coisas se acumulam nas tarefas domésticas. Nada que tire meu sossego, nesse sentido. Nestes nove meses de isolamento aprendemos a conviver com o que podemos fazer e o que queremos fazer. Limpamos na medida do nosso possível e também da nossa vontade.

O sossego só é tirado quando ouvimos as notícias sobre as piruetas do governo em relação à vacina contra os zumbis, digo, a COVID-19. É um cabo de guerra no qual nós saímos perdendo. Amigo nosso hoje nos contou que dois vizinhos seus morreram e tem cinco internados. Vizinhos meus, que eu saiba, morreram três, mas pode ter mais, pois a comunicação com a rua e os passantes mudou muito neste ano. Como será voltar? Será que terá volta? Voltar ao quê exatamente? Dizem “voltar ao normal”; mas que normal?? Não existe normal, existe rotina.

Pela manhã chegaram mais dois livros, um meu, outro do meu amado companheiro. Chegam na casa de uma amiga que mora na rua principal aqui embaixo - moro no alto, numa rua de subida - e pago a um motoboy para me trazer as encomendas, porque os Correios não entregam mais pacotes na minha rua há quase três anos; temos que buscá-los numa agência em outro bairro, pois fecharam a agência do meu bairro - a fila é sempre grande, o calor insuportável e não há lugar para sentar. É uma crueldade para aqueles funcionários que em dias mais quentes me falaram que a temperatura lá dentro chega a quase 50 graus centígrados. Então não reclamo, viro estóica (rsrs). Aguardava pacientemente a minha vez com um leque na mão e uma garrafa de água na outra, também levava o meu banquinho da mobilização - uma banquetta em tripé fácil de abrir, fechar e carregar que levava todas as vezes que fazíamos protestos e passeatas pela UERJ e a carreira docente. Foram muitos protestos durante os quase 30 anos de UERJ. Está comigo até hoje.

Vou num vai-e-vem neste texto, dando uma certa dimensão do tempo de escrita e do tempo vivido, mas retorno às partes já escritas constantemente, e insiro novas coisas, pois este texto está se formando através de um processo que nunca utilizei. Mesclo aqui diário, autobiografia - que considero inclusa no diário - e minhas reflexões e referências sobre o tema proposto para a palestra no evento do dia 24 de novembro de 2020. Não revi a filmagem, prefiro não olhar para mim mesma, iria ver um monte de defeitos e me angustiaría com aquilo

70

Herman Melville. *Bartleby, o escrivão*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

perpetuado naquela tela. Prefiro não olhar, parafraseando a meu modo o “Prefiro não fazer” do personagem de Herman Melville em *Bartleby, o escrivão*⁷⁰. Aos quase 59 anos, estou mudando com mais rapidez, e uma camada de cabelos brancos em torno do meu rosto já se formou há algum tempo - fica menos visível agora que estou com o cabelo bem curtinho -, mas com o cabelão comprido de um ano atrás, ficava bem mais visível. Mas nenhum problema com esta prata da casa, é a papada abaixo do queixo - mal de família -, que desaba sem nenhum pudor, que me assombra! Envelhecer não está sendo incômodo, pelo contrário, sinto-me mais tranquila e em paz com as decisões que tomei durante minha vida. Algumas boas, outras nem tanto, mas nenhuma ruim de todo, creio eu - pelo menos que eu me lembre. Mas no conjunto me sinto muito feliz e sinto que, com meu amado comigo, terei ainda algum tempo de vida equilibrada e sossegada, como gosto.

Retomo, então, a história das drogas que Sartre fez uso para depois voltar à autenticidade, o si-mesmo e os diários.

Annie Cohen-Solal conta um pouco sobre isso da seguinte maneira:

Essa década de 50, para falar a verdade, é vivida por ele com intensidade criadora absolutamente desenfreada, parecida, às vezes, com a fase de hiperprodutividade e agitação que teve depois da guerra. E, então, para manter o compasso e sustentar os pistões da sala de máquinas, chega ao limite de suas forças, dormindo pouco, fumando muito, bebendo outro tanto e ainda mais. Em 1945, tinha quarenta anos. Os comprimidos de ortedrina que então consumia assumiam em todo este contexto o papel de um estimulante químico bem-vindo e útil. O tempo passou voando, o corpo foi se desgastando, o trabalho e os excessos enferrujaram as peças da máquina. No verão de 1954, supersolicitado pelos anfitriões soviéticos, moído pelo cansaço e pelas obrigações, esgotado enfim pelo abuso de bebidas

alcóolicas, simplesmente entrega os pontos: dez dias de hospital em Moscou [...]. Mas Sartre, como se sabe, não é homem de acatar ordens médicas, que recomendam moderação, repouso, sono e sobriedade. Depois desse alarme moscovita, sofre uma segunda crise enquanto assiste, no Teatro Antoine, em companhia de Simone Berriau, Castor e Bost, aos ensaios de sua última peça. Todos sentados estão bebendo. Sartre conversa, saboreando um uísque; mas, na hora de pousar o copo na mesa, sente um mal-estar inquietante [...].⁷¹

71

Annie Cohen-Solal. Sartre.
Porto Alegre: L&PM,
1986, p. 481.

É claramente uma forma de viver autodestrutiva. Os anos finais de sua vida, a perda da visão e tantos outros problemas físicos que teve, foram o preço por esses anos todos vividos de forma absolutamente insalubre, se é que se pode usar esta palavra para isto e não para um lugar. Mas estamos falando de um homem inteligente, cercado de mulheres e outros homens todos inteligentes também, mas que não mediam o tamanho da consequências desses abusos ao longo das décadas. Simone também pagou um bom preço por abusos semelhantes com álcool e fumo, como contam suas biografias.

Mas não é só isso. Há mais, lembra bem Annie Cohen-Solal:

Na roda de amigos, com efeito, ninguém quer aceitar esses sinais de fraqueza e a pequena "família", não se conforma com a imagem penosa de um Sartre doente. Como aliás, poderia? Com aquela vitalidade esfuziante, esbanjando energia, é assim que se mostra quase o tempo todo. [...] além do mais, quem se atreve, sem assumir um papel repressor, a dar ordens à personalidade avassaladora de Sartre, tirano supremo de sua própria pessoa, e de uma forma cada dia mais insidiosa, mais devastadora? O problema por sinal, é incontornável: enquanto prossegue com as atividades de convívio, com as viagens, a fartura das refeições, o exagero no consumo de álcool, gorduras, fumo e drogas, vai acumulando páginas e mais páginas, numa rotina inflexível, de uma austeridade monástica, sem admitir a menor distração. [...] Note-se que

Sartre não tolera o menor atraso, nem tampouco antecedenças.⁷²

Tem mais por vir! Mas este já é um retrato desalentador de alguém que inventou a si mesmo, de alguém que nos ensinou que cada um decide o modo como quer viver e como quer morrer. Neste momento, provavelmente, a "família" já tinha noção do preço a ser pago nos anos que se seguirão.

72

Annie Cohen-Solal. Sartre.
Porto Alegre: L&PM,
1986, p. 482.

[...] 1958 é um ano terrível, "desalentador", como disse Castor. Crises cada vez mais frequentes: ausências inquietantes em plena refeição, recados rabiscados às pressas numa caligrafia vacilante e irregular, leves delírios repentinos, zumbido no ouvido, acessos de hipertensão, de congestão. [...] Sair dessa situação incômoda? Para Sartre não é problema: tenta obter o máximo de rendimento com o mínimo de tempo possível. Toma doses cavalares de soníferos para garantir o sono e mal acorda já vai abrindo o primeiro comprimido de coridrana, exorbitando no café, no uísque, lançando-se a uma roda-viva infernal [...] na urgência absoluta de ganhar tempo, na necessidade de levar a máquina aos últimos limites de suas forças.⁷³

73

Annie Cohen-Solal. Sartre.
Porto Alegre: L&PM,
1986, p. 482-483.

A história da coridrana lembra muito a de tantas outras drogas lícitas que ainda são vendidas e usadas como uma forma de resolver os problemas da vida. Falei muito sobre isso na época em congressos e sala de aula, especialmente na época de uma pesquisa que envolvia propagandas de medicamentos, creio que 2004, 2005. A coridrana é uma anfetamina, um estimulante do sistema nervoso; você fica mais ligado e tem menos sono. Claro que Sartre resolvia o problema tomando soníferos! Mas criou para si um círculo vicioso e uma dependência química enorme, pois ele consumia praticamente 20 comprimidos de coridrana por dia. Como essa substância era misturada, na sua fórmula, com aspirina, a sensação de bem-estar era enorme, já que não se sente dor ou cansaço, e, assim, acaba levando o organismo à exaustão.

São 15:30h e meu amado vai servir o almoço. Hora de fechar aqui. Não sei se retorno.

domingo, 13 de dez

Como dá pra ver, não voltei aqui desde sexta-feira. Hoje, nada, somente pão, vinho e Tarte Tatin do jeito bem tradicional. Deu tudo certo. Vou retomar o que estava escrevendo sobre as drogas que Sartre usou e seus efeitos.

Os efeitos do uso contínuo de anfetaminas em Sartre, ao longo dos anos, foram devastadores. Mas em conversa com John Gerassi no final de 1970, filho de Fernando Gerassi e Steffa, grandes amigos de Sartre e Simone desde os anos 20, ele diz não estar arrependido, apesar da conversa ter sido interrompida para que uma enfermeira lhe aplicasse uma injeção. Gerassi acrescenta a seguinte nota em seu texto desta conversa:

De repente, apareceu uma enfermeira, que interrompeu nossa conversa. Mesmo Sartre tendo somente 65 anos, já sofria o efeito de todas as anfetaminas que havia tomado ao longo de sua vida adulta, e necessitava que lhe dessem umas injeções a cada mês.⁷⁴

Quando a enfermeira saiu, Gerassi lhe pergunta: "Por que te dão injeções?".

Sartre: Tive vertigens durante as férias, e os médicos pensam que minhas veias endureceram, então me dão injeções para alargá-las.

Gerassi: Por causa das anfetaminas?

Sartre: Suponho. Mas mesmo que eu morresse amanhã, valeu a pena. Quero dizer que nos últimos quarenta anos nunca dormi mais que quatro horas por dia.⁷⁵

É surpreendente que não tenha morrido mais cedo. Michel Contat, em algum texto que li, já não lembro qual, e Annie Cohen-Solal contam que era possível saber, através da sua caligrafia, quando estava sob o efeito das anfetaminas. Ela descreve essa forma avassaladora de viver ou, creio, de morrer mais rapidamente.

74

John Gerassi. *Conversaciones con Sartre*. Madrid: Sexto Piso, 2012, p. 50.

75

John Gerassi. *Conversaciones con Sartre*. Madrid: Sexto Piso, 2012, p. 50.

76

Annie Cohen-Solal. Sartre.
Porto Alegre: L&PM,
1986, p. 483-484.

Já ao acordar, depois de um jantar pesado e de poucas horas de sono mal-dormido, artificial, facilitado por quatro ou cinco tranquilizantes, ele começa pelo café e depois é a vez da coridrana: um comprimido, daí a pouco dois, em seguida três, mastigados enquanto trabalha... No fim do dia, um tubo inteiro - às vezes mais - desaparece desse jeito. Em seu lugar, surgem trinta, às vezes quarenta novas laudas de obras sartreanas. Às vezes calmos, tranquilos, lineares - as palavras coladas umas às outras -, os rabiscos azuis se espalham, enérgicos, indo para a frente e inclinados para a direita, elevando-se verticalmente, mergulhando, mas sempre controlados. E depois, volta e meia bate o temporal, é aquela sacudida, o desabafo, o delírio descabelado: palavras angustiadas, deformadas, monstruosas, viradas para a esquerda, para baixo, esticadas, alargadas, anárquicas, saltando fora das linhas, abreviadas, aumentadas, bêbadas. Assim escreve a Crítica da Razão Dialética: numa onda enorme de palavras enlouquecidas, de ideias justapostas, compactas, às vezes mal integradas. Nas crises de hiperagitação, nos ciclos de drogas funcionando em todos os sentidos, para frente, para trás, ponto morto, de novo para frente e assim por diante... numa luta desatinada contra si mesmo, contra o corpo exausto, contra o tempo e contra o sono. E em doses descomunais.⁷⁶

Devia ser muito difícil a convivência com ele, especialmente durante este período em que usava anfetaminas e soníferos como se fossem balas de jujuba.

Citei o trabalho de John Gerassi e voltarei a ele mais vezes, pois suas conversas com Sartre são bastante reveladoras, especialmente por não esconderem ou deturparem os acontecimentos, coisa que as memórias de Castor fazem muitas vezes. Não tenho clareza das razões de suas omissões; deve ter tido muitas, mas não as explica, simplesmente dá a sua versão. Sartre se entrega a Gerassi, por ser amigo e um entrevistador inteligente e muito articulado, colocando Sartre constantemente

contra si próprio, apontando suas contradições e tocando em temas inesperados, ao ponto de Sartre dizer: "Merda, Hahaha! Com você tenho que ter cuidado com o que digo!"⁷⁷. Para quem estuda Sartre há algum tempo, é um texto importantíssimo, já que contradiz alguns mitos criados por ele próprio e Castor sobre si mesmo e, também, por apresentar relevantes preocupações que Sartre tinha com a questão da solidariedade, a vivência da guerra e tantas outras coisas.

77

Sartre. In: John Gerassi.
Conversaciones con Sartre.
Madrid: Sexto Piso, 2012,
p. 59.

Um exemplo muito claro disso é a famosa versão Castor-Sartre de como ele conheceu a fenomenologia. Todos nós sabemos do tal do coquetel de damasco ou do copo de cerveja - como sempre discordavam os dois. Mas há outra versão, aparentemente mais verdadeira e sincera, que ele conta a John Gerassi.

Gerassi: É verdade. Berlim! Você chegou a Berlim em 1933, ao mesmo tempo que os nazistas, não?

Sartre: Exato. Obtive a mesma bolsa para estudar ali que Raymond Aron havia conseguido no ano anterior. Como me ajudou com a bolsa, atribuem-lhe o mérito de haver-me iniciado na fenomenologia, mas, como você sabe, de fato foi coisa do teu pai [Fernando Gerassi].

Nota de Gerassi: O filósofo e politólogo Raumond Aron era amigo de Sartre na École Normale Supérieure. [...] Fernando [Gerassi], que apresentou a fenomenologia a Sartre, havia estudado filosofia primeiro com Ernst Cassirer em Berlim e depois com Edmund Husserl em Friburg. Estava na mesma classe de Martin Heidegger, e os dois foram assistentes (privatdozent) no gymnasium (escola de bacharelado) enquanto preparavam suas teses. Fernando havia concluído a sua (sobre "a fenomenologia do pensamento"), porém ainda não a havia defendido, quando assistiu a uma conferência do historiador de arte e filósofo Heinrich Wölfflin. Como resultado desse encontro, Fernando abandonou a filosofia [...] e decidiu ser artista. Em 1924 [...] foi para Paris e acabou vivendo com uma imigrante ucraniana, Stépha Awdykowicz,

78

John Gerassi. Conversaciones con Sartre. Madrid: Sexto Piso, 2012, p. 57-58.

que estudava na Sorbonne na mesma classe de sua melhor amiga, Simone de Beauvoir, que também estava preparando a agrégation e frequentemente estudava com Sartre. [Nota 11, p. 457].

Gerassi: Mas naquela época em Berlim não havia fenomenólogos, não é? E você não falava alemão...

Sartre: mas podia ler...

Gerassi: Husserl? Heidegger?

Sartre: Não muito bem, é verdade; só um pouco. No fim, Charles [avô] havia sido professor de alemão e blasfemava em alemão, pensando que eu não o entenderia, mas as crianças entendem tudo, claro.

Gerassi: Como? Foi Charles quem permitiu que compreendesse as blasfêmias de Husserl?

Sartre: Hahaha. Sabe, eu sempre quis estudar inglês, mas Charles insistia em que eu estudasse alemão, assim tinha uma boa base. Mas a respeito de Husserl... De fato, seu pai veio ver-me duas vezes, durante duas semanas, e me traduziu grande parte da obra de Husserl. Mas, na realidade, eu havia ido ali para divertir-me...

Gerassi: Com os nazistas?

Sartre: Vamos!, não seja tão malvado, aquele era um "cholo" [mestiço, sentido pejorativo]. Supunha-se que eu devia impregnar-me da cultura alemã, e isso foi o que fiz. Não gostava, mas foi um ano muito feliz.⁷⁸

Coloquei estes espaços acima para destacar que não vou forçar nenhuma ligação com o que estava falando anteriormente, já que fiz um intervalo para descansar. Creio que já explorei o suficiente as decisões que ele tomou em relação ao seu corpo e a sua decisão de como morrer. Posso discordar dessas escolhas, pois elas não tem nada a ver comigo, e nem me presto a fazer nenhum julgamento sobre elas, se o fizesse seria, do ponto de vista sartriano, um grave erro.

Retomo, sim, a questão da autenticidade. Preciso caminhar com ele, no seu diário, mais um pouco, para compreender melhor a forma pela qual ele analisa a situação-guerra, e como a sua perspectiva vai mudando à medida que analisa a sua situação e a si-mesmo. Em certo momento do seu diário de guerra, Sartre diz que a situação de guerra coloca os homens num ponto de vista privilegiado,

[...] para que o homem realize e compreenda seu ser-no-mundo (porque este ser-no-mundo fica em perigo). Ainda melhor, é o ser-no-mundo do homem, é a própria realidade-humana vista sob o prisma da fragilidade, do absurdo e do desespero, mas, por isso mesmo, colocada em relevo. Portanto, deve-se viver a guerra sem recusá-la, sem que isso signifique que ela não seja odiada já que sua natureza é a de odiosa. Deve-se vivê-la no odioso e com autenticidade. Em suma, a mudança de minhas perspectivas consiste no seguinte: eu considerava a guerra como uma desordem inumana que atingia o homem; agora vejo que tudo se trata de uma situação odiosa, embora ordenada e humana, de um dos modos do ser-no-mundo do homem.⁷⁹

79

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2005, p. 96.

Aqui o termo autenticidade ganha a força de 'genuíno, legítimo'; ser autêntico é ser lídimo na situação na qual se está imerso, é compreender a si-mesmo-em-situação, exercício que ele faz cotidianamente, porque se pretende original. Ao mesmo tempo, e de forma bastante obsessiva, elegeu para si o projeto de ser um grande autor, um imortal, desses em que os livros se perpetuam pela eternidade. Deve ter sido impactante para ele, levando em consideração o grande projeto de ser imortal, ver seu amigo Paul Nizan publicando, aos 27 anos, um grande livro, *Aden, Arábia* (1932) escrito aos 20 anos e que o tornou extremamente conhecido. Em 1960, Sartre fará um longo prefácio a este livro e a seu amigo, considerado traidor pelo Partido Comunista, de quem se afastou em setembro de 1939. Morreu na famosa batalha de Dunkerque em 1940. Eram a dupla "Nitre e Sarzan", um tipo de amálgama de nomes inventado por eles mesmos.

John Gerassi lembra com Sartre estes momentos de amizade e também o rompimento.⁸⁰ Mas sua admiração se manteve como ele mesmo diz:

Sartre: [...] Já não me recordo em que classificação [no exame de agrégations] ficou Nizan, mas publicou seu livro sobre Aden. Um livro extraordinário, que demonstra até que ponto estava envolvido. Concebia o homem ligado a sua condição, quer dizer, não livre, enquanto eu definia o homem como absolutamente livre, então discutíamos durante horas e horas ao longo de nossos passeios por Paris. contudo, nossos fundamentos filosóficos eram idênticos.⁸¹

[...]

Gerassi: Você estava com ciúmes de Nizan?

Sartre: Talvez, pode ser depois de sua viagem a Aden e seu livro, que foi muito bem recebido. Recordo que quando nos reencontramos na École Normale, eu estava muito mais feliz, não só por ser seu amigo, mas por ser parte de um grupo [...].⁸²

Mas Sartre acredita que para realizar esta tarefa, a de escritor imortal, deve fazer da sua vida o “lugar” da escritura, no qual exerce esse ofício cotidianamente e absolutamente regrado. Será assim, especialmente, nos anos 60 e 70. Sua rotina era inflexível, registrou Cohen-Solal⁸³, e nela deveriam caber as horas para escrever, as horas com Castor, as horas com os amores contingentes, Michelle Vian, Arlette Elkaïm (primeiro amante e depois sua filha adotiva⁸⁴), Wanda, as entrevistas e outros que faziam sua solicitações para conversar com ele. Um pouco dessa rotina está exposta no texto de Jean Cau publicado no número especial de *Les Temps Modernes* em 2005, uma homenagem aos 100 anos do nascimento de Sartre⁸⁵. Ali ele conta as peripécias de Sartre para lidar com todas as mulheres na sua vida: mentir. Mas sempre muito generoso com relação ao dinheiro, comprou para cada uma um imóvel (Simone comprou o dela depois que ganhou o Prêmio Goncourt); ele optou por morar de aluguel, assim queria, mas vivia se enrolando com as contas, pois fazia tudo praticamente sem controle. John

80

John Gerassi. *Conversations con Sartre*. Madrid: Sexto Piso, 2012, ver p. 98-99.

81

John Gerassi. *Conversations con Sartre*. Madrid: Sexto Piso, 2012, p. 99.

82

John Gerassi. *Conversations con Sartre*. Madrid: Sexto Piso, 2012, p. 113.

83

Annie Cohen-Solal. *Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1986, p. 483-482.

84

John Gerassi. *Conversations con Sartre*. Madrid: Sexto Piso, 2012, p. 461, nota 4. Ver também à página 40, o relato de Sartre sobre seu caso com Evelyn Lanzmann, atriz, que se tornou amante de Sartre em 1953 e se suicidou em 1966 um pouco depois que Sartre havia rompido com ela. “Quando me disseram que havia se suicidado, tive um breve ataque de asma, mas nada mais. Como estou convencido de que depois da morte não há nada, não posso chorar pelos mortos”.

85

Jean Cau. *Croquis de memoires. Les Temps Modernes: Notre Sartre*. Paris, nos. 632-633-634, 2005, p. 11-38.

Gerassi também foi “vítima” de sua generosidade: Sartre emprestou-lhe uma grande soma de dinheiro para que ele pudesse comprar um imóvel quando morou em Paris durante 1970-1974, época em que o entrevistou para fazer sua biografia. Gerassi havia sido proibido de dar aulas no EUA por causa de sua militância contra a guerra do Vietnã. Ao vender o apartamento para retornar aos EUA, deu um cheque a Sartre devolvendo o montante emprestado. Este disse que não se recordava e o rasgou.⁸⁶

O termo autenticidade tem raiz grega, indica o *Dictionnaire Les Notions Philosophique*⁸⁷ vem de “authentès”, significando aquele que age por si mesmo. Autenticidade é compreendido como sinônimo de sinceridade, mas uma sinceridade particular, aquela que se torna corrente no século XX: que mesmo na imagem deformada que o autor possa dar de si mesmo, se encontra ali, revelada, uma verdade essencial, a do olhar que ele tem sobre si mesmo (é o que percebo nos diários, a criação de imagem de si que nem sempre é sincera, mas exatamente isto já revela uma verdade essencial sobre o autor). Neste sentido, a autenticidade se define como a coincidência da fala (ou discurso) e do ser; coincidência esta que regula qualquer discurso genuíno e que vem, ao mesmo tempo, impossibilitar o acesso à perfeita autenticidade. Vejo Sartre se questionando continuamente, creio que o vejo na busca dessa coincidência, que mais tarde se transformará no exercício de autonomia da consciência em busca da liberdade. É, portanto, sem sombra de dúvida, uma decisão radical de autonomia, como ele manifesta, ainda durante os anos 40, nos *Cahiers pour une morale*⁸⁸, anotações estas escritas entre 1947-1948 e publicadas postumamente. Não tenho como abrir aqui uma investigação sobre a autenticidade nestes *Cahiers*, e também não tenho nenhuma vontade de fazer isso. Mas aqueles que se entusiasmarem pelo tema e tiverem tempo para investir nessa leitura que poucos fizeram, sugiro o livro de Francis Jeanson, um discípulo pra lá de obediente de Sartre, *Le problème moral et la pensée de Sartre*, publicado em 1965, cujo prefácio, milagrosamente pequeno - duas páginas, é de Sartre, e no qual ele diz:

86

John Gerassi. Conversaciones con Sartre. Madrid: Sexto Piso, 2012, nota 6, p. 462.

87

Dictionnaire Les Notions Philosophique, Paris: PUF, 1990, V. 1, p.193-194. Ver também François Noudelmann e Gilles Philippe. Dictionnaire Sartre. Paris: Honoré Champion, 2004. Philippe Cabestan. Dictionnaire Sartre. Paris: Elipses, 2009.

88

Jean-Paul Sartre. Cahiers pour une morale. Paris: Gallimard, 1983.

Você foi o primeiro a me dar uma imagem de mim mesmo bastante próxima para que eu pudesse me reconhecer, muito estrangeira para que eu pudesse me julgar. Você não cometeu o erro de julgar a obra de um autor vivo como se ele estivesse morto, e como se ela estivesse parada para sempre. [...] você a olhou como uma espécie de pensamento inacabado, em movimento, e você tentou esboçar suas perspectivas futuras. [...] Pois, de fato, o existente é para mim um ser que 'tem para existir seu ser', é claro que a ontologia não pode se separar da ética e que eu não faço a diferença entre a atitude moral que um homem escolheu e a isto que os alemães chamam de "*Weltanschauung*".⁸⁹

A situação de guerra trouxe para Sartre desejos de aventuras heróicas, como os personagens que criava nas suas histórias na infância. Busca então a autenticidade na ação heróica como justificativa para sua presença ali. Seu dilema está em alistar-se ou não na infantaria, e Castor já avisou que se mataria se não pudesse mais vê-lo.

89

Francis Jeanson. *Le problème moral et la pensée de Sartre*. Paris: Éditions du Seuil, 1965, p. 11-12.

A única mola real que poderia levar-me a agir seria a esperança de encontrar, aí, uma verdadeira autenticidade. Quanto ao resto, trata-se unicamente do estado de espírito de um candidato reprovado - que é, frequentemente, o meu: esta manhã, ao fazer exame, tomei bomba, é tudo [ele se refere às revistas que são feitas nos uniformes, etc.]. [...] E isso deixou-me humilhado.⁹⁰

Sonha com o heroísmo alhures, diz ele desse outro trecho, já que deseja algo diferente desta situação. Um tanto de dias mais à frente, e muitas páginas depois escritas, ele retorna ao mesmo tema:

Cada vez mais me convenço de que para alcançar a autenticidade é preciso que alguma coisa desmorone. [...] Mas estou a salvo de rachaduras. Estou amarrado ao meu desejo de escrever. Mesmo na guerra saio-me bem porque logo penso em escrever o resultado dessa interrogação e sei muito bem que sonho apenas em questionar meu desejo

90

Jean-Paul Sartre. *Diário de uma guerra estranha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 160-161.

de escrever porque, se realmente o fizesse, nem que fosse por uma hora, se tentasse deixá-lo em suspenso, colocá-lo entre parênteses, desapareceria todo o motivo para esse questionamento.⁹¹

Então sobrevêm novamente o questionamento da autenticidade nos diários que está lendo, nos tons lamurientos e chorões, como ele diz. De Dabit, considerava frases vagas, “interrogações oratórias”, vazio. Copia frases de Gide sobre sua vivência na Primeira Guerra, compara consigo próprio e vê nítidas diferenças. A autenticidade, diz ele,

91

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 229.

[...] exige que sejamos um pouco chorões. A autenticidade é a verdadeira fidelidade a si mesmo. [...] a autenticidade exige que aceitemos o sofrimento, por fidelidade a nós mesmos, por fidelidade ao mundo. Pois somos livres-para-sofrer e livres-para-não-sofrer. Somos responsáveis pela forma e pela intensidade do nosso sofrimento. É muito fácil ficar desvairado - muito fácil também ser estóico. Mas, durante todo este tempo, aprendi que é quase impossível manter a autenticidade.⁹²

92

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 256.

Fico confusa. Há momentos em que ser autêntico aqui nesta guerra significa estar em acordo consigo mesmo; mas para isso é preciso aceitar a situação de guerra - o tal ser estóico. Muito bem, mas ao mesmo tempo é preciso, de acordo com ele, manter a integridade do seu projeto de escritor e, a qualquer custo, escrever; e, no meio de tudo isto, ele “busca uma autenticidade”. Creio que tenta, ao escrever sobre suas experiências, ser o mais fiel possível aos seus pensamentos e sentimentos; tenta expressá-los tendo como pano de fundo esta procura por uma autenticidade que fale de si mesmo sem ser lamurienta e chorosa. Creio que isso só se tornará claro para ele, enquanto forma literária de escrita de si, quando concluir *Les Mots*, em 1963. Lá o tom está dado, revisado, relido, cortado, sem choradeira ou lamentações, é isto e pronto, foi assim que vivi [retornarei ainda à sua biografia, espero!]. Ele, então, em 27 de novembro, depois de praticamente três meses de “guerra fantasma”, parece

colocar em ordem seu turbilhão de pensamentos sobre este tema no qual se sente inteiramente tomado.

A autenticidade é um dever que nos vem de dentro e de fora ao mesmo tempo, porque nosso "interior" é um "exterior". Ser autêntico é realizar plenamente o ser-na-situação, seja qual for essa situação, com aquela consciência profunda de que pela realização autêntica do ser-na-situação levamos à existência plena a situação, por um lado, e, por outro lado, a realidade-humana. Isso pressupõe um aprendizado paciente de tudo o que a situação exige e, em seguida, um modo de se lançar e de se determinar a "ser a favor" da situação.⁹³

No dia seguinte, depois de ler uma carta de Wanda em que ela fala ironicamente sobre autenticidade, ele reflete sobre si-mesmo e sua busca, e conclui:

93

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 259.

É verdade, não sou autêntico. Tudo o que sinto, antes mesmo de sentir, sei que o sinto. E, então, sinto apenas pela metade, absorvido que estou em definir meu sentimento e pensar sobre ele. Minhas maiores paixões não passam de movimentos dos nervos. O resto do tempo, sinto às pressas e depois traduzo em palavras, aperto um pouco daqui, forço um pouco dali, e surge a sensação exemplar, digna de um livro encadernado. Tudo o que os homens sentem posso adivinhar, explicar, transformar em palavras. Mas não sentir. Crio uma ilusão, pareço uma pessoa sensível e sou um deserto. Mas quando considero meu destino, ele não me parece tão desprezível: é como se tivesse à minha frente uma porção de terras prometidas. Mas mostro o caminho para que os outros possam entrar. Sou o indicador, esse o meu papel. Parece-me que neste momento utilizo-me da parte mais essencial de minha estrutura, dessa espécie de amargura desolada de me ver e me ver sofrer, não para conhecer a mim mesmo, mas para conhecer todas as "naturezas", o sofrimento, a alegria, o ser-no-mundo. É o meu eu, esta reduplicação contínua

e reflexiva, esta precipitação ávida de tirar partido de mim mesmo, este cuidado. Sei muito bem - e muitas vezes sinto-me cansado disso. Daí é que vem esta atração mágica que exercem sobre mim as mulheres obscuras e infelizes. Wanda, e, antes dela, Olga.⁹⁴

Sartre percebe-se, aqui, como eu sempre o percebi, como um certo tipo de racionalista, em que cada sentimento deve ser escrutinado rigorosamente e, com isto, a sensibilidade desaparece. Não há como manter as duas, e isto ele já havia demonstrado no *Esboço de uma Teoria das Emoções*⁹⁵. Sartre não se apresenta como um homem sensível, no sentido de não se deixar afetar por aquilo que ele mesmo considera choradeira ou pieguice. A atração mágica que ele fala acima, parece-me mais como um desafio para ele, e uma canhestra tentativa de alcançar um pouco do sofrimento do outro, já que ele não o consegue. Também aparenta uma grande dificuldade em compreender o outro, pôr-se no lugar do outro, e só o faz quando há algum interesse seu em jogo, como foi o caso com Olga, amante de Simone e a quem Sartre tentou conquistar. Durante dois anos sofreu com esta relação, como ele relata nestes diários. Ele chamou este período de "minha loucura". Arlete Elkaïm-Sartre, responsável pela publicação e notas destes diários após a morte de Sartre, explica o seguinte em nota de rodapé à página 74:

Sartre esteve apaixonado por Olga Kosakiewicz, ex-aluna de S. De Beauvoir [...] e irmã mais velha de Wanda. Nos cadernos, outras alusões serão feitas a este amor violento que se situa em um período bastante conturbado (1935-1937) da vida de Sartre, tendo chegado a temer que viesse a enlouquecer. Em segredo, Olga tinha preferência por J.-L. Bost.⁹⁶

O que Arlete Elkaïm-Sartre não conta aqui, e que John Gerassi conta com todas as letras, é que Olga era amante de Castor, que era ao mesmo tempo amante de Bost, com quem Olga acabou se casando.

94

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 269.

95

Jean-Paul Sartre. Esboço de uma Teoria das Emoções. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

96

Arlette Elkaïm-Sartre. In: Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 74, nota 69.

97

John Gerassi. *Conversaciones con Sartre*. Madrid: Sexto Piso, 2012, p. 461, nota 2.

98

Arlette Elkaïm-Sartre. In: Jean-Paul Sartre. *Diário de uma guerra estranha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 74, nota 69.

99

Sarte. In: John Gerassi. *Conversaciones con Sartre*. Madrid: Sexto Piso, 2012, p. 138. Ver também p. 139-140 em que relaciona o aparecimentos dos caranguejos ao mundo adulto no qual mergulhou depois de formado.

100

Annie Cohen-Solal. *Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1986, p. 154.

101

Na verdade são lagostas, mas Sartre sempre se refere à eles sempre como caranguejos, relação com uma cena em sua peça *Os Sequestrados de Altona*. Ver John Gerassi, *Conversaciones con Sartre*. Madrid: Sexto Piso, 2012, p. 157. Elas apareceram, segundo seu relato, após sua entrada no mundo adulto, em que teve que assumir o posto de professor.

Diz Gerassi que “Sartre tentou seduzir Olga durante mais de dois anos. Olga ia ser a estrela de sua peça de teatro *Entre quatro paredes*, porém ao final não foi assim, provavelmente porque ela se negou a dormir com ele”⁹⁷. O período conturbado que diz respeito à “sua loucura”, esteve aparentemente relacionado a três fatos que aconteceram concomitantemente: o primeiro é a entrada na vida adulta, que o leva a ser professor - o que não queria; o segundo diz respeito ao uso experimental que fez da mescalina, cujos efeitos colaterais o perseguiram por muito tempo; o terceiro, Olga e sua “paixão”, que não cedeu às suas investidas e que escondeu dele que queria estar com Jacques-Laurent Bost⁹⁸. Sartre menciona que sua primeira depressão começou quando se graduou na École:

Creio que minha primeira depressão começou quando me graduei na École Normale. De repente, me dei conta que teria que converter-me em uma peça qualquer de uma engrenagem. Não é que não gostasse de dar aulas, mas sim que de repente estava determinado e definido como professor. Onde estava a liberdade que eu havia defendido que todos possuímos, a liberdade de aceitar o próprio destino? Havia algo que não encaixava. A considerava uma ideia moral, no sentido que devemos aceitar o que fazemos na medida em que somos responsáveis por ele. Em outras palavras, meu mundo se tornou sério. O ano na Alemanha constituiu um hiato, mas só um hiato.⁹⁹

Sobre Olga, sabemos que ela se aproxima dele durante o período em que os efeitos colaterais da mescalina o atingiam profundamente¹⁰⁰. Ela está presente e lhe faz companhia, acha as alucinações com os caranguejos¹⁰¹ que o perseguem engraçadas, conversa e faz passeios com ele.

Dois anos de amor infeliz, torturante; dois anos de ciúme mórbido e exacerbado, de obsessões, de vertigens. Olga não cederá, nem tampouco o repudiará totalmente; ele vai ficar assim, no espaço

confuso e insuportável dos amores ambíguos, das situações duvidosas, viverá, febril e desesperado, à espera de um gesto, de uma abertura, de uma mudança; tentará seduzir com humor, com inteligência, generosidade, imaginação.¹⁰²

Nos diários, ele constantemente retoma este período de loucura e essa “paixão”. Coloco “paixão” entre aspas porque tenho dúvidas sobre a autenticidade deste sentimento sobre o qual ele fala. Suas várias confissões nos diários e a série de entrevistas com John Gerassi indicam grande ambiguidade no que toca à sensibilidade dele em relação ao outro. Neste caso específico de Olga, no qual viveu constantemente a derrota e o desaparego da parte dela, havia um inferno muito claro nesta situação da vida amorosa, criada por ele mesmo ao estabelecer o tal acordo do amor necessário e dos amores contingentes que ele e Castor fizeram. Houve um claro arrependimento, sobre o qual ambos conversam em cartas. Trocam segredos e mentem aos seus “amores”. A nota de Arlette Elkaïm-Sartre, à página 469 dos diários, é esclarecedora e resume bem a situação que ambos criaram. Interessante que ao relê-la, percebo que ela também colocou a palavra “paixão” entre aspas. O dia é 20 de fevereiro de 1940 e ele escreve a Castor.

102

Annie Cohen-Solal. Sartre. Porto Alegre: L&PM, 1986, p. 154.

103

Arlette Elkaïm-Sartre. In: Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 469, nota 6.

Neste dia, Sartre escreve para Castor que “ele perdeu um pouco a alegria de viver”. Sente-se perseguido por suas mentiras: está inquieto a propósito de Wanda que, eventualmente, poderia ficar sabendo que ele lhe havia ocultado alguns dias de sua licença; além disso, ele já está elaborando uma carta de ruptura para enviar a Bianca, mas estará realmente convencido disso? Apesar de sua “paixão” por Wanda, ele desconfia de que se trata de um sentimento, por um lado, construído contra Olga - por quem estivera seriamente apaixonado em 1936 e que lhe havia dado o fora - e, por outro, entretecido pela semelhança entre as duas irmãs (esse foi, de qualquer modo, o teor do que afirmou alguns anos mais tarde). Falando de Bianca, S. De Beauvoir escreveu o seguinte: “É a única pessoa a quem realmente fizemos sofrer e não há dúvida de que ela sofreu conosco” (Carta para Sartre de 13 de dezembro de 1945).¹⁰³

Fui lá verificar nas cartas, e é isso mesmo. Aliás Kate Kirkpatrick acentua este arrependimento de Castor em relação à Bianca em vários momentos, mas somente em relação a ela, e a mais ninguém.

Em 16 de fevereiro de 1940, logo depois de retornar de sua licença, ele faz conjecturas a respeito de seu amor por Wanda (Wanda era irmã mais nova de Olga). O tempo verbal está no passado, “amava”, e diz que, talvez, exatamente porque precisava partir, podia apenas se entregar a esse amor, “[...] mas aquela raridade que eu esperava não apareceu nunca, decididamente não fui feito para emoções raras”.¹⁰⁴ Ao pé desta página, em nota, Arlette Elkaïm-Sartre diz que ele foi duplamente inautêntico. Aqui a palavra ganha claramente a dimensão da não sinceridade e, claro, junto com ela vem a mentira:

Em Paris, Sartre havia sido duplamente inautêntico: a pedido de Simone de Beauvoir, ele contou para Wanda que tinha desfrutado de apenas cinco dias (no total de dez) de licença; e, de forma penosa, foi obrigado a dissimular sua impaciência em rever a moça porque, na viagem de retorno, escreveu para Castor: “eu estava com medo de não ser suficientemente amável durante a minha licença.” Por outro lado, ele não informou Bianca a respeito desta licença; assim, Sartre lê “com horríveis remorsos” as cartas que ela tinha lhe enviado durante sua estada em Paris (carta para Castor de 16 de fevereiro, trecho inédito). Três dias antes, ele se questionara para saber “se não seria preferível ser fiel, durante toda a vida, a uma só pessoa” (Cf. S. De Beauvoir, *Journal de Guerre*, op. cit., 10 e 13 de fevereiro de 1940).¹⁰⁵

Essa sensação de mal-estar parece que vai sempre acompanhá-lo. Mas aquilo que mencionei anteriormente, sobre a sensibilidade, ou falta dela, não é somente algo de um momento. John Gerassi, no prefácio ao livro de conversas com Sartre, conta o pior momento que teve com Sartre naquele período de convivência. Ele havia terminado com sua namorada, com quem acabou se

104

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 434. Ver especialmente o dia 20 de fevereiro de 1940, p. 460 e seguintes, em que novamente fala, após sua licença, que não foi autêntico em Paris. A seguir, faz um longa análise da autenticidade (especialmente às p. 462-463) que não poderei acrescentar aqui, mas que parecem, de certa forma, agir aqui como uma justificativa analítica de seu comportamento em Paris. Há ali também uma nota de Arlette Elkaïm-Sartre, dizendo que todo o parágrafo “contém, talvez, uma confissão dissimulada” (nota 1, p. 463).

105

Arlete Elkaïm-Sartre. In Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 434, nota 26

casando, e, sem o saber, Sartre pergunta por ela. Simone de Beauvoir percebe, neste momento, que os olhos de Gerassi se encheram de lágrimas e ele diz que eles terminaram.

Sartre me olhou de lado a lado com seus olhos vinhos e logo declarou: "Pois o invejo. Eu nunca chorei por uma mulher em toda a minha vida".

Isto foi doloroso para Beauvoir. Sartre percebeu e tratou de explicar-se a toda pressa: "Quando Castor e eu decidimos manter uma relação aberta, descobrimos que a paixão leva inevitavelmente à ansia da possessão e ao ciúme. Assim, como sabe, decidimos que nossa relação seria "necessária", porém que seríamos livres para manter outras relações, que chamamos "contingentes". Isto exigia eliminarmos a paixão, a classe de emoções que frequentemente se manifestam com lágrimas. Porém agora me dou conta de que... o invejo; pode chorar aos quarenta, e eu, aos setenta, nunca chorei".

Observei o profundo sofrimento de Beauvoir. Obviamente, ela havia derramado lágrimas por seus amantes frequentemente, por Sartre ou outro, e estava ferida pelo fato de que ele não havia chorado por ela.¹⁰⁶

As palavras aqui falam por si. A interpretação que será dada a elas depende da forma como cada um lê Sartre, o filósofo, e Sartre, o homem.

Sobre o outro fato do período conturbado, da "sua loucura", o uso experimental que fez com a mescalina, existe o relato específico sobre isso que está publicado em *Les Mots e autres écrits autobiographiques* [Pléiade Gallimard], o relato dele em *O Imaginário*¹⁰⁷, e no filme de Alexandre Astruc e Michel Contat: *Sartre*.

O fato é que a "viagem experimental" teve efeitos desastrosos, como ele mesmo relata no filme e para Gerassi. Ele estava num momento ruim, havia retornado de um ano de férias em Berlim, como ele mesmo

106

John Gerassi. *Conversations con Sartre*. Madrid: Sexto Piso, 2012, p. 15-16.

107

Há um erro no livro de Cohen-Solal sobre isso: ali a indicação é do livro *A Imaginação*, quando na verdade trata-se de *O Imaginário*. Não sei se é erro de tradução pois não tenho o original para confronto. Ver Annie Cohen-Solal. *Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1986, p. 152.

108

Annie Cohen-Solal. Sartre. Porto Alegre: L&PM, 1986, p. 151-152.

109

Jean-Paul Sartre. *L'Imaginaire*. Paris: Gallimard, 1940, p. 202. Na edição brasileira da Ática de 1996, está à p. 206.

diz (retomarei isto mais adiante), e tem que voltar às atividades de ensino no Havre, que Raymond Aron o havia substituído. Sente-se gordo, balofo e um professor provinciano, bem longe daquela imagem de escritor imortal que criou para si. Estava com 29 anos e ainda não havia publicado nada de relevante. Sente-se deprimido, mas recebe um pedido de publicação e sugere um livro sobre a imaginação, para uma coleção da Editora Alcan, que um ex-professor seu da École, Delacroix, dirige. É nesse momento que ele procura Daniel Lagache, ex-colega de estudos que agora é médico do Hospital Saint-Anne. Curioso sobre os delírios visuais sob a ação da mescalina para escrever no seu texto, em janeiro de 1935, “sob vigilância médica e e por motivos científicos”, relata Cohen-Solal¹⁰⁸, Lagache lhe aplica uma injeção de mescalina, alucinógeno derivado do peiote, que é um cacto comum no México. Ele conta sua experiência, de forma muito racional, em *L'Imaginaire*:

Pude constatar, por ocasião de uma injeção de mescalina que me foi aplicada, um breve fenômeno alucinatório. Apresentava, precisamente, esse caráter lateral: alguém cantava numa sala vizinha e, como eu tentava ouvir - deixando, por isso mesmo de olhar diante de mim - três pequenas nuvens paralelas apareceram diante de mim. Este fenômeno desapareceu naturalmente quando eu tentei apreendê-lo. Ele não era compatível com uma consciência visual plena e clara. Só podia existir furtivamente e, aliás, se dava como tal; nessa maneira das nuvens se entregarem à minha lembrança, após terem desaparecido, havia, por sua vez, qualquer coisa de inconsistente e misteriosa, que fazia, me parece, nada mais que traduzir a existência destas espontaneidades liberadas na margem da consciência.¹⁰⁹

Mas quando vamos saber sobre esta sua experiência fora do livro, fora da reflexão crítica e afastada emocionalmente sobre o assunto, ali exercida com grande esforço por causa dos efeitos prolongados da mescalina em seu corpo, que provocaram meses de alucinações, o que encontramos é o seguinte:

110

John Gerassi. Conversaciones con Sartre. Madrid: Sexto Piso, 2012, p. 114.

Sartre: [...] Supostamente também houve desastres individuais. Bem, não um desastre; talvez exagero, como quando decidimos experimentar com drogas. Eu acabei com uma depressão nervosa.

Gerassi: Você se refere aos caranguejos?

Sartre: Sim, depois de tomar mesalina, comecei a ver caranguejos ao meu redor o tempo todo; me seguiam pelas ruas, em sala de aula...

Gerassi: Como podia estudar então?

Sartre: Me acostumei com eles. Ao levantar-me pela manhã, lhes dizia: "Bom dia, pequenos, como dormiram?". Lhes falava todo o tempo ou lhes dizia: "Bem, pessoal, agora entramos em aula, assim terão que ficar quietos e calados", e ficavam ali, ao redor de minha cadeira, em silêncio absoluto, até que soava o sino.

Gerassi: Havia muitos?

Sartre: De fato não, só três ou quatro.

Gerassi: Mas você sabia que eram imaginários?

Sartre: Sim, dede o início. Enquanto estive na École Normale, me deixaram em paz, porém, logo que acabei os estudos, durante todo um ano, realmente, comecei a achar que estava ficando louco, assim fui ver um psicólogo, um jovem que desde então é meu amigo, Jacques Lacan. De fato, tornou-se psicanalista e uma vez, muito tempo depois, tentou analisar-me.

Gerassi: E descobriram algo?

Sartre: Nada interessante, nem para ele nem para mim, com excessão dos caranguejos; concluímos que eram fruto do medo da solidão ou, nesse contexto, do medo de perder meus companheiros de grupo. Como você sabe, uma vez que passei no exame de *agrégation*, minha vida deu um giro radical; antes era parte de um grupo de uns dez, que incluía a camponeses e trabalhadores, assim como intelectuais burgueses, e a partir de então fiquei sozinho com Castor.¹¹⁰

O que me chama a atenção neste trecho, que é também muito engraçado, pois fiquei imaginando a cena com os caranguejos-lagostas obedecendo suas ordens de ficarem

em silêncio em aula, é o fato dele colocar os caranguejos no período da École, que foi de 1924 até 1928, quando foi reprovado no exame de agrégation, no qual Aron passou em primeiro. Ele passou no exame de 1929, junto com Castor. Então, os bichinhos apareceram antes e não têm relação com a mesalina, mas com a entrada no mundo adulto, no mundo da vida dura: a idade da razão.

O outro trecho sobre este assunto vem do filme de Alexandre Astruc e Michel Contat¹¹¹, também feito durante os anos 70, na mesma época das entrevistas a John Gerassi. Em certo momento, Simone de Beauvoir pergunta sobre sua neurose, se há uma ligação dela com o fato de não se ver com prazer na profissão de professor, durante o período da École, e que, a seguir, foi encaminhado para dar aulas no Havre. Ele acha que sim, mas considera complicado pois, se apegou um pouco à tarefa de ensinar.

111

Alexandre Astruc e Michel Contat: Sartre. Paris: Gallimard, 1977.

112

Alexandre Astruc e Michel Contat: Sartre. Paris: Gallimard, 1977, p. 51-52.

Sartre: [...] Eu acho especialmente que tinha a ver com a passagem para a vida adulta. Não esqueça que antes, o que eu tinha? Tinha meus anos de École Normale que foram deliciosos, mas que eram igualmente de uma vida comum. E depois fiquei só, individual, com você, e começamos uma vida adulta. Esta passagem da juventude à vida adulta foi, certamente, sentida por mim de maneira muito desagradável.

Simone de Beauvoir: Sua neurose certamente também está ligada à experiência da mesalina, mesmo se isto não explica tudo.

Sartre: Esta é uma causa ocasional, especialmente porque a mesalina deu alucinações muito agradáveis a um médico que a experimentou comigo, mas como eu experimentei com Lagache, que tem um caráter um pouco sombrio, ele me disse: "É terrível o que isto provoca", eu tive imagens desagradáveis.¹¹²

E segue fazendo uma descrição do que viu e como viu, acreditando que tudo tinha também relação com a situação que vivia, em forma de uma crise de identidade na passagem para a vida adulta.

113

Alexandre Astruc e Michel Contat: Sartre. Paris: Gallimard, 1977, p. 54

Sartre: [...] então, como vê, têm muitos elementos, eu diria: o elemento ocasional, a mescalina, que tomei para escrever *O Imaginário* [...]; um elemento profundo que é a passagem para a vida adulta; e um elemento secundário, mas também importante, que era o trabalho psicológico que eu fazia sobre mim mesmo. Creio que é assim que podemos interpretar a coisa, embora concordando que nunca se explica totalmente uma neurose indicando as condições possíveis.¹¹³

114

Alexandre Astruc e Michel Contat: Sartre. Paris: Gallimard, 1977, p. 53.

Nessa época, escreveu *A imaginação* e *O Imaginário* e disse que não lhe fez bem.¹¹⁴ Antes de retornar aos últimos apontamentos sobre a autenticidade nos diários, parece-me que sua maneira de compreender a si mesmo neste período é bastante racional e coerente. Mas percebo também que outros elementos, não listados por ele, estão ali também presentes: o acentuado mal-estar com seu corpo e sua feiúra, mas especialmente o projeto que havia construído para si de viver através dos livros, de viver para e pela literatura, ser imortal através dos seus livros, estava completamente paralisado, vendo seu futuro preso à carreira de um professor de um *Lycée*. Quando fala da sua neurose, parece estar sempre falando de algo que nunca conseguiu ultrapassar, parece arrastar uma derrota em uma batalha que só existiu em sua imaginação, aquela de ser um grande escritor como imaginava quando criança e que ele nomeou de sua neurose literária. Este período após a saída da École é por ele comentado, lembrando quantas e quantas vezes corria atrás das mulheres lhes oferecendo a preciosa liberdade.

Certa vez fui apanhado no meu jogo. Castor aceitou minha liberdade e a guardou. Isso foi em 1929. Fui bastante tolo para me deixar afetar: em lugar de compreender a oportunidade extraordinária que se me oferecia, mergulhei em uma crise de melancolia. Na mesma ocasião deixei a École Normale, aquele ambiente amorfo e violento de camaradagem, e fui morar sozinho. Comecei também o serviço militar, que criou em mim uma grande modéstia - abandonada alegremente logo depois. Mas essa

modéstia conseguiu eliminar os últimos vestígios de sobre-humanidade que ainda existiam em mim. Além disso, tornei-me professor, já disse, acima, que foi um duro golpe.¹¹⁵

Última coisa desse longo dia (porque hoje quando encerro este dia é, verdadeiramente, 16 de fevereiro): comecei a ler o diário de Susan Sontag.

segunda feira, 14 de dez [noite]

Um calor dos infernos. Alergia a mil! Muita gente morrendo de COVID-19 e ainda não acreditando... Teve baile Funk na Cidade de Deus este fim de semana - todos sem máscara...

115

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 286.

116

Susan Sontag. Diários (1947-63). São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 17. Escrito aos 15 anos em 23 de novembro de 1947.

117

Susan Sontag. Diários (1947-63). São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 17.

Susan Sontag parece que nasceu grande. Seus diários iniciam com 14 anos e não tem lero-lero. Sabe o que quer, o que acredita e elenca o que considera mais importante, inclusive um Estado ideal, no qual o salário mínimo seja confortável, "que haja apoio aos incapacitados e idosos, e atendimento público para mulheres grávidas, sem distinção de filhos legítimos e ilegítimos". Acredita "que a única diferença entre os seres humanos é a inteligência" e "que o único critério para uma ação é a felicidade ou a infelicidade individual que em última instância ela produz".¹¹⁶

O esboço de um pensar ético já está presente nesta tão grande escritora que, depois de conseguir passar por dois cânceres, acreditava que escaparia do terceiro.

De novo me deparo com a questão da sinceridade que povoa os diários e é a sua sombra. Aos 15 anos, Susan Sontag já demarca essa questão logo no início de seus diários, afirmando que acredita "que a coisa mais desejável do mundo é a liberdade de ser verdadeiro para si mesmo, ou seja, Honestidade"¹¹⁷. Olho para os diários de Sartre e, no conjunto, tenho a sensação de honestidade, que ele realmente exercita a análise de si

mesmo, que efetivamente busca olhar para o mundo no qual está situado e que, também, procura entender suas motivações passadas. Sente-se mal em muitos momentos; registra que não gosta do que vê em si, em outros; mas também evidencia sua alegria com pequenas coisas e, sobretudo, sua ligação com Castor, das quais as cartas dele para ela falam por si.

Muitos diários são publicados após a morte de quem os escreveu. Supostamente não queriam publicar, ou ficaram naquele limbo entre um desejo e um horror sobre estes papéis que revelam algo sobre si mesmo. O caso dos diários de Sartre é um desses. David Reiff, também escritor, filho de Susan Sontag, conta na abertura dos diários, como foi o processo de tomada de decisão para publicar os diários de sua mãe postumamente.

Sempre achei que uma das coisas mais tolas que os vivos dizem a respeito dos mortos é a expressão “fulano teria desejado que fosse assim”. No máximo é palpite; [...]. Assim, o que quer que se possa dizer sobre a publicação de *Diários* (1947-63), [...], não é este o livro que ela teria feito - e isso supõe, em primeiro lugar, que ela teria resolvido publicar estes diários. Em vez disso, a decisão de publicar e a seleção foram apenas minhas. [...]

[...] Mas minha mãe morreu sem deixar instruções sobre o que fazer com seus papéis e seus escritos inacabados ou não organizados. [...] até poucas semanas antes de sua morte, ela continuava a acreditar que ia sobreviver. [...]

No que me diz respeito, minha mãe tinha um direito absoluto de morrer como quisesse. Não devia nada à posteridade, muito menos a mim, enquanto lutava para viver.

[...] Assim, seguramente, minha decisão viola a privacidade dela.

[...] o mais convincente nos diários eram a crueza e o retrato sem verniz que estes documentos apresentam de Susan Sontag quando jovem, a qual conscientemente e de forma decidida se empenhou em criar a pessoa que ela queria ser.¹¹⁸

118

David Reiff. Prefácio. In: Susan Sontag. *Diários* (1947-63). São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 7-14.

Procuro com esses trechos, retirados do prefácio, ressaltar o quanto é difícil para os que ficam lidarem com o que fica espalhado pela nossa casa, com nossos escritos e todas as coisas que deixamos, e que contam, sem sombra de dúvida, a nossa história. Mas desde que o computador entrou em cena em nossas vidas diárias, houve um recuo dos nossos registros em papéis; eles são agora um registro no disco rígido do computador ou ficam gravados nas nuvens pelo tempo que seus donos os mantiverem ali. Facilmente deletáveis, não passam de uma vaga memória que é rápida e facilmente destruída; sem deixar rastros e sem um backup, não há como saber o que escrevemos nas nossas máquinas, nem o que já deletamos, por raiva, por achar bobagem ou qualquer outra coisa. Necessitaríamos de um especialista para examinar o computador e rastrear a memória que, como o caracol, deixa um rastro de gosma por onde passa. E se a máquina desaparecer, não vamos ler nada mesmo. É o caso da falta de energia. Claro, temos bateria, mas somente por um determinado tempo. A virtualidade também mudou a maneira pela qual nos relacionamos com papéis e livros de forma geral; muito menos leitura do que as gerações anteriores e indo num descendente contínuo. Viramos um produto nas redes sociais e é o nosso tempo que está sendo vendido ali - quanto mais tempo nas redes, mais propagandas vemos, mais narrativas manipuladoras são colocadas diante dos nossos olhos e nos tornamos cada vez mais propensos a aceitar "coisas". É preciso sermos mais críticos mas, como afirma o filósofo Bernard Stiegler em seu livro *Reflexões (não) contemporâneas*, a crítica não é a denúncia de um estado de fato, mas o discernimento dos limites desse estado de fato, de suas antinomias e paralogismos.¹¹⁹ Parecemos a horda, o rebanho, o enxame, que caracteriza a sociedade hiperindustrial que Stiegler fala, que trabalha para a eliminação da singularidade.

119

Bernard Stiegler. *Reflexões (não) contemporâneas*. Chapecó, SC: Argos, 2007, p. 29.

Mas se os diários são singulares, até que ponto as postagens das redes o são? Em que momento estamos abrindo mão da singularidade para virar rebanho? Pois essa dessingularização, que homogeniza desejos para massificar a oferta de produtos e que condiciona as

pessoas para o consumo - tão naturalizada nas redes sociais, jogos eletrônicos, publicidades na televisão e internet - já estava em cena nos livros de Herbert Marcuse nos anos de 1950 e 1960... As novas tecnologias auxiliam este processo de condicionamento que aceitamos cotidianamente através de um marketing contínuo que muito raramente questionamos.

É só lembrar o mais conhecido livro do jornalista Wilson Bryan Key, *Subliminal seduction* (1973), que chamou a atenção para este tipo de publicidade que manipulava o consumidor. Quase 20 anos depois, em *A era da manipulação*¹²⁰, reitera as afirmações do livro anterior e indica como ter um pouco de sanidade numa situação insana. Para ele, naquele momento, vivíamos o modelo dos caça-níqueis, que ingenuamente acreditamos que podem ser vencidos. Como a probabilidade ensina, a fração de "sorte" para ganhar ali é de 1%¹²¹, é pura lei estatística. O centro de tudo isso está nas "aproximações"; isso significa que você chega tão perto, mas tão perto da vitória - ou pensa que chegou -, que essa aproximação se torna uma autojustificativa para jogar novamente. O efeito disso é nefasto nas pessoas, tanto do ponto de vista emocional como financeiramente. Os joguinhos eletrônicos têm a mesma lógica, você chega tão perto para passar para a próxima fase que é capaz de perder duas, três, quatro horas seguidas nisso sem se dar conta, exaurindo o corpo e sua capacidade cognitiva e criativa. O processo é em si mesmo autoreforçador, as empresas não precisam fazer grandes esforços para convencer as pessoas a continuarem conectadas, elas fazem isso espontaneamente.

Estamos, então, cada vez mais vulneráveis à quilo que as redes colocam em cena. As postagens não são necessariamente sinceras, os perfis não são necessariamente pessoas. Mas é possível exercer algum grau de controle sobre tudo isso, apesar de estarmos imersos numa cultura digital, e por termos nos tornado, cada vez mais, analfabetos verbais, visuais e éticos. Wilson Bryan Key sugere: "[...] ver não deve ser crer".¹²² Ao assumir o ponto de vista crítico, criando um grau

120

Wilson Bryan Key. *A era da manipulação*. São Paulo: Scritta, 1993.

121

Wilson Bryan Key. *A era da manipulação*. São Paulo: Scritta, 1993, p. 292.

122

Wilson Bryan Key. *A era da manipulação*. São Paulo: Scritta, 1993, p. 322.

de distanciamento, podemos, talvez, diminuir nossa vulnerabilidade: a) na pressão, relaxe - você pensa melhor; b) proteja - saiba filtrar o que é urgente ou importante; c) perceba e confronte o que percebeu com o que os outros perceberam; d) descontextualize - a criatividade é uma arma poderosa contra premissas autolacradas; e) isole a palavra da imagem, examine os mínimos fragmentos, pois nada é desprovido de sentido.

Tudo isso também se relaciona ao que Stiegler chama de "a era do voyeurismo midiático", na qual a verdade do mundo se apresenta nos cliques e "curtidas". O que significa, realmente, ter seguidores em um aplicativo? Nada mais é do que puro comércio, alguém vai lucrar alguma coisa com aquilo; os seguidores não são amigos, até podem se tornar, mas não são. Quando as diferenças entram em cena, cada um põe "as mangas de fora" e se prepara para um embate. Recentemente fiz um mini-curso gratuito de dicas gastronômicas e culinárias que foi divulgado numa rede social na qual tenho um perfil. Claro que eu sabia que, ao fim do curso gratuito, me seria oferecida uma "grande" oportunidade de fazer o curso com este grande mestre por um "precinho" que, dividido em X vezes, sairia, aos olhos dos publicitários do curso, muito barato, já que eu poderia ter aulas com um grande Chef internacional e detentor de duas estrelas Michelin. Após o curso, claro, veio a publicidade que não dei bola, até que uma delas me chamou atenção pelo conteúdo que transformou o tal Chef - de quem gosto muito - numa mercadoria. Fiquei tão transtornada com aquela "venda" que, depois de um tempinho, achei que deveria escrever para os responsáveis pela campanha e dizer alguma coisa sobre isso:

Olá. Como o grupo [WhatsApp] não está mais aberto para interação, escrevo por aqui [privado do WhatsApp]. Meu nome é Ariane Ewald e, como disse no grupo, sou professora universitária, agora aposentada, psicóloga, e meu interesse nas aulas foi para aprender e usar aqui em casa para nós dois, as dicas oferecidas; e, claro, para nossos amigos - quando pudermos sair do isolamento que completará um ano agora no fim de fevereiro.

Escrevo para agradecer e para dizer que não tenho condições de fazer o curso. Mas queria chamar a atenção de vocês para uma coisa. Uma das frases usada por vocês para estimular a compra do curso é cheia de problemas. A frase é esta: "Quanto vale aprender técnicas, receitas e segredos inéditos com um dos melhores chefs do mundo, reconhecido internacionalmente e dono de um restaurante detentor de duas estrelas Michelin?".

Ora, isso não tem valor monetário; isso é a vida do XY, o que ele construiu e as escolhas que fez e que fizeram dele o que ele é hoje. Isso não tem valor monetário. Equiparar a vida de uma pessoa, sua dedicação, empenho e desejo, ao dinheiro, é desmerecer toda esta trajetória que ela realizou. Se tivesse dinheiro sobrando faria o curso pelo prazer de aprender com um grande chef, mas não posso neste momento e acho que a vaga deveria mesmo ir para pessoas da área que podem usufruir mais desse saber. Sugiro simplesmente que não quantifiquem a experiência de alguém, que não a transformem em dinheiro pois o conhecimento que adquirimos ao longo da vida não tem preço. Como fui professora de universidade pública, meu conhecimento sempre foi gratuito, minhas aulas sempre foram abertas ao público, meus artigos estão disponibilizados gratuitamente on-line, porque sempre acreditei na educação pública e gratuita. Mas essa é a minha vida, minha história. Repensem, por favor, a maneira de fazerem publicidade de um curso de uma pessoa como o XY, porque vocês o reduziram a uma cifra e considero isso uma afronta à sua pessoa. Sim, vivemos num mundo capitalista, eu sei, no qual tudo se transforma em dinheiro, mas é possível não ser totalmente derrotado por ele. Sempre defendi em sala de aula para meus alunos que, se pensavam em transformar a sociedade tornando-a mais justa e igualitária, teriam que repensar o modo pelo qual a própria Psicologia se apresenta, e incluir nos seus atendimentos semanais algumas horas de atendimento gratuito, dando a oportunidade a quem não pode pagar. Essa é uma sugestão para vocês. Há muita gente talentosa no nosso país e que estão se iniciando na área de gastronomia, mas há poucas oportunidades; porque não oferecer um curso gratuito para uma dessas pessoas? Talvez isso mude a vida de uma delas para sempre; e não

importa que seja uma; uma já basta para iniciar uma mudança. Espero que repassem essa mensagem para quem importa, ou se importa, e que possam concretizar essa sugestão.

Gostaria de agradecer imensamente a oportunidade que tive, pois as aulas gratuitas dele me fizeram, e ao meu marido também, repensar algumas coisas no nosso preparo de alimentos, armazenagem e várias outras dicas importantes que o Atala disponibilizou. Muito obrigado e até mais.

Bom, a resposta deles foi um silêncio tão grande quanto a minha mensagem. Nenhuma surpresa na forma como o marketing tem sido feito. Somos transformados numa mercadoria e parece que a lógica é sempre a de ganhar mais dinheiro. Recebi, nestes últimos dois dias, mensagens via e-mail me oferecendo o curso novamente. O verbo utilizado foi “dar”, que é sinônimo de presentear, conceder, oferecer, permitir. Ora, claro que não estão “dando” o curso, apesar do uso do verbo “dar”. É triste ver o mundo à sua volta transformado em moeda e saber que raríssimas pessoas se importam e ouvem quando falamos educadamente e argumentamos racionalmente. Há sempre uma tentativa de “parecer” verdadeiro, de parecer sincero.¹²³

123

Outro filme que vi nestes dias e que indico com muita ênfase, é do diretor Ken Loach, de 2016: *Eu, David Blake*. A burocracia cria armadilhas que são verdadeiras torturas e vemos isto constantemente nos sistemas de saúde. Ken Loach teve a coragem de mostrar isto neste filme em que uma pessoa, com problemas de saúde, é levado a sérias dificuldades por causa da forma como o sistema foi estabelecido.

124

Jean Cau. *Croquis de memoires*. Les Temps Modernes: Notre Sartre. Paris, nos. 632-633-634, 2005, p. 11-38.

Novamente, então, a sinceridade. O texto de Jean Cau¹²⁴, que trabalhou como secretário de Sartre um pouco mais de uma década, mostra como Sartre mentia ao lidar com os amores contingentes. Aparentemente, sentia a necessidade de agradar e satisfazer a todas as suas mulheres e demonstrar a cada uma delas, supostamente, que eram importantes, mas não tão importantes quanto Castor. Estranho modo de elaborar seus sentimentos, ou melhor, de não saber lidar com eles, cheio de contradições e de falta de sinceridade. Toda sua vida parece uma busca contínua por criar algo que ficasse para sempre, que o tornasse imortal, e tão pouca importância deu aos seus sentimentos. Um homem notável, sim, um grande filósofo e escritor, extremamente gentil intelectualmente, como tantas narrativas de amigos e conhecidos comprovam. Mas é assim, nos constituímos, ele provavelmente diria,

em meio a decisões mal elaboradas feitas em situações nas quais os sentimentos criam obstáculos. Mas é exatamente ali, no cotidiano, que fazemos essas escolhas, e elas podem se transformar em grande mudança em nossas vidas.

quarta-feira, 16 de dez [fim de tarde]

Um calor dos infernos aqui. Passamos por chuvas torrenciais seguidas de altas temperaturas. Parece que este verão será dos infernos mesmo. A festa de fim de ano na praia de Copacabana com os fogos foi cancelada hoje. Não haverá fogos nem nada. O aumento da infecção e de mortos pela COVID-19 voltou a subir muito e estamos novamente vivendo em meio ao “perigo eminente” do contágio. Foram mais de 687 mortes em 24 horas, um aumento considerável.

Fechei no último dia aqui falando sobre quem somos, como nos constituímos. Talvez possa perguntar: o que nos define? Geralmente temos uma resposta pronta ou ficamos procurando algo singular em nós que nos diferencie dos outros. Mas o que aparentamos é o que somos efetivamente? Creio que toda a trajetória de Sartre nos diários, ao questionar constantemente a si mesmo, procura evidenciar que não. Lembro de uma história que me foi contada sobre uma professora e seu coque. É sabido que para as mulheres os seus cabelos possuem um alto grau de importância; e essa professora usava, há muitos anos, sempre o mesmo tipo de penteado, um coque na parte de trás da cabeça. Todos achavam que ela gostava imensamente do penteado, pois era o mesmo há anos. Então, um dia, um colega comenta sobre o penteado e o quanto ela deveria gostar, ao que ela responde: - *Não, não... não sou eu! É o meu marido. Foi assim que ele me conheceu e é assim que ele quer continuar a me ver!*

Acho esta história surpreendente. Me pego pensando em quanta gente abre mão de si mesmo para que o outro mantenha viva dentro de si uma imagem cristalizada da pessoa. O olhar sartriano iria logo falando sobre a

opressão do outro, a impossibilidade do amor entre duas consciências livres etc., etc... Há um lado de razão nisso, mas há também um lado de sensibilidade e cuidado com o outro, o que fazemos pelo outro e o que o outro faz por nós. Não sei dizer, no conjunto das micro-relações desta pessoa e seu marido, permeada por prazeres, mútuas concessões e reconhecimentos de fragilidades, o valor exato desta concessão feita por ela ao desejo dele. E como só ela poderá fazê-lo, me eximo de julgá-la enquadrando-a em alguma apressada "cama de Procusto" teórica-feminista de uma generalizada opressão machista. A via do amor só existe se for de mão dupla, em que ambos percebem o companheiro como sendo algo fundamental na sua existência, e que a vida não faz sentido se não estiverem juntos. Vejo isso em Sartre e Simone, especialmente em suas cartas, que revelam essa ligação poderosa, esse amor, mas os gestos de carinho pareciam ter sido soterrados com a importância pública que ambos receberam.

Conhecer-se. Os "mil Sócrates" planejam isto para realizar seu projeto; mas ele sente de forma ruim a mudança para a vida adulta. O garoto burguês tem que agora ganhar a vida sozinho. É designado, após passar no exame de *agrégation*, para dar aulas num liceu no Havre. Oferece a Castor a liberdade; ela aceita. Os companheiros saem de cena e ele se sentirá muito solitário. Não vê nisto uma oportunidade, mergulha numa melancolia, usa mescalina com efeitos desastrosos, se apaixona por alguém que não o quer, e dá um nó na sua percepção sobre o que é sua vida naquele momento.

Depois de alguns anos, e já tendo conseguido alguma notoriedade, ele consegue olhar para o passado e tenta escutinar suas decisões. Relatou que já havia passado por uma análise com o então psicólogo, como ele chama, Jacques Lacan, mas que não teve muita surpresa com o resultado. Não tenho registro de quanto tempo duraram seus encontros com Lacan, mas sempre mantiveram a amizade, e Lacan o cita em um dos seus seminários sobre a questão do olhar elaborada em *O Ser e o Nada* - quem conta é Paulo Perdigão, tradutor deste livro-monumento, em uma nota de rodapé.¹²⁵

125

Paulo Perdigão. *Existência e Liberdade*. Porto Alegre: L&PM, 1995, nota à p. 136.

126

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 279.

Os diários de guerra são o seu escrutínio. Ele procura se examinar no todo, no passado e no presente. A sexta-feira, 1 de dezembro de 1939, foi um dia em que Sartre escreveu com intensidade em seu diário, anotando e analisando um de seus acólitos, Pieter, mas voltando-se especialmente para si mesmo, procurando entender a vida que teve até este momento. É um “passar a limpo”, afirma. Aqui vemos ele refletir sobre a mágica decisão infantil de ser um grande escritor, fonte de sua “neurose literária”, como ele chama. Usa das reflexões sobre o diário de Gide como ponto de partida e de comparação com seu próprio diário, que acredita ser muito diferente. Voltarei a esta comparação mais adiante. O que me interessa neste momento é o belo exercício de usar toda a sua racionalidade para compreender a si mesmo, já que acredita “[...] que cada pessoa determina livremente uma espécie de afeto moral, a partir do qual forma seus valores e concebe seu progresso.”¹²⁶ Em nenhum outro momento de seu diário de guerra, na minha avaliação, percebi Sartre tão disposto a colocar em prosa sua ruína emocional, com todos os adjetivos e verbos que seriam capazes de expressar um pouco do que passou naqueles anos que lhe foram tão penosos; e o fez num texto extremamente belo, sem a mordacidade e acidez que existe em *Les Mots*.

Não estarei esquematizando demais se disser que o problema moral que me preocupou até aqui é, em resumo, o das relações entre a arte e a vida. Eu queria escrever. Esse não era o problema, jamais o foi. Apenas ao lado desses trabalhos propriamente literários, havia o “resto”, isto é, tudo: o amor, a amizade, a política, o relacionamento comigo mesmo, e tanta coisa mais! Não importa o que fizemos, somos lançados no meio de todos esses problemas. O que fazer? Acho que permanecerei fiel à verdade se distinguir três períodos, sob esse ponto de vista, da minha vida de jovem e adulto. O primeiro vai de 1921 a 1929. É um período otimista, um tempo em que eu era “mil Sócrates”. [...] a verdade é que me convenci de que bastava dedicar-me à literatura para que a vida fizesse o resto, por si mesma. E que a vida que devia se fazer já estava

escrita em minha cabeça: a vida de um grande escritor, como a dos personagens de romances. Mas só havia um meio de ser um grande escritor: escrever, exclusivamente escrever. Assim, essa vida patética e sedutora [...], o destino se encarregaria de me dar, contanto que eu escrevesse bons livros. Esse otimismo, sem dúvida, vinha da minha infância e de um pensamento aristotélico[...]: um grande escritor leva a vida de um grande escritor, portanto devia consagrar todo o meu esforço para me tornar um grande escritor. O resto viria naturalmente. hoje, se me perguntarem o que prefiro, escrever um bom livro ou levar a vida de um grande homem, hesitaria muito antes de responder. Parece-me que eu estava cheio de ambição por essa vida maravilhosa, mas queria merecê-la, escrevendo bons livros. Não pela moral, mas para que ela realmente me pertencesse.¹²⁷

127

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 282-283.

Na falta de uma certeza de ser este grande homem, diz que agia como se fosse predestinado; era jovem e podia sonhar. Diz ele que registrou os “desdobramentos fictícios” dessa vida em um caderninho que, infelizmente, perdeu. Ali também registrou sua análise de Simone Jolivet, sua primeira namorada, além de notas breves de filosofia.

[...] Além disso, eu estava disponível: tudo me era possível porque eu não era nada. [...] o fim no exílio eu aceitava de bom grado, estava longe e esse tom pessimista me permitia aceitar o dia de glória sem mudar de opinião. Com efeito, como a vida era falha [De fato, a vida era um fracasso porque ela sempre terminava em derrota] (minha tradução) [...] Esses artifícios, esse pessimismo encobrindo e disfarçando meu otimismo profundo, me permitiram abordar o período mais sombrio e desencorajador da minha vida, sem que meus princípios sofressem qualquer mudança aparente. Eu continuava convencido de que a vida era uma causa perdida, só que desta vez acreditava nela. E acreditava porque precisava acreditar. Ainda havia mentira nisso. Eis por quê: sempre acreditei que um grande homem

devia permanecer livre. [...] A todo momento corremos o risco de nos chocar contra obstáculos, a sermos apanhados em armadilhas, mas é preciso continuar o caminho, impiedosamente [...].¹²⁸

Tudo mudou quando tornou-se professor, como citei anteriormente. Foi um “duro golpe”, ele diz enfaticamente. E nesse momento podemos vê-lo entrando na análise de sua segunda etapa, que se inicia após 1929. Castor entrou definitivamente em sua vida e um novo horizonte deveria ter-se aberto, mas não foi isso que ocorreu.

128

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 284-285.

[...] Subitamente transformei-me em um único Sócrates. Até então, preparava-me para viver; cada instante, cada acontecimento passava por mim sem me envelhecer; eram ensaios para a peça. E então, de súbito eu estava representando; dali em diante, tudo o que fazia era feito com a minha vida; não podia recuperar forças perdidas, tudo se inscrevia naquela existência estreita e curta. Cada acontecimento vinha de fora para a minha vida e, então, tornava-se minha vida; minha vida era feita com aquilo. [...] que a vida era uma só. [...] O que sentia, obscuramente, era que não se pode formar uma opinião sobre a vida enquanto se está vivendo; ela nos apanha por trás e nos vemos dentro dela. Mas, se nos voltarmos, veremos que somos responsáveis pela vida que vivemos e que ela é irremediável. Sentia-me extremamente comprometido com um caminho que se estreitava, sentia que a cada passo perdia uma das minhas possibilidades, como se perdessem os cabelos. A propósito, eu começava também a perder os cabelos - pararam de cair depois ou prosseguiram em ritmo mais lento. Quando percebi - ou melhor, quando Castor percebeu, em Bozouls, com um grito -, o fato foi um desastre simbólico para mim. A ideia da morte deixava-me quase insensível. Mas, em compensação, tudo o que a velhice tem de irremediável e de trágico eu saboreava naquela época. Passava muito tempo diante do espelho. Aquele começo de calvície tornou-se, para mim, o sinal tangível da velhice.

129

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 286-288.

Numa palavra, enfrentei tão mal quanto possível a passagem para a idade adulta. Com 32 anos, sentia-me velho como o mundo. Como estava longe aquela vida de grande homem que eu prometera a mim mesmo! [...] Passei um ano de férias em Berlim, ali reencontrei a irresponsabilidade da juventude, e, quando voltei, continuei no Le Havre, como professor, com mais amargura talvez. Lembro-me de que, em novembro daquele ano, Castor e eu, no Havre, sentados num café chamado Les Mouettes, de frente para o mar, lamentávamos o fato de que nada de novo poderia nos acontecer [...] estávamos fartos dos nossos exames de consciência exatos de intelectuais, fartos daquela vida virtuosa e ordenada que levávamos, fartos daquilo que chamávamos então de “construído”. [...] No fundo, se tínhamos alguma nostalgia, era de uma vida desregrada, de deixar correr o barco, agitado e imperioso, de uma espécie de obscuridade contrastando com nosso racionalismo claro; de certo modo queríamos mergulhar em nós mesmos e sentir sem saber que sentíamos. Era também o existencial e o autêntico que pressentíamos vagamente, além do nosso nacionalismo de pequeno-burgueses.¹²⁹

É nesse momento que ele coloca em cena os dois elementos das mudanças que transtornaram tanto sua vida.

[...] Tudo terminou com aquele estranho humor negro que se transformou em loucura, em março daquele ano [se refere a 1935, quando usou mescalina] - e para terminar, meu reencontro com Olga, que era exatamente tudo o que desejávamos, como logo viemos a compreender. Assim, portanto, a vida era uma só e o que me ofereciam era uma existência lenta e malograda - longe, muito longe da famosa “vida de um grande homem” com que eu sonhara. Então começou um paciente trabalho de desgaste, através do qual procurei me convencer de que toda a vida estava perdida, antecipadamente perdida. [...]

Naturalmente, não me faltavam argumentos, e, se fosse preciso, eu os teria inventado; [...] dediquei-me a escrever com empenho obstinado.[...] Era, na verdade, uma moral de salvação pela arte. Quanto à vida, era preciso vivê-la ao vou-como-posso, de qualquer modo. Eu a vivi tão bem “de qualquer modo” que criei crosta, adquiri hábitos de solteirão. Estava no ponto mais baixo no momento de minha loucura e de minha paixão por Olga: dois anos. De março de 1935 a março de 1937. Entretanto, esses infortúnios me foram de grande proveito. A loucura me fez recuar os limites do verosímil: a partir desse momento, abandonei meu otimismo burguês e compreendi que tudo podia me acontecer, como a qualquer outra pessoa. Entrei em um mundo mais escuro, mas menos insípido. Quanto a Olga, minha paixão por ela flambou minhas impurezas rotineiras como uma chama de bico de Bunsen. Fiquei magro como um palito e desvairado: adeus à minha tranquilidade. E depois sofremos, Castor e eu, a vertigem daquela consciência nua e instantânea, que parecia sentir somente, com violência e pureza.¹³⁰

130

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 288-290.

Após esta segunda etapa, Sartre se percebe dentro de uma terceira, que se inicia com o aceite de seu romance *A Náusea* e com a publicação de *O Muro*, em junho de 1937, na N. R. F. (Nouvelle Revue Française). Nesse momento também conheceu Wanda e foi nomeado professor em Paris. Esse retorno à sua cidade dos encantos, das caminhadas com seu amigo Paul Nizan, dos cafés com Castor, foi crucial nesta mudança.

[...] Senti-me, de súbito, invadido por uma imensa e profunda juventude, estava feliz e a vida era bela. Nada tinha da “vida de um grande homem”, mas era a minha vida. Falarei sobre isso em outra ocasião. E, então, a vida retomou passo a passo sobre a arte, mas lentamente, timidamente. Penso hoje, que jamais perdemos nossa vida, penso que nada vale uma vida. conservei, porém, todas as minhas ideias: sei que uma vida é apática e pastosa, injustificável e contingente. Mas isso não importa,

sei também que tudo pode me acontecer, mas é a mim que acontecerá; todo acontecimento é o meu acontecimento.¹³¹

131

Jean-Paul Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 290.

132

Janet Malcon. A mulher calada: Silvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

133

Janet Malcon. O jornalista e o assassino. Uma questão de ética [1990]. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Anatomia de um julgamento: Ifigiênia em Forest Hills [2011]. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Esse belo trecho, extremamente revelador, foi escrito num único dia, no caderno e à mão. Nada dos mecanismos que usufruo atualmente neste diário de improviso que faço junto a este texto, e que procura mostrar que a vida é fragmento e que são exatamente esses fragmentos que constituem isso que chamamos de vida. Imaginem Sartre sendo interrompido pelos avisos de chegada de mensagem no celular, pela invasão dos e-mails, pelas inoportunas chamadas telefônicas de marketing, por toda essa demanda que as novas tecnologias têm feito em nossas vidas. A beleza de uma vida pode estar nesse olhar fragmentado dos percursos que realizamos. De todos os momentos em que tive conexão com o pensamento deste autor, ele atingiu seu ápice quando li seus diários. Foi ali que realmente o vi; ali senti suas ideias nascerem, não de um grande escritor de novelas, mas de um pensador que é original e que se empenhou em concretizar seu pensamento e suas ideias porque acreditava nelas.

sexta-feira, 18 de dez [fim de tarde]

Ontem e hoje - insuportavelmente quente. Na minha cozinha o termômetro acusa 34 graus!! Está de enlouquecer. Difícil pensar ou fazer qualquer coisa; uma prostração só, dor de cabeça e reação alérgica ao calor sufocante, o que piora tudo. Não consegui escrever nada, mas consegui ler alguma coisa. Fiquei siderada com o livro da Janet Malcon, *A mulher calada: Silvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia*, escrito em 1994¹³². Dela eu já havia lido *O jornalista e o assassino*, e *Anatomia de um julgamento: Ifigiênia em Forest Hills*.¹³³ Em ambos eu já havia ficado fascinada com seu modo de olhar os detalhes das histórias narradas e a maneira como ela vai ligando os testemunhos e fatos. Suas análises são altamente lúcidas e assusta um pouco nos vermos mergulhados num mundo no qual é tão fácil ser vítima de análises grosseiras e selvagens publicadas na mídia.

"Jornalistas honestos", diz ela, "que podem ter passado uma informação falsa por engano sabem que a mais proeminente das retratações nunca desfaz realmente o dano feito pela publicação original".¹³⁴ Conheço alguns casos exatamente assim. A retratação não tem o mesmo impacto e nem atinge o mesmo grupo. Caso semelhante aconteceu com as biografias de Silvia Plath, que, com raras exceções, criaram uma imagem maléfica de Ted Hughes com a qual ele conviveu, e seus filhos também, até sua morte.

O que é que está em jogo quando vamos escrever sobre a vida de alguém? Quando vamos fuçar nos cantos e esquinas que ficaram na penumbra, entrevistando amizades antigas cheias de decepções e mal-entendidos? Que contrato é este que o escritor estabelece? Ora, diz Janet Malcon,

134

Janet Malcon. O jornalista e o assassino. Uma questão de ética [1990]. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 147.

135

Janet Malcon. O jornalista e o assassino. Uma questão de ética [1990]. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 149.

136

Hannah Arendt, *Compreender. Formação, exílio e totalitarismo* (ensaios). São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 330.

[...] o escritor de ficção tem direito a mais privilégios. Ele é dono da sua própria casa e pode fazer dela o que quiser; pode até derrubá-la, se tiver inclinação para tanto [...]. Mas o escritor de não ficção é apenas um inquilino, que se deve ater às cláusulas do contrato, que estipulam que ele deve deixar a casa (conhecida pelo nome de Realidade) nas mesmas condições em que a encontrou. [...] O escritor de não-ficção tem com o leitor um contrato que o obriga a limitar-se a eventos que ocorreram de fato e às personagens que tenham equivalentes na vida real, e que não permite que ele enfeite a verdade sobre tais eventos ou personagens.¹³⁵

Isso lembra exatamente o contrato posto em cena por Lejeune no que tange as autobiografias, pois pressupomos que o autor falará a verdade, o que sabemos que não acontece. Talvez devêssemos pensar na frase de Kafka que Hannah Arendt coloca como epígrafe num dos capítulos de seu livro *Compreender*: "É difícil dizer a verdade, pois, por mais que só haja uma, esta é viva e tem feições vividamente cambiantes"¹³⁶. E a seguir ela alerta:

[...] A compreensão, diferentemente da informação correta e do conhecimento científico, é um processo complexo que nunca gera resultados inequívocos. É uma atividade interminável por meio da qual, em constante mudança e variação, chegamos a um acordo e a uma conciliação com a realidade, isto é, tentamos sentir o mundo como a nossa casa.¹³⁷

Apesar de ser um belo texto, sabemos que *Les Mots* de Sartre foi publicado para ser um texto estético e do ponto de vista de seu autor sobre sua própria história de infância. Quando o concluiu em 1963, com aquele intervalo de 10 anos entre a primeira versão e a última, foi Sartre quem decidiu que sua infância seria vista sob aquela perspectiva, escrita e finalizada por um homem de 60 anos. Sabemos, também, que nenhum autor controla as interpretações que serão feitas sobre sua obra, nem sobre si próprio. E quando ele morre, nunca mais terá a última palavra. Um exemplo disso é lembrado pelo próprio Sartre quando John Gerassi lhe pergunta sobre o pequeno livro que Francis Jeanson escreveu que dizia que Sartre sofria de um “complexo de bastardo”.¹³⁸ Ao que ele responde:

Sartre: Isso é um absurdo. Jeanson é um bom escritor, e está do nosso lado, mas nisto ele se equivoca. Em primeiro lugar, como já contei, eu nunca fui rebelde. Além disso, eu não era um bastardo, e sim um órfão, o qual é completamente diferente. Como escrevi em *Les Mots*, me sentia muito bem em casa, crescendo junto a uma irmã (minha mãe) e Moisés (meu avô), que me adoravam ou, ao menos no caso de meu avô, me fazia acreditar que me adorava, de maneira muito convincente [...].¹³⁹

As contradições sempre irão aparecer e, provavelmente, o máximo que podemos dizer é que esta é a versão que o autor dá sobre si mesmo e, neste caso, é radicalmente diferente daquela dada por Jeanson, um grande amigo seu e discípulo. Também não me agrada esse tipo de olhar sobre a obra, como também não me agradaram algumas das interpretações dadas por Contat e Deguy à

137

Hannah Arendt, *Compreender. Formação, exílio e totalitarismo* (ensaios). São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 330.

138

Francis Jeanson. *Sartre par lui-même*. Paris: Seuil, 1955. Publicado aqui no Brasil como: *Sartre*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

139

John Gerassi. *Conversaciones con Sartre*. Madrid: Sexto Piso, 2012, p. 103.

página 30 de seu texto. Mas são posições que tomamos a partir do referencial que temos, da nossa visão de mundo e de homem, sem contar o acesso à informação que, em muitas situações, como uma biografia, por exemplo, uma carta pode fazer toda a diferença. Isso só indica que tudo o que eu escrevi até aqui é como eu o vejo; como, a partir do que aprendi em seus textos e usando seu método, posso compreender um pouco essa pessoa que foi Sartre. Se isso é "a verdade" sobre Sartre, não o creio; é apenas mais um ângulo de aproximação e indica claramente a dificuldade que é compreender uma pessoa.

As autobiografias estão, como indicam alguns autores, povoadas de problemas. A de Sartre não é uma exceção, já falei sobre isto há dias atrás em que relatei o percurso de *Les Mots*, do início à sua publicação, e a tentativa de sequência, que nunca foi escrita. Sartre deu muita importância ao papel da ambiguidade na escrita e sabemos que ela é parte do seu pensar. Quando procurou explicar uma frase sua que foi mal interpretada, na qual, supostamente, colocava num mesmo plano uma obra de ficção e uma criança que morre de fome, ele acentua que o que se deve colocar é a questão: "Que significa a literatura num mundo que tem fome?".¹⁴⁰

140
Michel Contat et Michel Ribalka. *Les écrits de Sartre*. Paris: Gallimard, 1970, p. 398 [item 64/405].

141
Sartre Hoje. *L'Arc* documentos. p. 117-118.

[...] Quero dizer apenas que entre a fome da criança e o livro, a distância é incomensurável. Mesmo que seja a emoção que senti diante da fome que me leva a escrever, não chego nunca a preencher esse vazio. Para lutar contra a fome, é preciso mudar o sistema político e econômico, e a literatura não pode desempenhar nesse combate senão um papel muito secundário [que não é nulo] [...] Há uma ambiguidade de palavras: por um lado, não são senão palavras - "literatura"; por outro, elas designam alguma coisa, e à maneira delas, agem sobre aquilo que designam, elas modificam. A literatura deve jogar com essa ambiguidade.¹⁴¹

Quando li os livros de Michèle Petit, percebi as inúmeras possibilidades que a literatura oferece num mundo ainda tão desigual e injusto. Mas talvez seja exatamente esta a ambiguidade da qual ele fala.

Em *O Desafio Biográfico...* (fui interrompida e perdi o fio desta meada).

São 01:30 da manhã e ainda acordada. Tive que interromper a escrita, pois acabamos de levar um baita prejuízo. Fui guardar algumas coisas na geladeira e achei que não estava suficientemente fria. Quando abri o freezer, percebi que algumas coisas estavam descongeladas e identifiquei o problema na hora. Já havíamos passado por isso duas outras vezes. A geladeira simplesmente parou de funcionar e perdemos quase tudo. Por azar, recebemos hoje uma encomenda de um lombo e um pernil... e ontem havíamos feito as compras de mercado para as festas. Tivemos que assar o pernil e o lombo de imediato. Estou aguardando acordada para poder desligar o forno. Amado foi deitar, um de nós tem que estar bem descansado. O pouco que sobrou do freezer está super embrulhado lá fora, que está mais fresco do que aqui dentro, pois ainda tinham algumas coisas bem congeladas, mas não sei se aguentarão. Amanhã veremos. Cozinhamos também algumas coisas e nossa cachorra terá banquete amanhã. Muita comida foi pro lixo, uma tristeza. Amanhã é sábado, não sei ainda como faremos por causa da pandemia. Não queremos ninguém aqui por causa da possibilidade de trazer o vírus, e já é a terceira vez que a geladeira dá o mesmo tipo de problema. Amanhã pensaremos nas opções.

quarta-feira, 23 de dez [fim de tarde]

Decidimos comprar uma geladeira nova. Até hoje esperando a chegada dela, que era pra ter sido entregue ontem. Um calor insuportável, sem água fresca e sem poder comprar produtos que necessitam de refrigeração. Nestes últimos dias consumimos o que sobrou de legumes e algumas poucas frutas. Não fizemos compras porque ficamos céticos em relação à entrega. E estávamos certos. Já perdi a conta de quantas vezes falei com a vendedora. Estou tentando não pensar nisso, mas confesso que é difícil. Havíamos planejado nossa ceia e agora não temos nada, literalmente. Às vezes me vem uma vontade

enorme de chorar, mas me seguro e toco em frente. Leio quando consigo me concentrar, mas está difícil. Não só por causa desse nefasto episódio, mas porque o país está mergulhado novamente numa onda de mortes, pior que a do meio do ano.

A boa notícia foi que nosso prefeito foi preso e passou sua primeira noite na prisão. Seria bom que lá permanecesse. A notícia ruim é que uma mutação do coronavírus, já esperada, anda fazendo estragos na Inglaterra, que decretou *lockdown*. Os níveis de contaminação e mortos se elevaram novamente. Nas últimas 24 horas tivemos mais de 900 mortos no Brasil. E o governo federal não tem plano claro para compra de vacinas nem para distribuição. Estima-se, com otimismo, que em fevereiro, mas nessa terra de ninguém, tudo é possível... pode ser março, abril, maio... sabe-se lá!

Não sei mais se conseguirei avançar neste texto e terminá-lo dentro do prazo. Um desânimo enorme tem me achatado estes últimos dias. Continuo lendo, mas não tenho investido na escrita própria do texto - aquele ir e vir que vinha fazendo - inserindo novas conexões à medida que elas apareciam pra mim. Agora não estão aparecendo, então só faço as entradas no diário para depois ver o que acontece.

Essa é uma grande vantagem do computador, eu posso ir e voltar, escrever e apagar quantas vezes quiser, quantas vezes achar necessário. Muito diferente de um diário escrito à mão no qual isto é impossível, pois ele exige continuidade já que não dá para apagar, a não ser que rasure ou rasgue a folha, quebrando a sequência temporal da escrita. Às vezes a releitura provoca isto, uma vontade de apagar tudo, apagar a memória, zerar... como se isso fosse possível...

Penso no diário de guerra de Sartre e releio vários trechos anotados. Tenho um certo incômodo com sua análise totalizadora das pessoas.

[22:30h]

A geladeira não veio e a vendedora me avisou que a transportadora disse que eles têm até 31 de dez para entregar... passei mal.

sexta-feira, 25 de dez [tarde]

Sinto-me dentro de um circo dos horrores. Ontem houve um assassinato brutal aqui no Rio de Janeiro: um homem matou a ex-mulher a facadas na frente das três filhas. Não, não é coisa de favela. Ela, juíza; ele, engenheiro mecânico. Alguém filmou parte do ataque e já está em todas as redes sociais. Fiquei sabendo pelo rádio.

Perto disso, eu e minha geladeira somos nada. Meus problemas desapareceram perto disso. Passava das 14h de ontem quando ouvi um caminhão parar em nossa porta. Meu coração acelerou. Era a entrega da geladeira! Deixaram na varanda, fiz toda a higienização, aguardamos duas horas para ligar por causa do gás e *voilà!* Tínhamos geladeira finalmente. Vazia, mas uma geladeira!

terça-feira, 5 de jan de 2021 [tarde]

Dez dias sem uma palavra escrita, Sartre não aprovaria (rs); eu sim! As leituras continuam e o "copo de cólera" começou a esvaziar; é lento este processo, mas necessário para poder dar espaço a outras reflexões.

quarta-feira, 6 de jan [noite]

Dia histórico nos EUA. Mas não foi com surpresa que olhamos partidários do Presidente Trump invadindo o Congresso. Quatro pessoas morreram, ainda não conheço bem os fatos, mas não surpreende. E isto abre uma porta aqui no Brasil, já que o Presidente declarou hoje que o "país está quebrado" e que ele "não pode fazer nada".

sexta-feira, 8 de jan [manhã]

Ontem e hoje está dando para derreter de tanto calor. Um mal-estar que não passa, e é bem difícil fazer qualquer coisa. Regamos as plantas e nos refugiamos cada um no seu escritório com o ar condicionado ligado. Única forma de conseguir ler e escrever um pouco. Os gatos vêm todos pra cá buscando refrescar-se também.

A situação nos EUA ficou estabilizada depois do presidente ter as suas contas do Twiter e Facebook bloqueadas. Mas foram quatro mortos com aquela invasão de apoiadores do presidente, insuflados por ele em discurso. Nosso presidente aqui continua defendendo, dando com a cabeça na parede, e ainda não reconheceu que há um novo presidente eleito lá. A briga das vacinas aqui no Brasil continua e finalmente o ministro da saúde anunciou que "há um plano de vacinação" (enquanto isso, 80 países no mundo já estão em processo de vacinação). Ontem, os jornais anunciaram que em 24h, nos EUA, morreram quatro mil pessoas; de ontem pra hoje, foram mais de quatro mil. A Inglaterra decretou *lockdown* e aqui teremos os efeitos do fim de ano em alguns dias mais. Completamos 10 meses isolados no final de dezembro e não vemos perspectiva de sair do isolamento tão cedo. Até o governo efetivamente se mover com a vacinação da população, vai demorar um bocado. As empresas privadas de saúde começaram a se mover, mas isso está gerando um novo problema, pois a maioria da população não pode, nem deveria, pagar. São trabalhadores que estarão circulando e carregando o vírus, como afirmam os infectologistas. Com isso, não resolvemos o problema, pelo contrário, continuamos demarcando a fronteira da desigualdade no nosso país e permitindo a injustiça social. Quanta coisa a ser feita ainda, e não vejo movimento político nessa direção. Continuo sendo o auxílio do governo para minha faxineira, desde que ela foi demitida do emprego de doméstica em março. Opatrões não deram baixa na carteira e, com isto, ela não pode solicitar o auxílio. Classe média, média-alta, formada por profissionais liberais - advogada e engenheiro, neste caso - que não se importam com a vida alheia, tão voltados que estão em ganhar dinheiro para si mesmos.

Aliás, ontem mesmo, eu e o meu companheiro muito amado conversamos aqui sobre a diferença entre egoísmo e egotismo.

Egoísmo: amor exagerado aos próprios interesses a despeito dos de outrem; exclusivismo que leva uma pessoa a se tornar referência a tudo; orgulho, presunção; mas também: em Kant, submissão do dever ao interesse particular, em detrimento da obediência à lei moral; em Nietzsche, sentimento restrito a homem nobre e incomum, capaz de compreender o mundo do ponto de vista exclusivo de seu próprio interesse; em Ética, atitude que parte do princípio de que o fundamento de todo pensamento ou ação é a defesa dos próprios interesses.

Egotismo: palavra de 1899, significando apreço, amor exagerado pela própria personalidade; egolatria, ego; tendência a conduzir para si a atenção, revelando pouca ou nenhuma consideração pelas opiniões dos outros; é também método literário em que o próprio eu é o ponto de referência de investigações e experimentos psicológicos.

É aqui que entram os diários e autobiografias, já que são voltados à exploração do próprio EU, do si-mesmo.

142

Pierre Bourdieu. A ilusão biográfica (1986) In: Usos e Abusos da história Oral. Marieta de Moraes Ferreira e Janaína amado (Orgs.). Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 183-191.

O gênero biografia já foi muito criticado, especialmente nos anos 1980, entre historiadores. Pierre Bourdieu desancou a narrativa biográfica com uma série de argumentos que, na primeira leitura do seu texto, cheguei a ficar com dúvidas sobre este gênero que me é tão precioso.¹⁴² Sempre gostei de saber sobre a vida das pessoas, como elas viviam, como enfrentavam seus sofrimentos, como lidavam com seus problemas e sentimentos, como tomavam decisões, e por aí vai. Havia em minha casa uma grande enciclopédia de capa vermelha - algo feito para a classe média que queria educar seus filhos nos anos 60 e 70 -, que se tornou, para mim, uma grande aventura. Pegava um daqueles volumes enormes e pesados e me escondia no banheiro. Ali eu descobri a vida das pessoas na chamada "antiguidade",

o que vestiam, comiam, suas armas, seu modo de vida. Eram momentos de um prazer intenso para uma menina de 9-10 anos que não tinha pendor para “princesa” e só tinha bonecas, porque era isso que se dava de presente para as meninas naquela época. Morria de inveja do quarto do meu irmão, onde esta enciclopédia ficava. Ele tinha uma escrivaninha em que havia uma mesa que se abria em forma de L e uma bicama!!!! Havia espaço no chão para brincar e uma grande caixa de tacos de madeira com a qual criava meus mundos imaginários. Nunca tive problemas para inventar coisas para fazer e ocupar minhas mãos, pois foi sempre essa curiosidade sobre a vida que me fez começar a ler biografias.

Mas Pierre Bourdieu aponta, logo de saída, que uma vida não é uma sucessão de acontecimentos e que a noção de “projeto original” sartriano,

[...] somente coloca de modo explícito o que está implícito nos “já”, “desde então”, “desde pequeno” etc. das biografias comuns ou nos “sempre” (“sempre gostei de música”) das histórias de vida. Essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo.¹⁴³

143

Pierre Bourdieu. A ilusão biográfica (1986) In: Usos e Abusos da história Oral. Marieta de Moraes Ferreira e Janaína amado (Orgs.). Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 184.

Tudo isso é verdade. O projeto de biografia de Sartre tende a ser totalizador, já que é o modo pelo qual a compreensão é feita, baseada nas informações disponíveis. Quanto mais obsessivo for o pesquisador, buscando e relacionando dados, quanto mais eficiente for a forma de organização desses dados e a memória dele também, tanto mais é possível que esse método totalizador se efetive. De qualquer forma, não me parece ser esse o ponto do debate, e sim o da identidade formada na conjuntura do espaço social, juntamente - em se tratando de autobiografias e biografias de vivos - dos interesses que o biografado tem em relação à publicação de sua biografia para a posteridade. Os problemas da

identidade começam com o nome, como Bourdieu afirma, que é o atestado visível da identidade do seu portador no espaço social e no tempo no qual ele vive. Lembro-me da primeira vez que vi meu nome em outra pessoa; achei estranho, já que era muito raro encontrar outras "Ariane". Mas não somente o nome próprio que faz de mim quem eu sou. Não é nele que deve se sustentar este Eu, apesar dele ser parte disso. Durante 20 anos conheci uma pessoa chamada "Seu Paulo", quer era mestre de obras e construiu a casa em que hoje moro. Um dia ele pediu que olhássemos um documento e explicássemos pra ele o que era. Isso foi feito, mas ao final perguntamos quem era a pessoa cujo nome estava escrito no papel, o Sr. Hermenegildo Conceição. Ao que ele respondeu: - *Mas sou eu, esse é meu nome, mas não gosto deste nome, então digo pra todo mundo que sou Paulo*. Então, sabemos que a questão essencial da identidade não é somente o nome com o qual foi registrado, mas como você gostaria de ser chamado, já que não nos chamamos, são os outros que nos chamam.

Outra questão levantada por Bourdieu está relacionada ao comércio de venda de biografias em forma de livro. Sabemos que isso é complicado. Já mencionei o livro de Janet Malcon que sinalizava os problemas que Ted Huges teve após a publicação de algumas biografias de Sylvia Plath. O mesmo aconteceu com Simone de Beauvoir, se verificarmos a forma como elas foram narradas, beirando uma história fundada na vida sexual dela e de Sartre. Mas também não é esse o problema, já que sabemos que muitas biografias são escritas como uma tentativa dos biografados de controlarem uma narrativa de vida para um grande público, que suas histórias mais horrorosas e íntimas não apareçam divulgadas na mídia, pois perdem contratos, e muito dinheiro está em jogo. Exemplos não faltam para isto. Tanto nos anos 1980 - lembremos da Princesa Diana - como ainda hoje, tornar uma vida comercializável, transformar em produto, continua sendo o principal objetivo. A tarefa do biógrafo, como a do jornalista, diz Janet Malcon, criticando esta posição,

[...] é satisfazer a curiosidade dos leitores, e não demarcar os seus limites. Sua obrigação é sair a campo e, na volta, entregar tudo - os segredos malévolos que ardiam em silêncio nos arquivos, nas bibliotecas e na lembrança dos contemporâneos que passaram esse tempo todo esperando apenas que o biógrafo batesse em suas portas.¹⁴⁴

O que ela lembra, e o faz muito seriamente, é que as pessoas "esquecem" quando estão diante de um jornalista com quem marcaram uma entrevista para falar sobre sua vida. "A liberdade de ser cruel é um dos privilégios incontestes do jornalismo, e tratar as pessoas como se fossem personagens de romances vagabundos é uma de suas convenções mais amplamente difundidas".¹⁴⁵

Um último ponto que me parece importante neste texto de Bourdieu, diz respeito à forma de conduzir uma narrativa que englobe o movimento entre uma posição e outra, no qual sentido e valor estão fundando esse movimento. Pelo menos foi assim que compreendi. O que equivale a dizer, afirma ele,

[...] que não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado - pelo menos certo número de estados pertinentes - ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. Essa construção também é a condição de qualquer avaliação rigorosa do que podemos chamar de superfície social, como descrição rigorosa da personalidade designada pelo nome próprio, isto é, o conjunto das posições simultaneamente ocupadas num dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que age como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem intervir como agente eficiente em diferentes campos.¹⁴⁶

144

Janet Malcon. A mulher calada: Silvia Plath, Ted Huges e os limites da biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 17.

145

Janet Malcon. A mulher calada: Silvia Plath, Ted Huges e os limites da biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 49.

146

Pierre Bourdieu. A ilusão biográfica (1986) In: Usos e Abusos da história Oral. Marieta de Moraes Ferreira e Janaína amado (Orgs.). Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 190.

Confesso que em todos esses anos trabalhando como professora e psicóloga, nunca pensei numa pessoa nestes termos. Mas sempre tive clareza que sua inserção é sempre histórica e social, e que, quando estamos em atendimento terapêutico, jamais podemos despregar a pessoa de todo esse conjunto, sabendo também que a versão que está sendo narrada ali é a versão dele. O confronto com outras versões sempre aparecerá durante o processo terapêutico e ele é necessário ao próprio processo.

Lembro-me agora de dois trechos do relato de Janet Malcon que me marcaram profundamente, já que o que ela questiona é esse problema da produção de biografias, cujo estilo de narrativa sempre foi um desafio. O primeiro trecho é de uma carta de Ted Huges a um amigo da época do suicídio de Sylvia Plath, que estava lá quando o corpo foi encontrado, que ele resolveu contar e vender para uma publicação.

[...] Seu relato, em estilo aparentemente documentário, de como ela levou seu clamor à últimas consequências é a culminância e a conclusão inevitável da representação. Agora existe de fato um corpo. Os gritos atraíram a multidão, mas eles não vieram para ouvir mais gritos - vieram ver o corpo. E agora conseguiram - podem sentir o cheiro de seus cabelos e de sua morte. Você apresenta em carne e osso o que os gritos de morte vinham conjurando. O público só se interessa pelos gritos de morte quando eles garantem um corpo morto, uma morte lenta e dolorosa, com o máximo de sinais dos sentimentos que provocou. E é isso que você lhes apresenta, a coisa que o público realmente quer e necessita - a morte absolutamente convincente finalizada oficialmente visível cruenta [...].

[...] se você realmente respeitasse o que de fato aconteceu e a maneira como as coisas realmente se deram, você me teria chamado para ser coautor do texto. E quando eu me recusasse a cooperar, como certamente recusaria, você haveria de admitir que esse texto não podia ser escrito. É o que você

teria feito, a menos que estivesse mais ansioso por publicar seu relato pessoal que por conseguir o relato mais rico possível e ao mesmo tempo fazer a coisa mais humana e decente [...]. Foi o jornalista egocêntrico que existe em você [...] o jornalista do vou-publicar-e-que-se-dane (você publica e os outros se danem) que atrapalhou os seus planos, que traiu você e, incidentalmente, a nós [...].¹⁴⁷

A narrativa de Janet Malcon é absolutamente eficiente e rigorosa. Questiona continuamente o seu papel em meio a tantos mal-entendidos que sempre povoaram esta triste história que ficou para os dois filhos. Alguns anos depois de Huges ter falecido, seu filho também se suicidou.

No outro fragmento que colecionei, Janet Malcon se questiona sobre sua intromissão na vida dessas pessoas que fizeram parte da trágica história de Plath e Huges. Ao visitar um casal e também a casa de Trevor Thomas, que estiveram envolvidos de alguma forma na época da morte de Plath, para uma entrevista sobre os desdobramentos do caso, ela escreve sobre esses pecados dos biógrafos, que também são os seus, e que estão relacionados com algumas das reflexões de Bourdieu que explorei anteriormente.

Meu vislumbre dessa mulher e seu marido, vivendo tão perto da margem e militando contra a guerra química e bacteriológica, revelou-me pouco mais do que acabei de escrever, e me deixou com uma sensação de culpa pela impudência de meu relato jornalístico sobre aquela visita. O que eu sabia sobre eles? Meu relato deve ser impróprio e equivocado! E o biógrafo comete o mesmo pecado quando se propõe a esclarecer o mistério que é uma vida a partir de "dados" que não são menos escassos (quando os comparamos com a massa monstruosa que se acumula a partir das ocorrências minuto a minuto de toda uma vida) e de interpretações que não são menos toscas (quando lembramos que a motivação humana é um instrumento preciso e feito sob medida).¹⁴⁸

147

Ted Huges apud Janet Malcon. *A mulher calada: Silvia Plath, Ted Huges e os limites da biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 143-144.

148

Janet Malcon. *A mulher calada: Silvia Plath, Ted Huges e os limites da biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 151-152.

No caso de Trevor Thomas, ela foi ainda mais longe, pois faz uma metáfora da biografia e seu acúmulo de informações com a casa abarrotada de coisas desse homem idoso. Como saber diferenciar as informações que nos chegam e decidir dar maior ou menor ênfase a elas?

Mais tarde, ao pensar sobre a casa de Thomas (o que fiz muitas vezes; é um lugar que não se esquece com facilidade) [Thomas morava no andar de baixo na casa onde Silvia Plath morava com as duas crianças e tinham se encontrado algumas vezes], ela me pareceu uma espécie de alegoria monstruosa da verdade. É um lugar que nos diz: é assim que as coisas são; é essa a realidade imediata, em toda sua multiplicidade, incerteza, inconsistência, redundância, autenticidade. Diante da confusão magistral da casa de Trevor Thomas, as casas arrumadas em que quase todos vivemos parecem pobres e sem vida da mesma forma que as narrativas chamadas de biografia empalidecem e perdem a força diante da realidade desordenada que é uma vida. A casa de Thomas também ocorre a minha imaginação como uma metáfora para o problema da composição literária. A pessoa que se senta para escrever não se vê diante de uma página em branco, mas de sua própria mente atulhada de excesso. O problema é livrar-se da maior parte do que ela contém, encher imensos sacos plásticos de lixo com a mistura confusa de coisas que lá se acumularam ao longo dos dias, meses e anos de nossas vidas, coisas que fomos recolhendo através dos olhos, dos ouvidos e do coração. A finalidade é abrir um espaço onde algumas ideias, imagens e sensações possam ser arrumadas de tal forma que o leitor queira passar algum tempo entre elas, em vez de fugir correndo como eu tive o impulso de fugir da casa de Thomas. Mas esse trabalho de faxina (da narração), além de árduo, é perigoso. Há o risco de jogar fora o que não se deve e conservar as coisas erradas; há o risco de jogar fora coisas demais e ficar com a casa excessivamente nua; e há o risco de jogar tudo fora. Depois que começamos a jogar

fora, pode ser difícil parar. Talvez seja melhor nem começar. Talvez seja melhor aferrar-se a tudo, como Trevor Thomas, para não correr o perigo de ficar sem nada. O medo que senti na casa de Thomas é primo do medo sentido pelo escritor que não consegue correr o risco de começar a escrever.¹⁴⁹

Lindo trecho este último. Fico pensando neste meu texto aqui: será que acumulei coisas demais? Deveria fazer uma faxina? Ou, na própria visão de Sartre, os detalhes não são relevantes para a melhor compreensão do conjunto? Estou tentando ser totalizante? Auf! Não sei. Há certos momentos que tudo o que escrevi até aqui é relevante para a compreender seu diário e suas ambiguidades. Creio que é a isto que Janet Malcon realmente chama a atenção, para esta dificuldade em construir uma narrativa que mantenha o interesse do leitor, que o faça voltar ao texto.

Três livros me chamaram a atenção neste assunto, além dos já citados anteriormente: *São Luís. Biografia*, de Jacques Le Goff, originalmente publicado em 1996 na França; *Écritures autobiographiques. Entre confessions et dissimulation*, coletânea de autores organizado por Anne-Rachel Hermetet e Jean-Marie Paul, de 2010; e *O desafio biográfico. Escrever uma vida*, de François Dosse, originalmente publicado em 2005 na França e aqui em 2015.¹⁵⁰

O primeiro deles é um trabalho belíssimo que, na sua introdução, responde aos pontos levantados por Bourdieu. O volumoso livro trabalha a biografia deste rei e santo francês do século XIII, iniciando com duas perguntas: "é possível escrever uma biografia de São Luís? São Luís existiu?".¹⁵¹ Para isto, investigou de três formas diferentes o mesmo personagem: a primeira etapa é marcada pelos principais problemas da vida "tal como Luís a construiu"; a segunda, se atém ao "estudo crítico da produção da memória do rei santo pelos contemporâneos"; e, por fim, procurou "caminhar para dentro do personagem São Luís, explorando as principais perspectivas que fazem dele um rei ideal e único para o século XIII".¹⁵² Em Sartre, na biografia de Flaubert, encontramos as seguintes etapas: a primeira

149

Janet Malcon. A mulher calada: Silvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 222-223.

150

Jacques Le Goff. São Luís. Biografia. São Paulo: Record, 2019. François Dosse. O desafio biográfico. Escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2015. Anne-Rachel Hermetet et Jean-Marie Paul (Org.) *Écritures autobiographiques. Entre confessions et dissimulation*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2010.

151

Jacques Le Goff. São Luís. Biografia. São Paulo: Record, 2019, p. 29.

152

Jacques Le Goff. São Luís. Biografia. São Paulo: Record, 2019, p. 29.

parte diz respeito à constituição de Flaubert, a fase do adestramento, diz ele, seguida de uma análise regressiva e uma síntese progressiva; a seguir, a personalização, na qual se destaca a dissociação do ego de Flaubert, indo do Eu para o Ele e vice-versa; e a neurose na constituição final de si. O método consiste aqui em perguntas básicas que se desdobram sobre si mesmo: o que condicionou a criança chamada Gustave Flaubert? Quais foram as circunstâncias desse processo? Se ele tomou para si o que veio dos outros, o que era exatamente? “Assim o constituíram. E, sem dúvida, nenhuma determinação é impressa em um ser vivo sem que ele a possa superar com sua maneira de vivê-la”.¹⁵³

153

Jean-Paul Sartre. *O idiota da Família. Gustave Flaubert de 1821 a 1857*. Vol. 1. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 653.

154

Jean-Paul Sartre. *O idiota da Família. Gustave Flaubert de 1821 a 1857*. Vol. 1. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 656.

É exatamente o conjunto constituição inicial e a forma de interiorizá-la que fundamenta a singularidade da pessoa; e o processo de superação do que nos perturba, essa totalização em curso que se reexternaliza e se objetiva por meio de condutas, é a personalização.¹⁵⁴ Mas, eu me pergunto, entender uma vida é somente uma questão de método? Creio que alguns outros instrumentos auxiliam essa compreensão de modo a torná-la mais ampla, como aponta Le Goff.

155

Jacques Le Goff. *São Luís. Biografia*. São Paulo: Record, 2019, p. 23.

Ora, toda história é narrativa porque, situando-se por definição no tempo, na sucessividade, é obrigatoriamente associada à narrativa. Mas não é só isso. De saída, a narrativa, contrariamente ao que muitos pensam - mesmo entre historiadores -, nada tem de imediata. É o resultado de uma série de operações intelectuais e científicas que se tem todo o interesse em tornar visíveis, até mesmo em justificar. A narrativa também induz uma interpretação e comporta, também ela, um sério perigo.¹⁵⁵

Há, portanto, diz Le Goff citando Jean-Claude Passeron, a necessidade de estarmos atentos à “utopia biográfica”, isto é, acreditar que “nada é insignificante” na narrativa biográfica. Tentei, diz ele,

[...] de várias maneiras escapar da lógica constrangedora dessa “ilusão biográfica” denunciada por Pierre Bourdieu. São Luís não caminha impertubavelmente rumo ao seu destino de rei santo, nas condições do século XIII e segundo os modelos dominantes de seu tempo. Constrói-se a si próprio e constrói sua época, tanto quanto é construído por ela. E essa construção é feita de acasos, de hesitações, de escolhas. [...] não se escreve a história com a partícula “se”. Mas é preciso perceber que São Luís, em numerosas ocasiões, mesmo que se acreditasse levado pela providência, teria podido agir de outro modo em relação ao que fez.¹⁵⁶

156

Jacques Le Goff. São Luís. Biografia. São Paulo: Record, 2019, p. 23-24.

157

Bresciani e Marcia Naxara, *Memória e (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2004.

158

François Noudelmann e Gilles Philippe. *Dictionnaire Sartre*. Paris: Honoré Champion, 2004, p. 189.

É preciso levar em consideração, e nisso creio que há um grande grau de consenso entre esses dois autores, que não há como resolver de forma definitiva todas as contradições e incertezas de uma vida que uma biografia enfrenta continuamente. Ao pensarmos sobre a nossa própria história, ao tentarmos sermos narradores de nossa própria vida, como é o caso dos diários, nos deparamos constantemente com verdadeiros abismos de memória, com lacunas ou com um “superfaturamento” de determinadas situações emocionais. Memória e ressentimento caminham lado a lado, como explorou muito bem o livro organizado por Stella Bresciani e Marcia Naxara, *Memória e (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*.¹⁵⁷

Tenho que confessar, que entre os dois livros, como leitora, viajo com muito mais prazer no livro *São Luís*, de Le Goff, do que no *Flaubert de Sartre*, cuja preocupação era mais de método do que biográfica. Flaubert, para ele, era só mais um exemplo.¹⁵⁸

Sabemos que Sartre fez incursões biográficas e autobiográficas nos diários de guerra, já indicando a relação universal-singular, e que o passado não é simplesmente uma ação causal. É o sujeito que retoma o passado numa tentativa constante de unificação. O que ele vai perceber, diferentemente do que colocou no seu texto sobre Baudelaire, é o peso que as circunstâncias têm

sobre a vida de cada um, isto é, as condições objetivas e históricas, como ele já havia percebido em seus diários ao falar sobre a condição de soldado e ter sua vida determinada pela guerra, impedindo-o de realizar “seu destino” de grande escritor. Ao compreender Flaubert, ele evidencia a tática de sobrevivência por ele exercida (considero um dos grandes momentos do livro), a “tática do vôo a vela” (*vol à voile*) ou vôo sem motor, como quis o tradutor brasileiro.

Deixamo-nos levar pelas correntes que nos conduzem para onde desejamos ir, desde que às vezes saibamos deslizar de um lado a outro: no fim, não fizemos nada e tudo foi realizado.¹⁵⁹

Como diz Olivier Wickers, no seu delicioso ensaio *Trois aventures extraordinaires de Jean-Paul Sartre*, Flaubert é um desejo de abarcar a totalidade do homem.¹⁶⁰

[...] Para isso, [diz Sartre], precisaremos totalizar as informações de que dispomos a seu respeito. Nada prova, a princípio, que essa totalização seja possível e que a verdade de uma pessoa não seja plural [...].¹⁶¹

É preciso estar atento, demarca Sartre, às nuances entre a natureza dos dados que encontramos ao recolher as informações. Precisamente porque é preciso entender como o dado chegou até nós e onde ele se encaixa em toda a biografia. Sartre apresenta então dois tipos de dados para explicar o que pretende: o primeiro dado sobre Flaubert é: “ele nasceu em dezembro de 1821, em Rouen”; o segundo dado é: “ele escreveu à amante, muito tempo depois: ‘A arte me espanta’”. Temos, portanto, dois tipos de informação:

O primeiro é um fato objetivo e social, confirmado por documentos oficiais; o segundo, também objetivo quando nós nos atemos à coisa dita, remete, por seu significado, a um sentimento vivido, e nada decidiremos sobre o sentido e o alcance desse sentimento se antes não tivermos estabelecido se Gustave é sincero, em geral e, em especial, nesta circunstância.¹⁶²

159

Jean-Paul Sartre. O idiota da Família. Gustave Flaubert de 1821 a 1857. Vol. 1. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 406-407.

160

Olivier Wickers. *Trois aventures extraordinaires de Jean-Paul Sartre*. Paris: Gallimard, 2000.

161

Jean-Paul Sartre. O idiota da Família. Vol. 1. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 7.

162

Jean-Paul Sartre. O idiota da Família. Vol. 1. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 7.

Será que não estaríamos trabalhando com camadas de significados “heterogêneos e irreduzíveis?”, ele se pergunta. Mas a resposta vem em seguida:

[...] Este livro tenta provar que a irreduzibilidade é apenas aparente e que cada informação colocada em seu devido lugar, torna-se parte de um todo que está constantemente sendo feito e, ao mesmo tempo, revela sua profunda homogeneidade com todas as outras partes.

Afinal, um homem nunca é um indivíduo; seria melhor chamá-lo de universal singular: totalizado e, por isso mesmo universalizado por sua época, ele retotaliza ao reproduzir-se nela como singularidade. Universal pela universalidade singular da história humana, singular pela singularidade universalizante de seus projetos, ele exige ser estudado a um só tempo pelas duas pontas.¹⁶³

163

Jean-Paul Sartre. O idiota da Família. Vol. 1. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 7.

Com Saint Genet, Sartre pretendeu

Indicar os limites da interpretação psicanalítica e da explicação marxista; afirmar que só a liberdade pode tornar inteligível uma pessoa em sua totalidade; mostrar essa liberdade em luta com o destino - primeiro, esmagado por suas fatalidades, depois, voltando-se para elas, digerindo-as pouco a pouco - provar que o gênio não é um dom, mas a saída que se inventa nos casos desesperados, descobrir a escolha que um escritor faz de si mesmo, da sua vida e do sentido do universo, até nas características formais do seu estilo e da sua composição, até na estrutura das suas imagens e na particularidade dos seus gestos, traçar detalhadamente a história de uma libertação: foi isso que desejei. O leitor dirá se consegui.¹⁶⁴

164

Jean-Paul Sartre. Saint Genet. Ator e Mártir. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 546.

Esse método acima explicitado, penso eu, deve ser aplicado a qualquer proposta de trabalho que se pretenda sartriana, inclusive a terapêutica. A abordagem por ele exposta e defendida desde os diários de guerra,

indica o uso das diversas ciências humanas, da história à sociologia, sem privilegiar nenhuma delas. Sua proposta vai, portanto, em direção à transdisciplinaridade, uma reflexão que emerge de um pensar proveniente dessas várias áreas, mas sempre a partir do percurso biográfico, sempre contemplado no vivido (*vécu*). Neste sentido, ao escrever sobre Genet e Flaubert, Sartre acaba por escrever sobre si mesmo, diz François Dosse, postulando uma onisciência ("biografia total"). É claro que há aí, um aspecto aporético, como ele diz: "Como se pode, de longe, reconstituir a totalidade a partir de fragmentos de informação, de traços parciais?".¹⁶⁵ Cabe a vocês, leitores deste meu texto, responder a esta pergunta.

165

François Dosse. O desafio biográfico. Escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2015, p. 240.

Se uma biografia pode ser caracterizada como sartriana, é preciso repensar o que está sendo feito, pois nenhuma biografia deveria se caracterizar por ser isto ou aquilo. O fundamental é ter a clareza que, se vamos abordar essa vida a partir de tal ou qual orientação teórica e/ou metodológica, é preciso não esquecer que o fundamental ali continua sendo a história própria do biografado, sua vida, naquele momento histórico, naquela sociedade específica, naquele meio social, rodeado por aquela sociedade e por seus familiares. Se há um método a seguir, ele deve ser pensado à luz da trajetória da pessoa em questão.

terça-feira, 16 de jan

Oito dias sem uma palavra escrita. Sartre teria um colapso! Ainda bem que não sou ele (rs). Muito calor aqui - minha cozinha está batendo 37 graus nos últimos três dias - e muita confusão em torno da vacina aqui no Brasil. A inépcia do governo é total e estamos mergulhados num caos gigantesco - Manaus anda na beira do abismo com pessoas morrendo por falta de oxigênio que o Ministério da Saúde não providenciou. Colapso dos hospitais e os médicos e enfermeiras em estado de choque com o que está acontecendo.

Madrid está debaixo de muita neve, escreveram nossos amigos de lá. Pelo menos são obrigados a ficar em casa e com isto diminui a circulação do vírus, especialmente estas novas mutações que estão fazendo mais estragos. Inglaterra e Alemanha estão em *lockdown*. Só aceitam brasileiros se fizerem o teste e, mesmo assim, terão que ficar em quarentena.

sexta-feira, 22 de jan

Essa noite não dormi. Eram 04:30 da manhã e eu ainda estava com os olhos abertos tentando dormir. A irritação está a mil por hora: as sandices do Governo Federal e seus ministros, a inépcia em todos os setores, criando um caos desnecessário. Vejo e ouço as notícias e a irritação aumenta. O calor continua alto e sem perspectiva de chuvas; além disso, estamos com falta d'água. Somado às tentativas de resolver problemas de entrega de produtos pelo telefone, fico mais exausta ainda. Difícil se concentrar em Sartre e sua guerra fantasma; difícil não olhar com certo azedume para suas reclamações.

sábado, 23 de jan

Nada a relatar a não ser o cotidiano das sandices neste país. Agora, depois de muito sufoco, iniciamos uma primeira etapa da vacinação e já está dando problema por causa dos "fura-fila".

Retorno ao meu texto, releio, acrescento, tiro, reescrevo... caminho lentamente, ruminando... mas fiquei muitos dias sem escrever e perdi o ritmo. Agora estou tentando retomar, mas fico muito dividida com todas as outras coisas que também gosto de fazer. Perco a hora... quando vejo, meu dia acabou e foram poucas e mirradas linhas aqui. Continuo lendo e encontrando links e citações para trazer pra cá; tenho pilhas delas!!!!

quarta-feira, 27 de jan [manhã]

Meu amado companheiro partiu para a primeira dose da vacina. Será lá na universidade. Estão vacinando profissionais da área de saúde com mais de 60 anos e incluíram, não faço ideia da razão, os psicólogos. Deveriam vacinar primeiro todos os enfermeiros e médicos que estão nos hospitais, não entendi a lógica e não achei correto também. Fizeram o levantamento e o nome dele apareceu, então foi avisado. De qualquer forma, teremos que continuar isolados e nos cuidando, porque minha vez ainda vai demorar - falta um ano para os 60, mas ainda não cheguei lá - e ainda teremos que aguardar pela segunda dose. De qualquer forma, fico mais tranquila que ele tenha iniciado o processo.

quinta-feira, 28 de jan

Ele tomou a Oxford! Agora é aguardar pela segunda dose.

Um calor intolerável aqui, difícil trabalhar, mesmo refugiada no ar condicionado. Cada vez que saio daqui é um choque. Está mais de 40 graus hoje pois a minha cozinha está em 37 graus novamente.

Reescrevendo vários trechos de dias atrás. Nunca parece estar bom ou claro o suficiente. Releio, reescrevo e deixo de molho até a próxima leitura. Por isso acabo caminhando muito devagar. É um erro? Talvez, mas a esta altura da minha vida não quero mais nenhuma pressa. Sempre fui do tempo lento, como no texto do Milton Santos. Se não der o prazo, não deu e pronto. Nunca mais virar noite trabalhando para entregar o texto no prazo. Fiz muito disso, mas pagava um preço muito alto depois. Então agora sigo o meu próprio ritmo, imponho a mim a necessidade de não ser necessário e tudo vai bem melhor. Meu estado atual, com a aposentadoria, felizmente me permite esse ritmo. Nada a reclamar, só reiterando aqui minha realidade, para mim mesma, só para me tranquilizar.

segunda, 1 de fev [fim de tarde]

Felizmente uma ameaça de chuva hoje. Se vai chover? Disseram que em alguns pontos do Rio. Estou torcendo para que caia água aqui, pois estamos sofrendo com os dias intensos; 38 graus dentro de casa há vários dias.

Levantei super cedo hoje para conseguir finalizar um projeto do jardim, no qual eu e amado trabalhamos nos últimos dias, um pouquinho de cada vez, pois não conseguíamos ficar do lado de fora da casa de tão quente. Trabalho terminado. Mas há vários outros pendentes: acabar de pintar a parte do muro para colocar as grades; pintar uma parte do terraço; fechar o reboco que caiu no muro dos fundos ao raspar a pintura velha; acabar de montar a minha fonte e ligar a água; pintar o balde para a bica do quintal; colocar as espículas sobre o muro por causa dos meus gatos fujões... e por aí vai. Mas tudo debaixo do sol torrando não dá mesmo!

Relato o presente e algumas vezes o passado; isto porque o presente retoma o passado, à luz desse presente. Digo isso porque passei os últimos dias trabalhando sem digitar uma linha, mas lendo e fazendo anotações num dos meus cadernos para depois voltar a este texto. Trata-se da questão da sinceridade, má-fé e autenticidade que desenvolvi lá trás em algum momento. Volto a esses momentos constantemente para reler e reescrever. Faço-o porque sinto necessidade de relembrar onde estava - o que me toma algum tempo até concatenar em que momento interrompi na noite anterior. Temos encerrado as atividades aqui em casa por volta das 20:30h, para dar tempo de comer alguma coisa e deitar lá pelas 22h. Não está dando para aguentar muito tempo fora do ar condicionado ou dos ventiladores e umidificadores, sempre ligados no máximo. Então, vou agora retornar à página 12 do meu texto e desenvolver mais um pouco o percurso proposto.

sexta-feira, 5 de fev [delícia de manhã!]

Choveu esta madrugada, finalmente! Claro que ficamos sem luz, é sempre assim aqui na minha área. Chove e a energia vai embora; mas felizmente choveu e a temperatura diminuiu!! Nossa, que alívio.

Nem vou comentar a falta de noção que está ocorrendo em Brasília, Congresso *et al.* É repugnante, não tenho outra palavra para isso, e creio que teremos que aguentar mais dois anos disso, na esperança de mudar nas próximas eleições de 2022.

Daqui a três semanas estarei completando um ano de isolamento; nem sei direito o que dizer sobre isso, pois é tão insólito que parece que vivo num filme de ficção científica, uma experiência muito doida feita por gente muito mais doida ainda.

Ainda ocupada com autenticidade e sinceridade em todos esses dias anteriores. Desenvolvi boa parte do que queria, mas ainda faltam algumas coisas que não sei se consigo ainda desenvolver. Releio várias coisas, mas ao tentar juntar tudo não gosto do resultado. Reescrevo, apago, muitas dúvidas aparecem e tenho que resolvê-las. O tempo escorre como no quadro de Salvador Dali. Fico ansiosa com minha lentidão, mas é preciso perseverar e estar atenta aos detalhes. Em meio à escrita, muitos projetos novos nascem, são coisas pra mim e que adoro fazer, mas este texto está deixando estas coisas em segunda ordem e há uma briga interna aqui. Mas me comprometi com este texto, com esta jornada nos diários, algo tão querido para mim; persisto e, desde o início, trabalho em média 6 horas, às vezes mais, neste texto, todas as vezes em que venho para meu escritório. Não reclamo!

domingo, 7 de fev [manhã]

Tem chovido direto nestes últimos dois dias e a temperatura caiu abruptamente. Agora está friozinho. E tem gente que ainda não acredita que estamos com mudanças climáticas graves.

Leio e anoto coisas para este texto continuamente. Gostaria de ter ainda comigo aqui alguns livros, mas está caro demais comprar do exterior. Não é o preço do livro em si, é o transporte para o Brasil e a longa espera para receber. Correios continuam não entregando nada aqui em casa, nadinha mesmo! Felizmente conto com uma grande amiga que recebe nossas encomendas. Creio que já comentei isso anteriormente. É que é tão marcante isso que o isolamento faz com a gente, que às vezes não me dou conta de estar repetindo.

Ontem foi dia de pão *focaccia*; primeira vez que fiz. Ficou surpreendente! Lá pelo meio da fermentação achei que não ia dar certo, mas acabou dando e ficou crocante e saboroso. Meu querido adorou.

quarta-feira, 10 de fev [manhã]

Choveu muito estes últimos dias e, mesmo querendo voltar aqui ontem, acabou que não deu. Tive um telefonema de uma amiga, com quem não falava há algum tempo, e lá se foram duas horas de conversa, o que é muito raro para mim, já que ouço mal. Mas resolvi colocando os fones de ouvido e melhorou bastante. O problema maior é realmente com voz de tom grave, geralmente masculina; com ela ouvi bem. Nesses tempos de isolamento é muito bom conversar com pessoas queridas. Depois disso, almoçamos e engrenamos em um filme do Kean Loach de 2016, *Eu, Daniel Blake*. História maravilhosa e contada com todo o comprometimento social do seu diretor. Algo para não se perder, já que discute o sistema inglês de auxílio desemprego e doença. Recomendo com ênfase. O filme me fez lembrar tanta gente aqui no Brasil maltratada pelo sistema, filas imensas para se conseguir atendimento gratuito, tanto em hospitais quanto em postos de saúde. Muito triste ver que essa realidade está espalhada mundialmente. Talvez o Butão escape disso!

quinta-feira, 11 de fev [madrugada]

São uma e meia da manhã e não consegui desligar o botão. Se Sartre fosse mulher e tivesse que passar pela menopausa, não precisaria tomar drogas para ficar acordado e acelerado. Meu coração dá umas aceleradas e depois disso, difícil dormir. Há uns 10 anos atrás, fiz uma série de exames com um cardiologista. Disse-me ele que nasci com um “descompasso” (uso essa palavra, pois não me recordo mais do termo que ele usou), mas que meu organismo incorporou o tal “descompasso” e que disso eu não morreria. Menos uma coisa para preocupar.

Retorno agora para o ponto deste texto em que parei há poucas horas atrás. Tentar retomar o fio da meada e engrenar o desenvolvimento. Felizmente o prazo para a entrega do texto foi ampliado, e tenho ainda mais um tempinho, que será interrompido por uma defesa de tese online na qual sou banca.

sexta-feira, 12 de fev

Foi realmente uma noite acordada. Li, vi televisão, coisas que há noite me relaxam e chamam o sono. Nada funcionou. O estranho é que, passadas algumas horas depois de ter tomado café, a exaustão dá uma desaparecida e só retorna lá pelas 21h. Aí dou uma desabada. Foi o que aconteceu ontem à noite. Felizmente dormi a noite toda e consegui voltar hoje para este texto e fechar algumas partes dele.

domingo, 14 de fev

Fiz besteira hoje pela manhã e agora estou aqui catando milho nesse teclado. Explico: no entusiasmo, fui pra cozinha pela manhã e o resultado foi uma baita queimadura nos meus dedos da mão esquerda. Agora que a dor passou e que já xinguei o suficiente, volto aqui pra tentar escrever alguma coisa.

Nos últimos três dias, fiquei trabalhando num único trecho, que ainda não fechei, mas foi muito bom ter conseguido organizá-lo. Nunca separei a obra do seu autor, apesar de já ter debatido esta questão algumas vezes com meu amigo João da Penha por carta. Creio que o homem faz a obra e a obra faz o homem; as duas coisas estão ligadas; não consigo olhar só para a obra, preciso saber quem é seu autor, suas motivações, seus interesses, seus projetos, o que o leva nesta direção; assim sinto-me um pouco mais capaz de compreender sua obra. Em certos momentos fico profundamente decepcionada, em outros exultante; é sempre uma descoberta.

sábado, 20 de fev [noite]

Dia inteiro trabalhando aqui no texto e tem sido assim nos últimos dias. Intenso. Mas ontem me dei conta que que estava faltando algo. Tinha tido a errada ideia que já havia desenvolvido no texto as minhas anotações que havia feito para a palestra on-line. Busquei, busquei... e descobri que não. Em meio a tantos livros e papéis na minha mesa de trabalho, eles ficaram perdidos e, naturalmente, esquecidos. Retomei eles hoje e desenvolvo essa parte com bastante motivação. Muita dor nas costas de tantas horas sentada aqui no computador. Só interrompo para pequenos passeios: dou comida e os remédios para minha cachorra Bélla, que faz tratamento para câncer, tomo água, café, amado me alimenta, vou até o quintal passear com os gatos, afazeres domésticos e torno a sentar. São muitas horas aqui e estou precisando terminar. A extensão do prazo vai terminar e tenho uma banca de defesa de doutorado, que, felizmente, é um texto muito bem escrito e envolve Sartre.

Como deu para perceber, fiz várias entradas de diário em sequência e trabalhei o miolo do texto lá no passado. A linha do tempo é assim, torta, não é uma reta. Os diários se caracterizam pela entrada com data, mas quem disse que o que está escrito ali foi escrito naquele dia mesmo? Aqui neste texto não foi. Lejeune diz que os diários também passam pelo "pacto", pois todo o diário

tem um destinatário, ainda que seja a própria pessoa que o escreveu. Talvez, por isso, de forma perspicaz, Roland Barthes, na sua suposta autobiografia - cheia de aforismos -, use como epígrafe do livro uma frase sua que está reproduzida com sua própria letra. Ela diz: "Tudo isto deve ser considerado como dito por uma personagem de romance".¹⁶⁶ Homem triste esse. Seu belo livro expressa tristeza e melancolia, desgostoso consigo mesmo. Mas seu texto é um borboletear e seu foco são as palavras.

Tudo isso que registrei até aqui, em todos esses dias em que venho escrevendo esse texto, são fragmentos. Pode-se ter através deles uma vaga ideia, em alguns dias mais precisa em outros não, do que foi um pouco de minha vida. Não tenho a compulsão pela escrita, faço quando sinto necessidade de dizer algo que não consigo através da fala. Mas há dias em que não se escreve nada; nada foi registrado e os acontecimentos se perdem; nunca saberemos exatamente o que aconteceu com Silvia Plath naquela manhã quando decidiu se suicidar. Não creio que o diário destruído pudesse esclarecer. O que sabemos é que ela se suicidou. Ficamos, portanto, com vestígios de uma existência que, num diário, aparecem como reminiscências, pensamentos; parece um lugar do débito e do crédito da vida. Mais ou menos como o fez o escritor português Vergílio Ferreira que intitulou sua sequência de diários de Conta Corrente. Para um homem aparentemente sisudo e calado, falou bastante para seu diário - foram oito volumes - e ainda os publicou em vida. Sempre me pergunto porquê! Num desses volumes, não sei mais em qual, pois guardei a citação sem anotar a página, ele disse:

Toda a vida assim a marquei de certas horas, de certas estações para o poder evocador de um dia. Mas o que é estranho é que nunca registrei essas horas no tempo que aconteceram. Mas qualquer coisa delas me marcou e ficou aguardando o instante de emergirem da confusão em que nasceram.¹⁶⁷

Vejam o esforço de Simone de Beauvoir em seu diário de guerra para escrever quase durante o acontecimento.

166
Roland Barthes por
Roland Barthes. São
Paulo: Estação Liberdade,
2003.

167
Vergílio Ferreira. Fotobio-
grafia. Lisboa: Bertrand,
1993, p. 116.

Ela escreve na forma de um “presente”, mas sabemos que é um passado, que ela está em algum café, sentada, escrevendo sobre o que aconteceu. No diário de Sartre, vemos ele escrever do presente sobre o presente e sobre o passado, que é diferente. Algumas vezes ele interrompe suas reflexões diarísticas para contar uma anedota ou notícia que foi trazida por Pieter ou outro soldado. O diário acaba sendo um arquivo de memórias, um arquivo do Eu e, claro, testemunho, como ele queria. Ele é, por definição e condição, uma seleção, diz Philippe Artières¹⁶⁸. Fazemos triagens contínuas, contraditórias também, guiadas por intenções circunstanciais das quais, às vezes, nos arrependemos. Daí a destruição dele, não deixar registrado nenhum resquício daquele “mal-entendido”.

168

Philippe Artières. Arquivar a própria vida. Estudos Históricos, 1998, n. 21, p. 9-34.

169

Geroges Perec, *L'Infra-ordinaire* apud Philippe Artières. Arquivar a própria vida. Estudos Históricos, 1998, n. 21, p. 10.

170

Maurice Blanchot. *O Livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 270.

171

Olivier Wickers. *Trois aventures extraordinaires de Jean-Paul Sartre*. Paris: Gallimard, 2000, p. 221.

O escritor George Perec¹⁶⁹ diz que um diário é um arrumar-se, fazer faxina na própria vida, refletir sobre ela tentando dar sentido aos nossos atos, às novas ações realizadas. Dar sentido ao comum, ao ordinário. E Maurice Blanchot, em *O Livro por vir*¹⁷⁰, ressalta que escrever um diário é colocar-se momentaneamente sob a proteção dos dias comuns e que ninguém deve ser mais sincero que um autor do de um diário. Para ele, é como uma exigência do próprio ato de fazer um diário. Escreve-se para escapar do silêncio, para protegemo-nos do esquecimento. O diário seria um tagarela? Já que fala pelos cotovelos quando o lemos?

Nele, parece que lembrar e esquecer caminham sempre lado-a-lado nessa triagem do que registrar a esse interlocutor: “Meu querido diário...”

De qualquer forma, a ideia de sinceridade total assusta e preocupava muitos diaristas, especialmente àqueles que escrevem visando a publicação. A seleção do que registrar se torna uma prática de auto-censura para não magoar segundos ou terceiros ou, talvez, ainda, não deixar uma imagem arranhada na imortalidade literária. Olivier Wickers¹⁷¹ conta que por ocasião de uma de suas publicações que havia dedicado a Castor, Sartre conversou com seu editor e pediu para fazer alguns volumes em separado, com a dedicatória feita para outra mulher. O que posso dizer diante disso? Só posso pensar que esconder isso é tão pouco adulto... e uma mentira cujo sentido só ele mesmo deveria entender.

Se concordarmos com Maurice Blanchot sobre o quesito sinceridade - que ele considera uma exigência que todo diário deve atingir -, o diário pode se tornar um "sincericídio" autoral. Ora, se um artista não quer que se lhe conheça a obra, destrua-a ele mesmo! (Acho que li isto em Vergílio Ferreira). A sinceridade, que evoca a ideia de verdade, também pode ser um embate para o autor quando se trata, por exemplo, de Wittgenstein. Ray Monk, em sua biografia¹⁷², relata como foi para Wittgenstein conceber a ideia de escrever uma autobiografia. Ele anotou o seguinte em seu diário no dia 28 de dezembro de 1929:

172

Ray Monk. Wittgenstein: o dever do gênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

173

Ray Monk. Wittgenstein: o dever do gênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 258.

O espírito com que se pode escrever a verdade sobre si mesmo pode assumir as mais variadas formas; da mais decente à mais indecente. Portanto, escrevê-la é algo bastante desejável ou bastante indevido. Pois entre as autobiografias verdadeiras que se poderia escrever existem todas as gradações, da mais elevada à mais baixa. Eu, por exemplo, não posso escrever minha autobiografia num plano mais elevado do que aquele em que existo. E o fato de estar escrevendo-a não faz necessariamente com que eu me enalteça; portanto, posso tornar-me ainda mais torpe do que era no começo. Algo dentro de mim clama para que eu escreva a minha biografia, e eu mesmo gostaria de algum tempo para revelar à luz minha vida, para tê-la claramente diante de mim, e dos outros também. Não tanto para colocá-la à prova quanto para produzir ao menos alguma clareza e verdade.¹⁷³

É claro que o plano deu em nada. Ao fim, sabemos que estamos entrando num acordo com nosso diário, se estamos manipulando a existência, ficcionando a vida, ou se estamos dando destaque a certas passagens e riscando outras. O diário acaba se transformando numa espécie de "espaço" da descoberta do Eu, de auto-análise sem necessariamente produzir mudança, de observação do cotidiano e do entorno, das circunstâncias, das vitórias e derrotas, do "útil e do fútil" (isso é Machado de Assis definindo a crônica-folhetinesca no século XIX); espaço também para estabelecer ou descobrir um método de trabalho.

domingo, 28 de fev

Essa semana fiquei em função da Banca de defesa da Tese que comentei. Terminando de ler, fazendo anotações, etc. Foi na sexta-feira. Um belo trabalho que indicamos para publicação. É um prazer ler trabalhos assim, bem escritos.

Agora tenho que voltar aqui e terminar esse texto, pois que se alonga demais e quero fazer outras coisas. Como sempre acontece comigo, depois que começo fico ansiosa para terminar e já iniciar outra coisa. Muitas ideias na cabeça e vontade, mas nem tudo é viável.

A difícil tarefa de lembrar onde parei e retomar o encadeamento é sempre a minha maior dificuldade. Não quero reler as páginas anteriores, pois, se o fizer, vou passar o dia fazendo correções e ajustes e não caminho em direção ao final. Tenho que, então, encontrar aqui mesmo essa danada continuidade.

Por diversas vezes em seu diário de guerra, Sartre demarcou que não gostava dos diários. A expressão "journal intime" (que traduziríamos como "diário íntimo" ou "diário privado", em português), diz Michèle Leleu, necessitaria de uma denominação mais adequada em francês e por oposição aos jornais impressos que também se utilizam da mesma palavra.

174
Michèle Leleu. Les Journaux intimes. Paris: PUF, 1952, p. 4.

175
Bernard Bouvier. Introdução. In: Henri-Frédéric Amiel. Diário Íntimo. São Paulo: É Realizações, 2013, p.21.

[...] frequentemente, a expressão "diário privado" é erroneamente usada na prática para designar tal escrita que certamente está em um "diário", mas, por outro lado, nada tem de íntimo.¹⁷⁴

Esse questionamento ela o fez em 1952, quando da publicação deste seu livro, mas até hoje, pelo que sei, nenhuma outra designação foi sugerida. Creio que a força da expressão "journal intime", por si só já caracteriza este espaço privado que o diário possui. Seu trabalho faz uma classificação dos tipos de diários, mas sua ênfase é sobre o que denomina de diários pessoais, usando o próprio esquema montado por Amiel, que chama de "As três esferas concêntricas da vida subjetiva, isto é, os fatos e os atos; as ideias surgidas; os sentimentos experimentados, devem formar ou compor a matéria do Diário".¹⁷⁵

Sartre vem lendo diários desde o início da mobilização para escrever sobre o diário de Gide¹⁷⁶. Do diário de Dabit, escritor francês falecido em 1928, diz:

[...] gritos. Interrogações oratórias. Algo de vago, de vazio. [...] um pouco irônico: apesar de seu enorme medo da guerra, acabou morrendo com escarlatina e sou eu, seu leitor, quem vivencia sua guerra ao ler seu diário”.¹⁷⁷

De Gide, enfatiza o cuidado e a medida de cada palavra ali colocada, o que o leva a fazer uma comparação entre suas frases e as dele, que são “frases bem recortadas” e que “não tem odor”. As dele, ao contrário, parecem “causar repugnância por seu mau cheiro”¹⁷⁸ (nessa época estava escrevendo *A idade da razão*, mas já havia publicado *A Náusea* e *O Muro*).

A leitura do Journal de Gide faz-me sentir ininterruptamente que não sei o que é escrever bem. Faz-me lembrar a frase de Maheu (1926 ou 1927) [primeiro amante de Simone de Beauvoir e colega na École Normale Supérieure]: “Pobre Sartre, não há ninguém que persiga com tanto ardor a beleza e que seja menos capaz de conseguí-la”. Na minha escrita, existe não sei quê de espesso e germânico. Nas minhas frases, uma adiposidade discreta que as torna, levemente, compactadas. Com o tempo elas me indispõem. Seria necessário eliminar o excesso, mas dá-me sempre a impressão de que, neste caso, a ideia ou o sentimento perderiam seu matiz. Senti-me sempre enojado após ter escrito durante um período muito longo. Para mim, meu estilo tem um odor orgânico, como a respiração pesada de um doente, como um odor de estômago.¹⁷⁹

Tive acesso a uma seleta dos diários de Gide que comprei em e-book.¹⁸⁰ Minha impressão é de um texto muito bem pensado, cada detalhe sobre o dia, às vezes tão monótono, tem sua razão de ser. Algumas coisas espontâneas, mas não é o predominante. Cada palavra parece ter sido burilada e sabemos, claro, que Gide publicou seus diários

176
Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 33, nota 26.

177
Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 43.

178
Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 68.

179
Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 67.

180
André Gide. Diário (Minus). Barcelona: Alba, 2012.

181

David Lodge. A arte da ficção. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 57

enquanto estava vivo; portanto, deve ter sido muito criterioso com o que escrevia. Novamente a questão da sinceridade. Como ela volta neste tipo de texto. Espera-se que o autor fale sobre si, que dê ao seu leitor “tudo” sobre si mesmo; mas esta totalidade é impossível de alcançar, o próprio autor sabe disso, todos nós o sabemos também; então ele oferece a sua seleta do cotidiano, fazendo os cortes e os ajustes que se fazem necessários - em caso de publicação. O caráter do diário íntimo é ser pessoal, ser uma escrita do eu na qual a historicização da vida é realizada ao correr dos dias. Seu “tom”, parece-me, é dado pelas próprias características do seu autor, mais confessional ou lamuriento, como reclama Sartre, mais emotivo ou racional, mais testemunhal ou supérfluo; tudo vai depender da própria maneira de ser do seu autor e a ênfase que dará a tal ou qual episódio no momento em que narra no diário. Geralmente, um diário é um retrato fragmentário do que considere relevante escrever ou registrar. É como um vaso quebrado: temos muitas peças dispersas que se espalharam pelo chão da cozinha onde quebrou; se for tentar colar, perceberei que faltam fragmentos, especialmente os menores que não coletei; volto ao chão da cozinha, passo novamente a vassoura, encontro mais um ou dois fragmentos, mas ainda assim ficam espaços na colagem. Os buracos são evidentes; são evidências da impossibilidade da totalidade. Parece-me que os diários são assim cheios de buracos - e não poderiam ser de outro jeito -, dão saltos, como o monólogo interior no relato de um dia de Leopold Bloom, em Dublin, exatamente 16 de junho de 1904. Este é o *Ulisses*, de James Joyce. Compartilhar os pensamentos mais íntimos, os saltos do fluxo de consciência, diz David Lodge, é como usar “fones de ouvido plugados diretamente ao cérebro de outra pessoa e monitorar essa gravação interminável de impressões, reflexões, questionamentos, memórias e fantasias do sujeito à medida que sensações físicas ou associações de ideias os motivam”.¹⁸¹ Bela e assustadora descrição, mas só em imaginar estar plugada ao cérebro de Sartre já tenho arrepios, e não é no bom sentido!

Em 2 de outubro, uma segunda-feira, Sartre reflete sobre este ofício de escrever um diário. Registra nele

182
Thomas Mann. Diarios
1937-1938. Barcelona:
Plaza & Janes Editores,
1987

suas impressões e, claro, a questão da publicação aparece. Ele e Paul Nizan, na época de seus estudos, chamavam de *factum* um texto para publicação, que tinha a escrita trabalhada e nada da espontaneidade. Geralmente esperamos, num diário, a escrita espontânea e despretensiosa e, claro, muito do cotidiano de seu autor. Vi, na seleta dos diários de Thomas Mann¹⁸², esse cotidiano metódico, muitas vezes monótono. Os editores optaram por não mutilar a sequência de um dia, o que muitas vezes é feito com a publicação de seletas de diários, já que é inviável a publicação de diários que se estenderam por décadas, como foi o caso de Amiel (são 173 cadernos manuscritos, quase 17 mil páginas escritas). Essa decisão dos editores demarcava, claramente, a característica da escrita diarística, que cada dia representava uma unidade, mesmo com as repetições que, no caso de Thomas Mann, vê-se com clareza. Mas em 2 de outubro de 1939, Sartre procura se expor no seu diário, e parece bastante espontâneo - a meu ver, ele é sempre espontâneo no diário-, mas nesse dia ele questiona exatamente o centro da questão do diário: ao alterá-lo para publicar, isso não seria falsificar?

Hoje, talvez, tenha sido o dia em que a guerra foi, para mim, o mais natural, eu estava submerso nela e não fiquei surpreso. Esta falta de surpresa, certamente, é que contrariou meu pensamento. No entanto, mantive uma espécie de apetite para escrever, neste caderno, todos os dias. Cheguei mesmo a comprar outros dois cadernos do mesmo formato. Mas tratava-se de um apetite de escrivinhador, de colecionador. Eu tinha uma vontade pueril de possuir quatro ou cinco cadernos cheios, como, na minha infância, possuir a coleção completa das aventuras de Buffalo Bill. E também, ingenuamente seduzido pela espessura do Journal de Gide. Eu gostaria que meu "diário de guerra" fosse também espesso. De fato, naturalmente, tenho intenção de publicá-lo. A bem da verdade, permaneço bastante indeciso. Em primeiro lugar, apresento aí, sem rodeios, meus sentimentos a respeito de B. e de Wanda; por conseguinte, não consigo imaginar que estas

anotações sejam publicadas sob sua forma atual, enquanto minha vida “civil” continuar sendo o que ela é. Em seguida, elas estão muito mal escritas. De vez em quando, tenho a preocupação de “caprichar” a frase e, depois, em outras oportunidades, o meu esforço resulta em um total fracasso. Se eu tivesse que entregar meu caderno ao público, eu deveria corrigi-lo. Mas isso não seria falsificá-lo? Retocar a sintaxe não será tornar-se infiel ao próprio espírito de um diário? Finalmente, as circunstâncias desta guerra e de minha função obrigam-me a falar aqui, unicamente a meu respeito. Tudo o que sei desta guerra tem chegado ao meu conhecimento por ouvir dizer. Por considerar as coisas de fora, trata-se de um diário de nada.¹⁸³

183

Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 76-77.

Ao perguntar-se sobre a correção do texto, “retocar a sintaxe”, como ele diz, “não será tornar-se infiel ao próprio espírito de um diário?” Tornar-se infiel, é trair, trair a confiança do leitor. O pacto do Philippe Lejeune acabou de ressoar aqui! Pois é essa questão tão evidente que acaba por se ligar àquela da autenticidade e da sinceridade. Ser sincero não significa contar tudo, significa que o que contar será verdadeiro, honesto. Ser autêntico é não sabotar a si mesmo, mesmo que esta pessoa que aparece na escrita seja um tanto desprezível ou de moralidade duvidosa.

Um homem isolado [ele continua falando de si aqui], separado dos seus, passa dias inteiramente ociosos em uma aldeola alsaciana. Ele não sabe quando este exílio terá fim. Neste ponto, não há, evidentemente, motivo para observações edificantes. Se eu estivesse na Linha Maginot, a situação seria completamente diferente. Portanto, até o dia de hoje - de fato, tudo pode mudar rapidamente - não vejo a possibilidade de publicar a não ser que haja interesse pela guerra, mas por mim. Ora, por enquanto ninguém se interessou por mim. De modo que, ao vislumbrar a eventual publicação destas anotações, admito que essa data ainda está bastante distante.

Apesar de se limitarem a falar de mim, estas

anotações não tem nada de íntimo; aliás, não as considero como tais. No mesmo instante em que as coisas acontecem comigo e em que faço minhas reflexões, sinto vontade de comunicar tudo isso a Castor; mal o acontecimento me atinge e eu começo logo a relatá-lo. A partir de tudo o que sinto, procedo à sua análise para outrem no próprio momento em que o sinto, com a intenção de utilizá-lo imediatamente, aqui ou em outro lugar. Se eu não mantivesse esse diário e se a censura militar não estivesse em ação, a maior parte do que escrevo nestas páginas constituiria o conteúdo das minhas cartas - e, instantaneamente, eu esqueceria o resto. Não conheço ninguém que seja tão público quanto eu. Na maior parte do tempo, meu pensamento surge a partir da ideia de convencer tal personalidade concreta; e ao elaborar meus raciocínios, sirvo-me do modelo retórico com a finalidade de persuadir ou refutar. Minha única intimidade reside em minhas sensações e no gosto íntimo por meu corpo, justamente por serem incomunicáveis. Portanto, parece-me que este caderno não é passível da crítica que, habitualmente, é dirigida aos diários íntimos, a saber: o respectivo autor estaria focalizado em dois aspectos, intimidade e publicidade (íntimo, tão íntimo quanto possível, mas para ser publicado posteriormente). Seja qual for o destino destas anotações, venham ou não a ser publicadas um dia, tenho escrito estas páginas sob a inspiração de um espírito público - e, antes de tudo, com a intenção de mostrá-las a Castor.

Além disso, devo reconhecer que não ganho nada com esta atividade. Meus pensamentos deveriam tornar-se mais claros no papel, mas acho que, desde os 15 anos, organizei-me sem ajuda de um caderno. Penso e exponho dentro de mim, conservo tudo isso sem escrever. De modo que, na maior parte do tempo, anoto, aqui, o que já havia sido pensado e formulado, integralmente, na minha cabeça.

Aliás, aqui, nova ambiguidade do diário íntimo: deve-se pensar ao escrever ou escrever o que foi pensado? Pensar ao escrever, isto é, indicar com

precisão e desenvolver um tema com a caneta na mão: a pessoa corre o risco de se forçar, de tornar-se insincera. Escrever o que foi pensado: neste caso, deixa de ser um diário íntimo; perdeu o não sei o quê de orgânico que faz sua intimidade. A bem da verdade, nestes cadernos, vejo apenas duas utilidades: servir de lembrete - e, ao lado dos pensamentos, apresentar a história dos pensamentos.

Sejamos justos: ainda existe uma outra coisa. Estes cadernos correspondem a uma preocupação surgida por volta do último mês de julho e que era a seguinte: tratar-me - não por interesse por mim, mas porque sou meu objeto imediato - sucessiva e simultaneamente pelos diversos e mais recentes métodos de investigação: psicanálise, psicologia fenomenológica, sociologia marxista ou marxizante, a fim de ver o que é possível tirar concretamente de tais métodos. Exatamente na época em que fiz reais descobertas sobre meu orgulho. Fui tentado pela aplicação que eu poderia fazer de tudo isso ao meu ser-em-guerra. Mas vejo que me afastei desse intuito. Amanhã tentarei esclarecer minha situação em relação à guerra, ou seja, a maneira como, a partir da minha vida civil, eu deveria abordá-la.¹⁸⁴

184

Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 77-78.

Queria chamar a atenção para duas coisas a partir desse longo trecho que considero importante e revelador. A primeira é que, ao fim de um dos parágrafos, exatamente após a palavra Castor, segue uma nota de rodapé feita pela organizadora do material, a amante-filha adotiva Arlette Elkaïm-Sartre. A sutileza da nota surpreende, como também a ironia que ela contém. Sugere que Castor é o "público" e tenta minimizar a importância dela nesta relação necessária. As diferenças entre Castor e Arlette não são novidades, elas já vinham acontecendo antes de Sartre falecer e deram aos últimos anos de vida de Castor um sabor amargo, que também envolvia a organização de publicações de Sartre cujo espólio ficou nas mãos de Arlette. Esta nota, feita após o falecimento de Simone de Beauvoir para a nova edição da Gallimard dos diários, soa como uma pequena espetada ao se colocar um broche

na nossa roupa. Mas diferente do broche que nos espeta ao acaso, esta nota, a meu ver, espeta diretamente Castor, que não pode mais retrucar. Cohen-Solal comenta suas diferenças na biografia de Sartre¹⁸⁵. Ao abrir seu último trabalho, *Cerimônia do Adeus*, Simone de Beauvoir conta que quando eram jovens e que, ao final de uma discussão quando um deles triunfava ostensivamente, um dizia para o outro: “Você está enclausurado! Você está enclausurado; não sairá daí e eu não me juntarei a você: mesmo que me enterrem ao seu lado, de suas cinzas para meus restos não haverá nenhuma passagem”.¹⁸⁶ Ao encerrar o livro, ela percebe que a separação é definitiva.

185

Annie Cohen-Solal. Sartre. Porto alegre: L&PM, 1986, p. 652-652

Sua morte nos separa. Minha morte não nos reunirá. Assim é: já é belo que nossas vidas tenham podido harmonizar-se por tanto tempo.¹⁸⁷

186

Simone de Beauvoir. *Cerimônia do Adeus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p.11.

187

Simone de Beauvoir. *Cerimônia do Adeus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p.172.

188

Simone de Beauvoir. *Cerimônia do Adeus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 53.

O segundo ponto que chamo a atenção diz respeito à noção de intimidade que Sartre explicita: aquilo que não pode ser comunicado e, aparentemente, acredita que seu diário não tem nada de íntimo. Temo não concordar com esta sua noção de intimidade, apesar de compreender o que quer dizer - Castor diz que ele era extremamente puritano e que não falava sobre certas coisas.¹⁸⁸ “Minha única intimidade [ele diz na citação da p. 77-78] reside em minhas sensações e no gosto íntimo por meu corpo, justamente por serem incomunicáveis”. O que me ocorre é que a intimidade diz respeito ao que não é público, àquilo que é familiar e também ao privado. A cada momento que leio um diário, sinto-me entrando na casa do seu autor, sinto-me aproximar da sua privacidade e vasculhar sua intimidade; seus sentimentos estão ali expressos, suas dúvidas, erros, acertos, vitórias, derrotas, angústias, momentos felizes, tristes ou apenas o banal de um dia, os acontecimentos que tomaram seu tempo e que se tornaram um registro desse dia. Há também outro ponto fundamental: o que ele chama de “nova ambiguidade do diário íntimo”, que eu poria nos seguintes termos que não são, necessariamente, os mesmos dele: como expressar, no diário, o acontecimento? Ele deve ser escrito ao se pensar sobre ele ou viver e escrever ao mesmo tempo? Sartre aponta para a possibilidade de ser insincero ao

pensar e escrever; mas ao fazer o inverso, escrever o que foi pensado, crê que perde a intimidade do próprio diário. Não me parece inviável ser sincero ao escrever sobre o acontecimento no passado, já que se tenta expô-lo à luz do presente e como ele aparece para mim naquele momento. É possível traí-lo? Com certeza que sim. Vemos isso sempre durante os processos terapêuticos em que os relatos são revistos continuamente à luz de novos elementos que vão aparecendo ao longo dos encontros. Os diários também podem conter enormes traições, a si mesmo e aos outros. Sartre sempre foi um racionalista com muita lucidez e buscou um grau extremo de coerência entre seu pensamento e suas ações ao longo da sua vida. Nem sempre foi feliz em suas tentativas e errou feio algumas vezes, como ele mesmo admite e disse em tantas entrevistas. E aqui, neste longo trecho, ele mesmo admite que os cadernos surgiram antes da guerra, como uma ideia de auto-análise, usando a si mesmo como cobaia para explorar um método. A guerra serviu como justificativa para este projeto, já que nada poderia fazer senão ir para a guerra, todo o resto ficou em suspenso. Escrever sempre foi seu projeto, apesar de dizer que era ser um grande escritor. Mas escrever é o que se sobressai acima de tudo. Lembrei do trecho em que ele admite a cegueira a Castor, que se instala em 1973, e sua tristeza com o apartamento na torre:

189

Simone de Beauvoir. *Cerimônia do Adeus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 91.

Sartre: É estranho pensar que este apartamento é meu.

Simone: Ele é muito bom, sabe.

Sartre: Não gosto mais dele.

Simone: Como? Agradava-lhe tanto.

Sartre: A gente se cansa das coisas.

Simone: Você se cansa rápido: eu estou no meu há dezoito anos e sempre me sinto bem lá.

Sartre: Sim, mas aquele é o lugar onde já não trabalho mais.¹⁸⁹

Considero, então, os diários de guerra bastante íntimos e pessoais, apesar dele expor que não são. Ele ali se apresenta, ali se analisa e conta suas histórias e os

problemas que passou ou está passando. Fala de suas vontades futuras. É um testemunho sobre um pequeno-burguês na guerra e é também confessional, como ele também demarca.

[...] Portanto, este diário é sem humildade - além disso, como observei em algum lugar, é sem intimidade. É um diário pagão e orgulhoso. Sob outro aspecto e visto com um espírito completamente diferente, este diário é um questionamento de mim mesmo. E aí podemos talvez aproximá-lo das confissões de Gide. Mas só na aparência. Esse questionamento, não o faço gemendo e cheio de humildade, mas friamente, com o objetivo de progredir. Nada do que escrevo é um ato, no sentido em que falei dos atos de Gide. São registros e, ao escrevê-los, tenho a impressão - enganadora - de deixar pra trás aquilo que escrevo. Nunca sinto vergonha, jamais sou arrogante. Quase sempre há uma defasagem entre o momento em que sinto e o momento que escrevo. Portanto, é essencialmente um passar a limpo. Salvo, talvez, em alguns casos, quando o sentimento comanda, de um só alento, o que escrevo. Tento criar, quando escrevo, uma base sólida e cristalizada como ponto de partida. [...] Minhas notas "confessionais" têm o mesmo objetivo: ajudar meu ser atual a mergulhar no passado, a obscurecê-lo um pouco quando é preciso. Há, nesse caso, uma parte de ilusão, pois não basta denunciar uma constante para modificá-la. Mas servirá ao menos para traçar as linhas gerais da mudança possível.¹⁹⁰

190

Sartre. Diário de uma guerra estranha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 278-279.

Eu teria muito mais material para continuar, mas como me disse um grande e velho amigo, é necessário por um ponto final. Então, hoje, março 1, ponho um ponto final aqui neste texto, sabendo que haveria muito mais a dizer (ainda tenho listas de citações), mas que esta tarefa não pode se transformar em Sísifo. Foi, para mim, um certo tipo de acerto de contas com Sartre, pois gostaria de ter conhecido este Sartre quando iniciei meus estudos

sobre seu pensamento. Fica, então, para quem começa, a sugestão para conhecerem o Sartre que eu queria ter conhecido quando iniciei através do livro do Jonh Gerassi, *Conversaciones com Sartre*; a leitura do seu *Diário de uma Guerra Estranha*; e o livro de Iztván Mészáros, *A obra de Sartre. Busca da liberdade e desafio da história*, em nova edição atualizada da editora Boitempo. Teriam mais indicações? Claro que sim, mas estou me segurando aqui porque já ultrapassei em muito o limite de páginas que me deram para a publicação deste texto.

Como sempre demarquei, me interesse por pessoas, e como essas pessoas lidaram com a vida e seus problemas. Sartre me auxiliou muito como referencial teórico-metodológico para pensar o homem e o mundo e continua sendo um marco importante, mas não o único, para minhas reflexões. Espero que este texto auxilie a outros que se iniciam em seu pensamento, pois mostra que Sartre não foi infalível - e nem desejava sê-lo - e que as lendas que se criaram em torno dele e de Castor têm muito a ver com eles mesmos e seu jeito de levar a vida, a vida que escolheram para si, a forma pela qual decidiram que haveria o necessário e o contingente, e as consequências que esta decisão acabou gestando.

Por fim, só para lembrar, "Eu" vou desaparecer! É verdade, a gente some quando morre e, como ateia, não nos encontraremos em nenhum lugar. Mas ficam alguns escritos meus - todos disponíveis on-line e gratuitos -, algumas memórias minhas com amigos que foram ex-alunos, ex-orientandos, com quem convivi por longo tempo na universidade e fora dela e por quem tenho grande estima; se tornaram excelentes professores e hoje estão trabalhando em universidades públicas e, ali, defendem e semeiam essas ideias que sempre me foram tão caras. Para vocês, todo o meu carinho.

Durante a "confecção" deste texto, um dos livros que abri para pesquisar foi um presente do meu querido JorgeCoelho (gosto assim, tudo grudado mesmo no

nome, dá a ele uma característica especial para mim). Nele encontrei uma dedicatória que gostaria de compartilhar com vocês, pois ela fala de nós dois e sobre um dia em que tudo começou, com um olhar.

Para Ariane
A medida da vida se dá pelo olhar
Quando eu penso na alegria
é nela que eu penso
Quando estou triste, é com ela
e mais ninguém que eu quero consolo
Quando eu penso no futuro,
há sempre ela sentada no horizonte
É para lá que eu vou
por ela, para ela
por mim, por nós
pelo sonho que o olhar constrói.

Maio/2005

Jorge Coelho.